

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

DIOGO SERAFIM SCHMIDT

VALORES ÉTNICOS E EMPREENDEDORISMO:
ESTUDO SOBRE A MENTALIDADE EMPREENDEDORA DE DESCENDENTES DE
ALEMÃES E DE ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE
2015

DIOGO SERAFIM SCHMIDT

**VALORES ÉTNICOS E EMPREENDEDORISMO:
ESTUDO SOBRE A MENTALIDADE EMPREENDEDORA DE DESCENDENTES DE
ALEMÃES E DE ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito para a
obtenção do título de Mestre em Sociologia no
Programa de Pós-Graduação em Sociologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ORIENTADOR: DANIEL GUSTAVO MOCELIN

PORTO ALEGRE
2015

CIP - Catalogação na Publicação

Schmidt, Diogo Serafim

Valores Étnicos e Empreendedorismo: estudo sobre a mentalidade empreendedora de descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul / Diogo Serafim Schmidt. -- 2015.

146 f.

Orientador: Daniel Gustavo Mocelin.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Etnicidade. 2. Empreendedorismo. I. Mocelin, Daniel Gustavo, orient. II. Título.

DIOGO SERAFIM SCHMIDT

**VALORES ÉTNICOS E EMPREENDEDORISMO:
ESTUDO SOBRE A MENTALIDADE EMPREENDEDORA DE DESCENDENTES DE
ALEMÃES E DE ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

APROVADA EM: 23/03/2015

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr^o. Daniel Gustavo Mocelin (orientador)
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS

Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/UFSM

Prof^o. Dr^o. Odil Matheus Fontella
Professor OMF/PUCRS

Prof^o. Dr^o. Karl Martin Monsma
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradecer é a parte mais prazerosa quando se conclui uma etapa. Em primeiro lugar a minha família: aos meus pais, Lelis e Teresinha, e as minhas irmãs, Joana e Carmen, pelo amor e apoio irrestrito no decorrer dessa e de outras tantas etapas. Mas aqui cabe um agradecimento especial, *in memoriam*, para a minha vó Ermelinda. Foi com ela, ainda criança, que aprendi a escutar atentamente as histórias de sua vida que me chamaram tanta atenção. Sem sombra de dúvidas estes foram momentos marcantes que me despertaram o interesse em, posteriormente, estudar e compreender a etnicidade.

Se a única coisa que temos na vida é o tempo, posso dizer que ele foi muito bem empregado na dedicação a desenvolver este estudo. Reporto imensa gratidão a todos os empreendedores que de forma tão solícita me receberam, atenderam e narraram suas experiências para este ouvinte entusiasmado. Também ficarei com as lembranças das vezes em que minha mãe e minha irmã me acompanharam nessa jornada. Enquanto eu fazia as entrevistas elas conheciam um pouco da cidade em que nos encontrávamos e até mesmo alguns parentes pudemos visitar.

Ao Grupo de Pesquisa Sociedade, Economia e Trabalho com o qual venho aprendendo, desde 2010, os caminhos da pesquisa sociológica. E para representar o grupo de pesquisa faço menção ao meu orientador, Daniel Gustavo Mocelin, que, desde a graduação, me auxilia no meu desenvolvimento e aprimoramento enquanto pesquisador e ao qual considero um sociólogo-amigo. Obrigado pelos diálogos sempre tão produtivos, pela disponibilidade em me atender e, sobretudo, por confiar nas minhas escolhas e apontar boas direções a seguir.

Carrego um orgulho especial em integrar o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFRGS onde o debate acadêmico é do mais alto nível: do corpo docente ao discente. Guardarei sempre ótimas recordações do convívio com meus colegas que ingressaram em 2013. Foi uma experiência singular ao nível pessoal e da formação profissional. Nesse sentido, tenho que ressaltar o papel do CNPq. Foi através da bolsa concedida durante o período que pude me dedicar única e exclusivamente ao mestrado acadêmico. Além disso, me possibilitou participar de eventos científicos e conhecer pessoas e lugares registrados na memória.

Muito obrigado a todos vocês por esta oportunidade enriquecedora em minha trajetória!

RESUMO

O estudo partiu da inquietação em constatar que, passados 190 anos do início da imigração europeia para o Rio Grande do Sul, e, mesmo vivendo em outro tipo de contexto, bastante modificado se comparado ao ambiente dos seus antepassados, os descendentes de alemães e de italianos ainda mantêm vivas crenças e valores étnicos, principalmente relacionando o empreendedorismo como uma característica típica do imigrante e, por consequência, também sua. O discurso que relaciona a etnia com o empreendedorismo é constantemente ativado por alguns grupos sociais para vincular o desenvolvimento e o crescimento do estado aos grupos de imigrantes europeus. O discurso em questão muitas vezes transmite a ideia de que sem a chegada desses grupos de imigrantes o estado não teria alcançado um desenvolvimento considerável. Não cabe ao presente estudo comprovar essa ideia, mas busca-se identificar como ela atua no imaginário social de descendentes de imigrantes e explorar sua funcionalidade como mecanismo ativador da mentalidade empreendedora. O intento da pesquisa foi compreender em que medida as crenças e os valores étnicos do agente se relacionam a sua condição de empreendedor como mecanismos decisivos para promover a mentalidade empreendedora. Para analisar esse fenômeno, o estudo está fundamentado na Nova Sociologia Econômica, enfatizando um viés sociocultural de interpretação, contrapondo-se a perspectivas mais ortodoxas presentes na teoria econômica e na teoria comportamentalista. O objeto de pesquisa são as crenças e os valores étnicos do empreendedor e a unidade de análise é o mecanismo étnico como promotor da mentalidade empreendedora. Em nossa amostra contamos com dezesseis empreendedores (interlocutores), representativos de perfis bastante diversificados, dos quais dois deles são casos de controle sem a vinculação étnica alemã ou italiana. Uma das características utilizadas como critério seletivo da amostra de entrevistados de descendentes de imigrantes alemães e italianos é a endogamia, ou seja, o indivíduo é filho exclusivamente de pai e mãe descendentes de imigrantes alemães ou de pai e mãe descendentes de imigrantes italianos em todas as gerações. Dessa forma, discute-se a relação entre etnicidade e empreendedorismo.

Palavras-chave: etnicidade, empreendedorismo.

ABSTRACT

This study was originated by the uneasiness of finding that, though 190 years have passed since the European immigration to Rio Grande do Sul, and despite living in another context, rather modified when compared to the environment of their ancestors, the German and Italian descendants still keep lively beliefs and ethnic values, mainly relating entrepreneurship as a typical feature of the immigrant and thence also theirs. The discourse that relates ethnicity to entrepreneurship is constantly activated by a few social groups to link state development and growing to European immigrant groups. The discourse in question often transmits the idea that without the arrival of these immigrant groups the state would not have reached a considerable development. It is not among the aims of this study to prove this idea but rather to identify how it operates in the social imagery of immigrant descendants and to explore its functionality as a mechanism that activates the entrepreneurial mindset. The intent of this research was to comprehend the extent to which the beliefs and ethnic values of the agent are related to his or her condition of entrepreneur as a decisive mechanism to promote the entrepreneurial mindset. In order to analyze this phenomenon, this study is grounded in the New Economic Sociology, emphasizing a socioculturally biased interpretation, in opposition to more orthodox perspectives present in economic theory and behaviorist theory. The objects of this research are the beliefs and ethnic values of the entrepreneur and the unity of analysis is the ethnic mechanism as promoter of the entrepreneurial mindset. In our sample we counted on sixteen entrepreneurs (interlocutors), representatives of highly diversified profiles, two of which are cases of control without a German or Italian ethnic linking. One of the characteristics used as selective criteria of the sample of interviewees of German and Italian immigrant descent is endogamy, in other words, the individual is a son or a daughter of exclusively German immigrant mother and father or of mother and father that are of Italian immigrant descent in all generations. Thus, the relation between ethnicity and entrepreneurship is discussed.

Keywords: ethnicity, entrepreneurship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Modelo de análise proposto	51
Quadro 1: Características dos entrevistados	91
Quadro 2: Habilidade social para a ação empreendedora.....	94
Quadro 3: Valores geracionais do grupo étnico e o empreendedorismo	102
Quadro 4: Percepção dos entrevistados sobre as características das etnias.....	110
Quadro 5: Percepção dos entrevistados sobre a relação entre etnia e empreendedorismo.....	126

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
1. INTRODUÇÃO	14
2. O EMPREENDEDOR E A CULTURA: VALORES, MENTALIDADE E HABILIDADE SOCIAL DO AGENTE	21
2.1. Introdução	21
2.2. Perspectivas teóricas	21
2.3. A NSE e o Empreendedorismo	23
2.4. Análise Cultural do Empreendedorismo	27
2.5. Mentalidade do empreendedor.....	34
2.6. Considerações finais	41
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	43
3.1. Estudo de casos múltiplos.....	43
3.2. As técnicas de pesquisa para o estudo de casos múltiplos.....	45
3.3. O(s) mecanismo(s).....	49
4. ETNICIDADE E EMPREENDEDORISMO: A SUBJETIVIDADE DO EMPREENDEDOR ÉTNICO DESCENDENTE DE IMIGRANTES ALEMÃES E ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL	52
4.1. Introdução	52
4.2. Situando a discussão: entre a modernidade e a tradição	53
4.3. A crença subjetiva no grupo étnico.....	55
4.4. Reflexões contemporâneas sobre etnicidade	62
4.5. Considerações finais	70
5. A (RE)CONSTRUÇÃO DA ETNICIDADE ALEMÃ E ITALIANA NO DECORRER DO PROCESSO HISTÓRICO	71
5.1. Introdução	71
5.2. Algumas considerações sobre o processo civilizador.....	71
5.3. As diferentes correntes migratórias para o Brasil	74
5.4. O discurso imigrantista	76
5.5. O discurso pró imigração na arena política	79
5.6. Identidade germânica no Rio Grande do Sul	81
5.7. Identidade italiana no Rio Grande do Sul	86
5.8. Considerações finais	89
6. DA PERTENÇA ÉTNICA A RELAÇÃO ENTRE ETNIA E EMPREENDEDORISMO	91

6.1. Introdução	91
6.2. Pertença étnica	96
6.3. A endogamia	98
6.4. O(s) grupo(s) étnico(s).....	100
6.5. Limites entre os grupos: o “nós” e o “eles”	105
6.6. Os grupos étnicos e a história	114
6.7. A Mentalidade do Empreendedor	118
6.8. Valores e habilidade social	122
6.9. Etnia e Empreendedorismo	124
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
REFERÊNCIAS:	135
APÊNDICES	143
Apêndice 1: Roteiro de entrevista com os empreendedores	143

APRESENTAÇÃO

Antes de introduzir o leitor ao estudo desenvolvido, apresentaremos as motivações e o interesse do pesquisador em estudar tal tema. Primeiro houve uma vontade de ordem pessoal e afetiva que o movimentou em sua escolha, pois o mesmo conviveu – e convive – diretamente com membros dos grupos étnicos de alemães e de italianos, fato este que despertou seu interesse em ler e, agora, pesquisar sobre a etnicidade.

O que era uma curiosidade particular transformou-se em um interesse científico, a partir de sua atuação como bolsista de iniciação científica, em investigar o fenômeno étnico e sua relação com o empreendedorismo. Partindo dessa inquietação afetiva e científica e, simultaneamente, preocupado em estudar um fenômeno atual e relevante no cenário global e, especialmente, para o caso do Brasil, propusemo-nos a investigar as crenças e os valores do empreendedor, para se discutir o fenômeno do empreendedorismo ao nível da mentalidade do agente e suas associações com o mecanismo étnico.

Optamos por esse objeto de estudo ao conhecer, no ano de 2012, durante pesquisa realizada enquanto bolsista de iniciação científica na graduação, empreendedores de uma pequena empresa intensiva em conhecimento no Rio Grande do Sul, localizada em uma incubadora tecnológica, mas com contrato de parque tecnológico, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os empreendedores dessa empresa são professores e pesquisadores acadêmicos com alto reconhecimento em seus campos de atuação e, a princípio, as referências esperadas sobre o empreendedorismo estariam inseridas em uma lógica científica ou econômica. Porém essa entrevista nos trouxe algumas surpresas. Torna-se interessante para o estudo relatar ao leitor essa narrativa, apresentando a empresa em questão, pois o início de nossa investigação tem ligação direta com essa entrevista.

Essa empresa caracteriza-se por ser *spin-off* de um grupo de pesquisa da UFRGS, e é também *born global*. Atua em diversos mercados internacionais, atendendo companhias petrolíferas em diversos países. Sua área de atuação é *software* e serviços para gestão de conhecimento e integração de dados geológicos. Seu principal cliente é a Petrobrás e a empresa é membro da Organização Nacional da Indústria do Petróleo no Brasil (ONIP). O portfólio de produtos e serviços da empresa é composto por uma gama de soluções que combinam geologia, ciência da computação e gestão do conhecimento. Chamou a atenção do pesquisador que, apesar de todas as competências e características dessa empresa, ela possuía uma forte vinculação étnica quanto aos valores da entrevistada, na oportunidade.

Ao participar da entrevista, realizada pela equipe do Grupo de Pesquisa Sociedade, Economia e Trabalho (GPSET/UFRGS), com uma sócia-fundadora da empresa, chamou-nos atenção a ênfase dada pela entrevistada à origem étnica dos três sócios fundadores. Na entrevista concedida, a interlocutora vinculou a origem da empresa ao fato de os três sócios terem nascido em Caxias do Sul, uma das cidades gaúchas com maior influência da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Segundo seu relato, *a cultura do italiano é uma cultura empreendedora*. Diferente de outras cidades gaúchas, como Porto Alegre, onde os adolescentes sonham em ter um carro, em Caxias do Sul, *com 16 anos o menino sonha em ter uma empresa*.

Naquele depoimento, a entrevistada enfatizou essa diferença entre os jovens caxienses e porto-alegrenses para justificar a mentalidade e o ímpeto empreendedor do descendente de italiano da Serra Gaúcha. Ela também salientou os mecanismos étnicos para explicar sua própria mentalidade e conduta empreendedora em meio ao ambiente acadêmico. A forma como esse elemento foi elaborado no discurso da entrevistada, demonstrando fazer parte de seu imaginário, foi um fato que despertou nosso interesse de pesquisa e instigou nossa curiosidade, uma vez que encontramos esse sentido comunitário em um meio onde, de certa forma, não era esperado encontrá-lo. Considerou-se esse depoimento tão relevante que a entrevista foi utilizada como exploratória para o estudo que viera a ser desenvolvido futuramente e que ora apresentamos.

Em um primeiro momento, a pesquisa para a dissertação seria somente com esta empresa citada, ou seja, um estudo de caso único. Porém, após realizarmos a qualificação do projeto de dissertação, ao final do ano de 2013, repensamos o desenho e a metodologia da pesquisa a partir dos comentários, críticas e sugestões dos membros da banca. A contar desse momento optamos por expandir o estudo e investigar a relação entre etnia e empreendedorismo de forma ampliada para produzir um estudo mais consistente. Um dos acréscimos foi o de optar por incluir os descendentes de alemães para efeitos de comparação. Passamos então a buscar evidências sobre a elaboração cultural do imigrante alemão e do imigrante italiano que aportou no Rio Grande do Sul e as crenças e os valores transmitidos aos seus descendentes. Além da literatura acadêmica, também encontramos matérias de jornais que explicitam tal relação entre etnia e empreendedorismo.

Matéria veiculada pelo jornal Pioneiro¹, no dia 29/10/2013, faz referência à alta densidade empresarial da Serra Gaúcha, região de onde são oriundos alguns dos empreendedores de nosso estudo. Um dos argumentos da matéria remete às questões culturais que tornaram a região um terreno fértil para o empreendedorismo. Logo no início do texto, faz-se referência ao mesmo discurso utilizado pela empreendedora na entrevista exploratória, ao salientar não ser novidade que a ética do trabalho é muito valorizada na região por influência da colonização italiana, mas o que poucos sabem é que essa característica da população relaciona-se igualmente a um espírito empreendedor. O presidente da Câmara de Indústria, Comércio e Serviços (CIC) de Caxias do Sul, explica que esses resultados são ainda oriundos das primeiras décadas de 1900, com o início da industrialização, aliada à valorização do trabalho que já existia, criando o sonho das pessoas em serem donas do próprio negócio. O gerente regional do Sebrae/RS na Serra, enfatiza que essa característica empreendedora é intrínseca na população.

Já no jornal Gazeta do Sul², em matéria veiculada no dia 14/11/2013, encontramos um texto escrito pelo ex-prefeito de Rio Pardo, Fernando Wunderlich, sobre o perfil empreendedor de seu avô que nasceu em Dresden, na Alemanha, imigrando para o Brasil, em 1889. O ex-prefeito narra a saga empreendedora de seu antepassado, o primeiro a erguer uma chaminé industrial em Rio Pardo. Em suas palavras, *um indivíduo que possuía as características do trabalho pertinaz e desafiador, um exemplo para qualquer empreendedor atualmente.*

Como outros tantos, a história de Frederico Ernesto Wunderlich, avô de Fernando, começa indicando que ele viera tentar a sorte na América. Em solo brasileiro, ele consegue constituir uma lavoura de arroz de quase 350 hectares, introduzindo a mecanização, até então desconhecida. Nessas matérias, tanto do jornal Pioneiro da região de Caxias do Sul, quanto do jornal Gazeta do Sul, da região de Santa Cruz do Sul, encontramos explícitas as referências ao empreendedorismo de alemães e de italianos.

O nosso intento sempre foi o de aproximar as leituras teóricas com os dados da entrevista exploratória onde, muitas vezes, encontramos referências elogiosas aos imigrantes e suas características pioneiras. Então, nesse primeiro momento, a aproximação ocorreu entre as leituras sobre a imigração italiana e o relato espontâneo da empreendedora da empresa de alta tecnologia. Aqui apresentaremos uma pequena passagem que esteve na origem desse estudo,

¹ Ver: <http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/economia/noticia/2013/10/serra-gaucha-tem-cerca-de-uma-empresa-para-cada-dez-habitantes-4315694.html> - Acessado em 01 de março de 2015.

² Ver: http://www.grupogaz.com.br/gazetadosul/noticia/430321-um_empreendedor.html - Acessado em 01 de março de 2015.

ainda referenciando a empreendedora da entrevista exploratória, para instigar o leitor ao que apresentaremos no decorrer dos capítulos.

Segundo Santin (2008), o Rio Grande do Sul recebeu em torno de cem mil imigrantes italianos a partir do século XIX. Os imigrantes italianos vieram através de uma política do império brasileiro para povoar terras pertencentes ao governo e que corria riscos de ser invadida pelos países vizinhos, e também para implantar a agricultura familiar. Em relação ao caráter pessoal desses imigrantes há uma forte tendência entre os estudiosos em caracterizá-los como pessoas de “boa conduta moral, excelentes trabalhadores e cidadãos honestos”. Outras características dos imigrantes:

Pessoas profundamente enraizadas na família, na confiança de seu trabalho, no respeito à propriedade, na crença total da proteção divina, na prática diária da oração individual, familiar e comunitária, no cumprimento das normas da Igreja e na cooperação mútua em todas as necessidades. (SANTIN, 2008)

A pequena propriedade que o imigrante italiano possuía significava o começo da construção da nova vida e da nova história. Os imigrantes perceberam que *far la cucagna* (fazer fortuna) não seria fácil, portanto sua vocação era trabalhar arduamente. O trabalho era uma característica forte do imigrante, tanto que o governo imperial pretendia atrair mais imigrantes italianos “em função de sua capacidade de trabalho”. A cultura do trabalho como um valor para o italiano estava baseada em dois preceitos: 1) pertence à ordem religiosa, o trabalho é visto como um castigo do Criador (*comerás o pão com o suor do teu rosto*); 2) pertence à ordem social e econômica, para ter direito aos bens é necessário trabalhar (*o dinheiro se o quiseres, tu deves trabalhar como eu*, Nanetto Pipetta – personagem/título da obra que conta a trajetória de um imigrante italiano que veio tentar fazer fortuna na América). O imigrante italiano desempenhava, ao mesmo tempo, o papel de patrão e o de trabalhador: era o dono da terra e, também, era ele quem trabalhava em suas várias atividades, como o cultivo de frutas e verduras e a criação de animais.

Todas essas características mencionadas articulam-se ao modo de vida desses grupos sociais. Por exemplo, na hora de escolher com quem casar, o fato da pessoa ser trabalhadora valia mais do que sua beleza ou sua riqueza. O valor decisivo na escolha era a capacidade de desenvolver tarefas específicas. É de se cogitar que esses aspectos comportamentais não sejam mais efetivamente praticados nos dias de hoje, mas pode-se verificar que de certa

maneira são resgatados pelo imaginário dos agentes, cabendo, portanto, investigar se atuam como mecanismos motivadores.

Voltando a entrevista exploratória, em dado momento a empreendedora *high tech* suspende parcialmente de seu argumento os elementos mais tecnológicos e inovadores vinculados ao seu negócio e conta que é casada com um dos sócios (a quem ela se refere como *gringo*³). Em outro momento da entrevista, ela revela que é cunhada do outro sócio de Caxias, e de forma solta diz: *coisa de italiano*. Mesmo em meio ao ambiente universitário, a empreendedora coloca em seu discurso a família como referência fundamental, vinculando esse argumento a especificidades do imigrante italiano.

A vida dos imigrantes se desenvolvia praticamente toda em família. As pessoas nasciam, cresciam, viviam e morriam como membros de uma família. A entrevistada ressaltou vir de uma família de empreendedores. Quando se refere à cultura empreendedora herdada dos pais, a entrevistada enfatiza que *família é tudo*. Foi através dessa primeira entrevista, feita para outra pesquisa, que iniciamos a delinear o estudo que desenvolvemos para a dissertação fornecendo-nos pistas para a hipótese que orientou a investigação.

Após delimitar que estudaríamos as duas correntes migratórias mais significativas que o Rio Grande do Sul recebera, e, partindo em busca de casos específicos de empreendedores em que o fenômeno étnico é realçado, o estudo a ser desenvolvido intentou compreender e evidenciar as crenças e os valores que projetam uma mentalidade empreendedora nos agentes. Foi uma experiência enriquecedora visitar algumas cidades gaúchas e conhecer as narrativas de nossos interlocutores dando ênfase para a sua percepção na tentativa de interpretar os dados coletados em campo. Esperamos que assim também o seja para o nosso leitor.

Frisamos também que muitas vezes os nossos interlocutores referiam-se ao ímpeto empreendedor como algo intrínseco, uma característica que eles sempre possuíam e, como se eles soubessem que obteriam sucesso na vida, quase como um presságio. Se encarássemos esse tipo de narrativa apenas como uma retórica discursiva ou como uma imposição moral do sistema capitalista não lhe daríamos atenção, porém este é um dado que merece maior atenção, principalmente se pudermos contar com as ferramentas de outras ciências, como a psicologia. É uma atitude de honestidade intelectual admitir os limites e as possibilidades com as quais operamos e, portanto, ressaltamos que ficam algumas lacunas por falta de agregar outro tipo de conhecimento, fora o sociológico, o antropológico e o histórico que guiaram este estudo.

³ Essa expressão é recorrentemente utilizada no Rio Grande do Sul para caracterizar o descendente de imigrante italiano.

1. INTRODUÇÃO

O empreendedorismo é um fenômeno complexo em sua natureza, principalmente levando-se em conta que, no atual cenário econômico, este elemento é considerado primordial para o desenvolvimento dos países. Ele pode ser abordado sob diversos prismas, entre os quais destacamos o econômico, o psicológico e o sociocultural. Crescem os estudos direcionados para a compreensão dos mecanismos que afetam a mentalidade e o perfil do empreendedor, contrapondo-se aos enfoques hegemônicos que propõe um conceito universal e prescritivo.

O enfoque sociocultural do empreendedorismo entende que o empreendedor é um indivíduo e não uma organização e, portanto, sofre influências sociais e culturais em sua formação. Partindo da premissa de que o empreendedor possui ligações íntimas com o seu ambiente cultural, a sua ação não é unicamente orientada por um modelo mental de um cálculo racional econômico ou por uma maneira de agir utilitarista, mas envolve uma gama de valores presentes em seu contexto social. De acordo com essa ótica desenvolvida para o presente estudo, a cultura é uma variável importante e estrutural para compreender a mentalidade do empreendedor. Com essas ponderações afirmamos que há uma tendência do empreendedor refletir traços e valores do seu grupo social em sua mentalidade.

A perspectiva da economia em relação ao empreendedor é a mais recorrente e foi construída na ideia de agente inovador de Joseph Alois Schumpeter (1997). Segundo essa concepção o empreendedor é aquele que promove a inovação destruindo ou substituindo os esquemas de produção vigentes. O agente inovador é o proprietário de um negócio que agrega valor, implementando novos produtos, processos ou mercados, cooperando para criar ou expandir a atividade econômica.

Esses são pontos centrais para a teoria econômica do empreendedorismo e da qual os sociólogos também se valem e dialogam para desenvolver estudos nessa temática, porém sempre ressaltando a imbricação do econômico com o social. É nesse sentido que investigamos o empreendedor ao evidenciar que, para além da inovação econômica, as influências de ordem cultural – oriundas de dado grupo social – também se traduzem em importantes variáveis para a compreensão do fenômeno. Estudos realizados na década de 1970 e 1980 são ilustrativos desse caso ao explicar o bom desempenho japonês na atividade empresarial (ALMEIDA *et alii*, 2010), frente à estagnação americana, por meio de variáveis culturais.

Já segundo um aporte comportamentalista o empreendedor necessita apresentar criatividade, além de aproveitar as oportunidades e enfrentar os riscos que lhe são postos. Tal realidade confere novas facetas e contornos ao empreendedor que, ao se deparar com mercados e dinâmicas cada vez mais mutáveis, tem de enfrentar as incertezas e os riscos inerentes ao universo de quem empreende. Porém, para além de uma ótica estritamente econômica ou comportamental, e visando uma compreensão mais profunda deste agente social elementar para o desenvolvimento capitalista, desde a época de Max Weber (2004) até o presente, consideramos ser necessário adentrar em aspectos que digam respeito às crenças e aos valores de ordem cultural, para tentar captar a formação da mentalidade dos empreendedores, e assim explicitar o que os mobilizou e motivou o interesse na ação empreendedora.

O estudo em questão aborda o fenômeno do empreendedorismo evidenciando o seu mecanismo étnico. Ao se debruçar sobre tal fenômeno o pesquisador deteve-se nas crenças e nos valores dos empreendedores, sob a perspectiva da Nova Sociologia Econômica (NSE), na tentativa de compreender como se combina o mecanismo étnico com a mentalidade empreendedora em relação ao que move e orienta o agente a tornar-se empreendedor. Investigou-se de que forma a crença desses agentes em sua natureza empreendedora forma uma mentalidade que estimula suas ações e estratégias na criação de empresas e negócios destacados em seus respectivos nichos e setores de atuação.

Constantemente reforça-se que o contexto econômico atual é de mudança e de surgimento de um novo paradigma produtivo no qual o empreendedorismo é um recurso para o desenvolvimento. O empresário capitalista analisado por Weber, em sua época, já apontava características distintas rompendo com o mundo tradicional, ao apresentar um modo de agir diferente impulsionado por dada conduta de base cultural. No caso por nós analisado, como veremos a seguir, o pano de fundo da discussão situa-se na relação entre o tradicional (etnia) e o moderno (empreendedor). Se uma mudança paradigmática está em curso, como qualquer modificação mais estrutural, esta confere uma alteração na mentalidade dos agentes responsáveis pela produção, pois novas exigências lhe são colocadas.

Mas é interessante observar que a mentalidade não segue somente uma racionalidade econômica, ela também envolve valores de contextos sócio-históricos particulares e as identidades assumidas pelos agentes em suas trajetórias, como será investigado no presente estudo. Se a mentalidade numa dimensão moderna muda com frequência, em adaptação à dinâmica econômica, não necessariamente a mentalidade na dimensão tradicional sofre

maiores alterações, pois a identidade étnica pode ser elemento de mobilização subjetiva da ação empreendedora.

As pesquisas sobre empreendedorismo e com empreendedores são principalmente realizadas na administração, na economia e na psicologia. Em se tratando da sociologia brasileira, marcada sob forte influência de tradição marxista, este é um tema visto depreciativamente por parcela do campo que enxerga no empreendedor o polo negativo do sistema capitalista e até mesmo como uma forma de precarização do trabalho. Por outro lado, nós vislumbramos no empreendedor, conjugado as demandas do contexto econômico e tecnológico, um tipo social que adquire e emerge com maior destaque, podendo-se dizer até que se trata do principal agente transformador para o desenvolvimento capitalista, com funções de contribuir para a criação e a expansão das atividades econômicas e sociais e para a geração de riqueza.

A dimensão subjetiva, destacando as crenças e os valores na formação da mentalidade empreendedora, é um contraponto ao aporte da economia. É no seio da sociedade, mais especificamente no ambiente cultural vivenciado e compartilhado que as mentalidades se formam e, por tal condição, nosso interesse em investigá-lo. Portanto, uma das condicionantes do agir empreendedor, além das instituições, seria a cultura.

No Brasil tem se um discurso forte referindo-se à “falta” de uma cultura empreendedora no país. Cultura é um termo perigoso de se manusear devido às várias acepções do conceito e, por outro lado, um termo que se não bem definido e conceituado fica extremamente vago. Sem tomar os devidos cuidados conceituais tudo pode ser justificado como uma falta de cultura: falta cultura para o trabalho, para a educação, para o esporte e, também, para o empreendedorismo. Para iniciar uma discussão sobre a cultura empreendedora entendemos ser pertinente e relevante recorrer a estudos que discutam a dimensão subjetiva do empreendedor brasileiro. Essa realidade faz ainda mais sentido se levarmos em conta que institucionalmente o Brasil ainda não seria atrativo para atividades empreendedoras de inovação radical e de alto valor agregado, apesar de esforços nesse sentido, especialmente de políticas públicas recentes.

Alberto Martinelli (2007), sociólogo italiano especialista na temática do empreendedorismo, comenta, em entrevista, as possibilidades de adaptação do estudo do empreendedorismo em países em desenvolvimento, como o Brasil:

O Brasil é um dos países mais importantes em desenvolvimento, com grandes possibilidades de se tornar uma das grandes potências econômicas

do futuro próximo. O empreendedorismo, nas suas diversas formas de empresa familiar, sociedade por ações, empresa pública, empresa social e cooperativa, é um fator fundamental de crescimento econômico e pode ser também fator fundamental de desenvolvimento social, caso se instaure uma relação apropriada entre o mercado e o Estado, livre iniciativa empresarial e Estado de Direito, e caso se desenvolva um empreendedorismo socialmente responsável que exercite o poder de decisão, não esquecendo os próprios deveres legais e legítimos em relação a uma pluralidade de *stakeholders* (funcionários, acionistas, consumidores, fornecedores, instituições estatais e comunidade local).

Em torno do tema do empreendedorismo há também uma controvérsia ou disputa teórico-discursiva, principalmente advinda e referenciada na sociologia francesa, cujo principais expoentes são Luc Boltanski e Eve Chiapello (2009). Esse tipo de literatura acadêmica aponta que, fora os aspectos que concernem ao desenvolvimento econômico, há também um forte movimento em torno do empreendedorismo extrapolando os domínios da empresa, passando, em certa medida, a ser um imperativo moral para o sucesso pessoal e profissional dos indivíduos. Por conseguinte, basta observar a crescente literatura dos chamados livros de autoajuda retratando o tema como verdadeiros almanaques ou guias para ensinar as pessoas em como empreender e obter “sucesso” na vida. Estamos pontuando isso, pois não negligenciamos essa realidade em torno do empreendedorismo, a qual muitos caracterizaram como produto e imposição de uma ideologia capitalista.

Mas, por outro lado, reforçamos que no estudo aqui desenvolvido, não entraremos no mérito e na discussão desse tipo de visão acerca do empreendedorismo, pois recusamos julgar que por trás desse fenômeno social exista uma verdade absoluta. O nosso interesse focalizou o agente empreendedor, suas práticas e imaginário constitutivo, em como o seu ambiente étnico, permeado de crenças e de valores com os quais teve contato em sua socialização e formativos de sua subjetividade, foi decisivo – ou não – para que ele viesse a desenvolver uma mentalidade empreendedora. É importante pontuar essas explicitações mais gerais para caracterizarmos e demarcarmos os limites do empreendedorismo investigado.

O objeto de pesquisa são os valores étnicos presentes no agir empreendedor, mais especificamente a crença do agente em sua natureza empreendedora, o discurso que desenvolve a partir de sua origem social e da identidade adquirida, para mobilizar sua ação. A unidade de análise é o mecanismo étnico como promotor da mentalidade empreendedora, a permanente recorrência no discurso dos empreendedores de elementos de um imaginário comunitário, isto é, o aspecto tradicional como fator de autoconfiança e de segurança para desencadear a ação empreendedora, mesmo em contexto moderno ou inóspito. Em nossa

amostra contamos com dezesseis empreendedores (interlocutores), representativos de perfis bastante diversificados. Nela encontram-se desde empreendedores do setor agrícola, de vinícolas e granjas, até empreendedores de alta tecnologia que criam produtos superespecializados, com a utilização de tecnologias limpas com ozônio ou criando produtos exclusivos para a área de petróleo e gás. Em relação ao grau de instrução dos entrevistados ele também é altamente heterogêneo: contamos com entrevistados com ensino fundamental incompleto até empreendedores com doutorado. Se por um lado possuímos características diversificadas na amostra, por outro lado, o elemento que os unifica e que torna os empreendedores com traços comuns, é o étnico. Todos os entrevistados, com exceção de dois⁴, são oriundos de grupos étnicos de alemães ou de italianos no Rio Grande do Sul.

Aqui cabe referenciar que o Rio Grande do Sul é um estado que oferece subsídios interessantes para realizar uma pesquisa realçando o mecanismo étnico dos empreendedores, pois recebeu intensas ondas migratórias e ainda hoje mantém uma distinção baseada na etnicidade. É sabido e propagado que uma das imagens construídas e enaltecida sobre o povo gaúcho está centrada na ligação de parte de seu contingente populacional com as correntes migratórias de europeus que começaram a dirigir-se ao estado, principalmente a contar do século XIX. Também é notório que muitas das pessoas que possuem tais vinculações culturais carregam uma afetividade que, passados quase 200 anos do início da imigração, fazem-nos ainda sentir como se fossem “legítimos” alemães ou italianos.

Assim, o ponto de nosso interesse recai sobre as crenças e os valores étnicos do empreendedor, partindo de uma inquietação contraposta à literatura econômica de que somente os mecanismos objetivos, como a racionalidade econômica, o cálculo e o planejamento, incidem sobre o agir empreendedor. Procuramos reforçar as análises propostas pela NSE de que, para além da racionalidade econômica, existem mecanismos subjetivos, de ordem cultural, étnica e tradicional, alguns até mesmo considerados “irracionais”, que orientam a mentalidade do empreendedor para desenvolver sua ação. Aspectos culturais do empreendimento empresarial já foram evidenciados por autores importantes como Max Weber e Joseph Schumpeter, além de outros depois deles, como é o caso de Oswaldo Mario Serra Truzzi sobre o empreendedorismo étnico em São Paulo. No nosso caso particular, buscou-se analisar a influência de mecanismos étnicos como fatores desencadeadores da mentalidade empreendedora em descendentes de imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul, valendo-se de um estudo de casos múltiplos.

⁴ Na metodologia explicaremos os casos estudados e a razão de dois casos não terem a vinculação étnica.

Para realizar um estudo detendo-se na mentalidade dos empreendedores, na influência da cultura sobre eles, selecionamos casos que possuíssem vínculo estreito com os grupos étnicos citados acima. A tentativa do estudo foi a de compreender se as crenças e os valores étnicos traduzem-se em um mecanismo decisivo da mentalidade empreendedora para os agentes. Foi uma tarefa que requereu do pesquisador árduo empenho em conseguir detectar no universo empírico casos que se adequassem aos objetivos deste estudo. Referindo um dito popular, dada à especificidade dos casos que buscávamos para compor nosso quadro de análise, foi como *procurar algumas agulhas no palheiro*. Isso ficará claro para o leitor quando apresentarmos o critério de seleção dos entrevistados no capítulo dos procedimentos metodológicos.

Dado o exposto, o que problematizamos em referência ao objeto empírico foi, em última instância, a seguinte indagação: *em que medida as crenças e os valores étnicos do agente se relacionam a sua condição de empreendedor como mecanismos decisivos para promover a mentalidade empreendedora a partir de sua percepção?* Para responder uma questão desse tipo escolhemos empreendedores em que aspectos étnicos estão muito presentes, de acordo com dado perfil por nós estipulado, tendo como ponto de partida a percepção do agente empreendedor, através dos episódios e de sua narrativa em relação à incidência de outros eventos ou mecanismos também decisivos para a ação empreendedora, tais como seu contexto de ação e seu ambiente profissional de atuação.

Conforme o caminho adotado para a pesquisa em sublinhar a subjetividade do empreendedor e sua percepção, para assim interpretá-la, a hipótese geral do estudo é a de que o mecanismo étnico foi decisivo para desencadear a mentalidade empreendedora, pois há uma crença subjetiva comum que os anima a ir mais longe, produzindo autoconfiança e gerando a segurança necessária para agir, até mesmo relegando a ocorrência de outros eventos ou a incidência de outros mecanismos pautados por uma racionalidade econômica. O mecanismo étnico produz uma mentalidade empreendedora que lhes confere “coragem” para agir, inclusive questionar e afrontar racionalidades da esfera econômica e desafiar valores instituídos nos campos profissionais de atuação.

Como objetivo geral do estudo testamos a proposição da influência dos valores étnicos como um mecanismo decisivo para promover a mentalidade empreendedora que resulta em uma ação. Já os objetivos específicos referem-se a: a) compreender como o mecanismo étnico, focalizando a percepção dos interlocutores por meio de suas crenças e valores, foi ou não formativo da mentalidade empreendedora; b) destacar a percepção e a narrativa dos

interlocutores em relação aos eventos e mecanismos que os levaram a empreender; c) e, por fim, apresentar as narrativas dos interlocutores, interpretando o sentido atribuído por eles, para confrontar o mecanismo étnico com a incidência de outros eventos ou mecanismos incidindo sobre o empreendedor.

Dessa forma tentou-se apreender a mentalidade de cada um dos empreendedores investigados, fazendo a vinculação de suas percepções e narrativas individuais com os aspectos coletivos dos seus grupos étnicos, utilizando da comparação entre os entrevistados ao salientar as crenças e os valores convergentes e divergentes na associação e articulação das ideias deles acerca do empreendedorismo.

Para responder ao problema aqui proposto, desenvolvemos cinco capítulos, a saber: o primeiro capítulo da dissertação é teórico com foco na figura do empreendedor propondo uma abordagem sociocultural para compreender a mentalidade do agente, as suas crenças e os seus valores. O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos do estudo para explicitar as escolhas do pesquisador, sempre combinadas com a(s) teoria(s) utilizada(s), com o seu objeto empírico e com as finalidades às quais o estudo se propõe. O terceiro capítulo aborda a etnicidade como formadora de uma mentalidade empreendedora nos membros dos grupos étnicos. Já o quarto capítulo vale-se de dados secundários e tem como fio condutor a noção de processo civilizador, de Norbert Elias, para remontar o processo histórico de construção da etnicidade do imigrante europeu no Brasil e, mais especificamente, os alemães e italianos no Rio Grande do Sul. A seguir, no quinto capítulo descreve-se e analisa-se os dados coletados nas entrevistas com os empreendedores descendentes de imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul. E, por fim, apresentam-se os achados de pesquisa e as conclusões às quais chegamos com o estudo para responder se o mecanismo étnico foi ou não decisivo na formação de uma mentalidade empreendedora nos agentes.

2. O EMPREENDEDOR E A CULTURA: VALORES, MENTALIDADE E HABILIDADE SOCIAL DO AGENTE

2.1. Introdução

Abordar o tema do empreendedorismo é ainda controverso na sociologia brasileira. As disputas ideológicas internas ao campo colocam em xeque a validade de certas propostas de estudo. Para aqueles aos quais o empreendedor personifica o agente, por excelência, que reproduz o caráter exploratório do sistema capitalista e da ideologia dominante, as restrições são postas a tais abordagens. Deixamos claro que, em nossa concepção, a realidade social é plural, diversificada e multifacetada e, portanto, os inúmeros agentes que compõe esse complexo mosaico merecem ser observados sob o olhar atento do sociólogo. Do nosso ponto de vista o empreendedor não é apenas produto da dinâmica econômica, mas ele está envolvido pela cultura, pelas crenças e pelos valores de seu grupo, de sua comunidade e, de forma mais ampla, de sua sociedade.

Partindo desse pressuposto, desenvolvemos este capítulo teórico discorrendo sobre o empreendedor destacando autores e abordagens que nos propiciem refletir sobre os aspectos socioculturais do fenômeno, auxiliando-nos na compreensão da mentalidade empreendedora desencadeadora da ação dos agentes. O esforço deste capítulo foi o de apresentar diferentes perspectivas – além da que adotamos como norteadora do estudo – para salientar que, por vezes, ao invés de contrapostas, elas são complementares e contribuem para desvendar o processo mais amplo em torno do empreendedorismo. Como poderá ser observado, em vários momentos do texto, relacionamos o aporte teórico com o nosso universo empírico, pois para nós não há como dissociar um do outro, além de aproximar mais intimamente o leitor de nossa investigação.

2.2. Perspectivas teóricas

Como já mencionado na introdução, os estudos sobre o empreendedorismo são relativamente recentes no Brasil. Segundo Dornelas (2001), o discurso sobre o empreendedorismo adquire força a partir dos anos 1990, com a abertura econômica e a criação de entidades como o SEBRAE e a SOFTEX. Anterior a esse momento, o empreendedorismo e a criação de empresas era pouco reconhecido, o que não significa que o fenômeno não existisse. O interesse em estudar essa temática cresce na medida em que

constata-se que o empreendedorismo liga-se ao desenvolvimento econômico. Porém em nível internacional essa realidade é mais antiga. Nesse sentido, encontramos a predominância de duas perspectivas teóricas: a da psicologia e da economia. A primeira tem o seu ponto central no perfil do empreendedor e a segunda na relação com a inovação.

De acordo com pesquisadores comportamentalistas – McClelland (1961), Timmons (1989) e Miner (1998) – o interesse está na motivação empreendedora por meio das características pessoais e das atitudes do empreendedor. Tais estudos permitem construir um perfil do empreendedor apontando para características como criatividade, autonomia, intuição, liderança, entre outras. Uma das diferenças do empreendedor em relação a outros indivíduos residiria em uma maior necessidade de realização profissional e pessoal. Outras características diagnosticadas como importantes são a resposta positiva aos desafios, o aprendizado com os erros, possuir iniciativa e ser perseverante. Além disso, a visão de futuro ao perceber as mudanças como oportunidade influencia na criação de novos empreendimentos. De forma sintética pode-se dizer, segundo Macêdo, Boava e Silva (2009) que:

na abordagem comportamental o empreendedorismo apresenta uma concepção de empreendedor baseada na busca de realização pessoal do ser humano. Assim, os empreendimentos constituem uma extensão do desejo, metas e visão do empreendedor. No mais, centra-se em descrever comportamentos e características do empreendedor.

No que concerne à abordagem econômica do fenômeno, as principais referências sobre o empreendedorismo encontram-se nos escritos de Schumpeter (1997). Para este autor, o empreendedor é o agente que rompe com o equilíbrio do sistema econômico ao desenvolver inovações que destroem as tecnologias já existentes. É dessa maneira que o agente inovador movimenta e dinamiza a economia. O empreendedor, na visão econômica, é o responsável pelas transformações socioeconômicas – via inovação – que acarretam no desenvolvimento econômico. A inovação realizada pelo empreendedor é identificada das seguintes formas: a) introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de bem; b) introdução de um novo método de produção ou comercialização de um bem; c) conquista de novas fontes de oferta de matérias-primas ou de bens semi-faturados; d) estabelecimento de uma nova organização em qualquer indústria. Em última instância, a ideia disseminada por Schumpeter e pela teoria econômica, é a de que o empreendedor é o destruidor criativo da ordem econômica vigente

por meio de inovações em novos produtos ou em novas fontes de fornecimento de matérias-primas.

Dada as diferenças de concepção, pode-se afirmar que ambas têm no elemento humano o seu propulsor. Em nosso estudo também seguiremos enfatizando o agente humano, porém, diferente dessas perspectivas sobre o empreendedor, destacaremos uma abordagem sociocultural, alternativa ao viés comportamentalista ou econômico, sem colocar todo o encargo do sucesso empreendedor no indivíduo isoladamente. Partimos da premissa de que qualquer prática social – onde incluímos o empreendedorismo – é dotada de um significado relacionado ao seu contexto sociocultural e não exclusivamente se refere a uma racionalidade econômica ou atomizada no indivíduo. Ao salientar a dimensão cultural do fenômeno contrapomo-nos a ideia dominante de que o empreendedor age unicamente através de uma lógica utilitarista, e enfatizamos que sua orientação também se dá em contato com o seu grupo cultural, assim como o seu contexto sócio-histórico atua na formação de sua mentalidade. São exemplares desse tipo de estudo aqueles que apontam a influência da cultura nacional sobre a mentalidade empreendedora para pensar, definir e operacionalizar suas ações (SOUZA; DEPIERI, 2007).

A cultura se manifesta em diferentes níveis, sendo o nível das crenças e dos valores aquele que responde pelas programações mentais dos grupos sociais. Para Hofstede (1997), os valores refletem a tendência de se preferir um estado de coisas em detrimento de outro. Os valores conformam o núcleo mais profundo da cultura e são internalizados na socialização primária dos indivíduos, e podem ser de difícil mudança no decorrer das trajetórias. Ao desenvolver um estudo sob essa ótica sociocultural, não negligenciamos a lógica econômica e psicológica do fenômeno, mas sim atentamos para os mecanismos culturais – no caso aqui estudado, de ordem étnica – para compreender e interpretar as crenças e os valores que também influenciam na formação da mentalidade do agente empreendedor. Nos próximos itens isso ficará mais claro ao mostrarmos as aproximações entre o sociólogo da cultura Max Weber e o economista da inovação Joseph Schumpeter, e ao destacarmos os valores culturais que precederam as características comportamentais.

2.3. A NSE e o Empreendedorismo

O estudo com os empreendedores segue os preceitos básicos da NSE ao concebê-los como agentes econômicos imersos em relações sociais, portadores de interesses ideais,

materiais, simbólicos ou políticos, mobilizados na sua ação. Portanto, para compreender o empreendedor é necessário um profundo trabalho sobre a mentalidade e os valores (MARQUES, 2003). Importantes autores, como Werner Sombart, Max Weber e Joseph Schumpeter, detiveram análises sobre o empreendedor, pois este seria o agente que mudaria a direção da vida econômica.

Sombart (1984), ao analisar as forças motrizes do capitalismo moderno, considera que os homens que dirigem a vida econômica – o empresário capitalista do período – é movido por esforços, propósitos, aspirações, pensamentos e paixões. Essas características servirão de fundamento para o agente dirigir o processo econômico. Mas, para este autor, o que impulsionará e orientará a ação do empreendedor é o desejo do lucro. Seguindo essa linha, ele reforça tal argumento ao enfatizar que a utilidade pública também pode ser motivadora da conduta do empreendedor. Entretanto, em última instância, o que se sobressai objetivamente é a racionalidade econômica em obter lucro. Mesmo colocando ênfase na racionalidade econômica sobre outros valores, Sombart sempre ressalta ser o agente econômico quem move toda a engrenagem do sistema social.

Não obstante, dialogando e discutindo com o próprio Sombart, é com Max Weber que o empreendedor adquire lugar destacado no campo da sociologia. Isso se dá, sobretudo, a partir dos seus escritos na conhecida *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Nessa obra, Weber (2004) evidencia a importância dos aspectos culturais – no caso, os de dada ética calvinista – para compreender a emergência e o desenvolvimento do capitalismo, destacando o papel dos valores na mentalidade dos sujeitos influenciando-os para a ação econômica. A tese defendida pelo autor é de que dada ética protestante favoreceu, por meio de seus valores ascéticos infundidos nos seus membros, o surgimento de um novo tipo de agente social, o empresário capitalista, que não é um nobre, mas um desafiante das instituições econômicas tradicionais, um dos fatores desencadeadores do capitalismo moderno.

Além de Weber, outro autor que conferiu grande importância ao empreendedor, foi Joseph Schumpeter. Apesar de ser um expoente da economia é possível fazer aproximações entre Schumpeter e Weber (MARTES, 2010). No livro *A teoria do desenvolvimento econômico* (SCHUMPETER, 1997) fica clara a conexão entre os dois autores ao conceber o empreendedor como um tipo ideal orientado por valores de ordem social e cultural. O artigo de Martes (2010) sobre a ação econômica do empreendedor em Weber e Schumpeter evidencia pontos importantes – e atuais – que merecem ser destacados em relação ao desenvolvimento econômico na obra de Schumpeter, dos quais nos valem para uma

delimitação adequada do conceito de empreendedor e para salientar o diálogo entre sociologia e economia:

- metodologicamente, Weber e Schumpeter têm no empreendedor a sua unidade básica de análise, concebendo-o como um tipo ideal carregado de interesses, vontade e intencionalidade;

- o dinamismo da economia se dá via inovação, portanto o papel do empreendedor é crucial para o desenvolvimento econômico;

- o empreendedor é um tipo específico de agente, essencialmente um líder, que toma decisões racionais baseadas em valores (inovação) e orientado pela paixão (desejos e conquistas);

- as instituições (valores e organizações) ao mesmo tempo em que oferecem sustentação à ação empreendedora, também se opõem a esta.

A definição mais conhecida dessa temática é a apresentada por Schumpeter (1997), salientando o papel seminal da inovação para o empreendedor. Seguindo nessa linha schumpeteriana em que a inovação é o instrumento específico do agente para realizar a mudança econômica, Peter Drucker (2002) acrescenta que o espírito empreendedor busca intencional e conscientemente as oportunidades de inovação, sendo essa a *função específica do empreendedorismo, seja em um negócio existente, uma instituição pública, ou um novo negócio iniciado unicamente por um indivíduo na cozinha da família*. Depreende-se desta definição atualizada do conceito schumpeteriano que o empreendedor analisa todas as fontes de oportunidade relacionadas a inovação independentemente do tipo de negócio em que ocorra, e que qualquer indivíduo pode aprender e se comportar de maneira empreendedora, não sendo esta uma característica intrínseca a personalidade do indivíduo.

Sobre o desenvolvimento econômico, Schumpeter (1997) enfatizava não ser possível explicar a mudança econômica pelas condições econômicas prévias, a explicação deve ser buscada fora dos fatos descritos pela teoria econômica. Seguindo essa linha de raciocínio, tentamos encontrar a explicação para a mentalidade empreendedora dos agentes investigados em nosso estudo, indo além de elementos apontados pela teoria econômica como, por exemplo, o aumento da riqueza em dada população, mas evidenciando as crenças e os valores como fatores que movimentaram e possibilitaram a posterior ação de empreender. Isso ficará evidente quando apresentarmos os dados e mostrarmos que alguns de nossos casos vieram de situações de extrema pobreza, contrapondo-se a ideia da teoria econômica de que uma

situação econômica prévia de riqueza acarretaria na mudança e no desenvolvimento econômico.

O conceito de empreendedor utilizado para o estudo identifica e representa o empreendedor como um tipo social no sentido weberiano, e não apenas indica um indivíduo único e isolado. É, sobretudo, na influência que o empreendedor recebe da cultura, ou mais precisamente da identidade étnica, no caso estudado, que detivemos nossa análise para averiguar se realmente esta característica dos empreendedores é decisiva para desencadear a mentalidade empreendedora. Uma das características do empreendedor apresentadas por Schumpeter (1997, p.93), caracteriza-o como um indivíduo que deve vencer as barreiras objetivas para inovar:

No peito de quem deseja fazer algo novo, as forças do hábito se levantam e testemunham contra o projeto em embrião. É portanto necessário uma força de vontade nova e de outra espécie para arrancar, dentre o trabalho e a luta com as ocupações diárias, oportunidade e tempo para conceber e elaborar a combinação nova e resolver olhá-la como uma possibilidade real e não meramente como um sonho. Essa liberdade mental pressupõe um grande excedente de força sobre a demanda cotidiana e é algo peculiar e raro por natureza.

A partir das características citadas acima, pode-se dizer que o empreendedor é um agente hábil (FLIGSTEIN, 2007) que vislumbra oportunidades, angaria e combina os recursos necessários para tornar a ação empreendedora uma possibilidade real. De acordo com as demandas do ambiente sociocultural e econômico, além das características particulares e organizacionais do ramo de negócio ao qual se vincula, o agente empreendedor tem de lidar diretamente com as barreiras, dúvidas e desafios presentes em ambientes dinâmicos, característico do universo do empreendedorismo, necessitando de habilidade para tal. Dessa forma, e a partir da leitura do ambiente no qual se encontra, o empreendedor elabora estratégias para minimizar incertezas e riscos. Nesse ponto, Schumpeter (1997, p.97) traz considerações relevantes para compreender o que motiva mentalmente a ação econômica do empreendedor:

[...] é a sociedade que molda os desejos particulares que observamos; que as necessidades devem ser tomadas com referência ao grupo no qual o indivíduo pensa quando decide o curso de sua ação – a família ou qualquer outro grupo menor ou maior do que a família; que a ação não acompanha prontamente o desejo, mas apenas corresponde a este de modo mais ou menos imperfeito; que o campo para a escolha individual está sempre

delimitado, embora de maneiras muito diferentes e em graus muito diferentes, pelos hábitos ou convenções sociais e coisas semelhantes [...]

Retomando Weber (2004), a partir dessa noção de Schumpeter, em pensar a formação de uma mentalidade empreendedora relacionando-a ao grupo ao qual se vincula, apontamos na direção de discutir a significação cultural do espírito empreendedor. O capitalismo através da seleção econômica educa e cria para si mesmo os sujeitos econômicos, porém o conceito de “seleção” é limitado por haver a emergência de certa visão de mundo – permeada por crenças e valores – anterior a esta “seleção”. Não é o dinheiro que faz surgir o capitalismo, mas sim a difusão de valores presentes em uma dada ética. Weber encontrará o *ethos* presente no empresário capitalista de sua época no racionalismo da ascese calvinista, este *ethos* protestante representa uma afinidade eletiva singular da expansão do capitalismo no ocidente. O empresário capitalista rompe com o tradicionalismo por possuir qualidades éticas distintas dos valores vigentes no mundo tradicional:

[...] juntamente com clarividência e capacidade de ação, são sobretudo qualidades “éticas” bem definidas e marcantes que, no incutir tais inovações, lhe possibilitam angariar a confiança desde logo indispensável dos clientes e dos operários e lhe dão energia para superar incontáveis resistências, mas, acima de tudo, para assumir o trabalho infinitamente mais intenso que agora é exigido do empresário e que é incompatível com um fácil gozo da vida [...]
(WEBER, 2004, p. 61)

Martes (2010) ao analisar as afinidades eletivas entre a ética protestante e o *ethos* capitalista, proposto por Weber, enfatiza a importância da mentalidade desafiadora do empresário daquele período à ordem institucional existente. Faz-se uma ressalva importante de que o empreendedor é um tipo social específico fruto do capitalismo moderno. É a “vocação” em empreender constitutiva de uma mentalidade empreendedora que investigamos nos indivíduos pesquisados para diagnosticar até que ponto ela se relaciona ao mecanismo étnico e qual sua correspondência a uma significação cultural ligada aos seus grupos de referência.

2.4. Análise Cultural do Empreendedorismo

O empreendedor possui características que lhe são peculiares, dentre as quais destacamos algumas geralmente apontadas pelas teorias comportamentalista e econômica: criatividade, aproveitar oportunidades, perseverança, capacidade de liderança, iniciativa e

capacidade de inovar. O espírito empreendedor constantemente busca a novidade, enfrentando situações de risco e desafios, para atender as necessidades do seu público. Ele é constantemente desafiado a enxergar além dos outros para tornar a ação empreendedora exitosa. Uma das qualidades esperadas no empreendedor para tornar o seu negócio viável e sustentável é a habilidade e a competência. Mas anterior à ação e a essas características comportamentais, houve valores que guiaram-na. Portanto, quais são as crenças e os valores que animam e orientam a mentalidade do empreendedor? No Rio Grande do Sul existe uma forte tendência de vincular o empreendedorismo a determinados grupos étnicos que possuiriam os valores ideais para seus membros empreender com sucesso.

De acordo com Calvosa (2010) não há quase registros de análises que se propuseram a identificar os valores do empreendedor em sua ação. Os estudos sobre o empreendedor concentram-se em suas atitudes e no seu comportamento desejável. A pesquisa por nós realizada intenta compreender as crenças e os valores culturais mobilizados pelos empreendedores e constitutivos de sua mentalidade para posterior ação, pois acreditamos que são eles que movem, em um primeiro momento, o agente no ato de empreender.

Sem uma crença que o leve e o faça acreditar no valor de empreender, provavelmente a ação empreendedora não se concretizaria. É necessária uma motivação nas escolhas e preferências dos agentes para que estes façam adesão ao empreendedorismo. Antes do comportamento ou da ação empreendedora se efetivar houve um momento em que o agente foi orientado mentalmente por crenças e valores para posterior movimentação. Outro ponto importante destacado por Calvosa (2010, p.6) em relação aos valores do empreendedor está em sua hierarquia:

A organização hierárquica de valores pressupõe que o indivíduo se relaciona com o mundo físico e social como ator que participa, toma partido e se envolve. Os valores implicam necessariamente, em preferência e distinção, entre o que é importante para o indivíduo e o que é secundário, entre o que tem valor e o que não tem.

Como ressaltado por Seyferth (2011), muitos dos descendentes de imigrantes perdem com o passar do tempo os vínculos culturais que os distinguem dos outros os quais não pertencem ao seu grupo, porém é através da etnicidade que o indivíduo, ou o grupo, mantém um sentimento de pertença baseado no passado, na raça ou na cultura compartilhada. O compartilhamento de dadas crenças e valores reforça um sentimento de pertença ao grupo

social ao qual os indivíduos se ligam, o que pode vir a estimular uma mentalidade voltada para desencadear uma certa ação.

É evidente que os valores que animam os indivíduos variam de etnia para etnia, como podemos destacar com a colonização ibérica no Brasil. Da mesma forma que Weber (2006) remonta as origens do capitalismo moderno realizando um apanhado histórico das condições que figuraram como decisivas para o desenvolvimento do capitalismo ocidental, Souza *et alia* (2011) em um esforço de compreender os valores, os modos de conceber e fazer as coisas no Brasil, apontam aspectos da cultura brasileira que afetam o empreendedorismo e suas ações. Entre os valores trazidos pela colonização ibérica destaca-se o personalismo, o aventurismo e uma lógica patrimonialista da sociedade. Segundo os autores, o Brasil foi uma sociedade alicerçada no clã-patriarcal, onde a dominação e a subordinação que lhe são características vieram a formar a personalidade do colonizado. A imagem do Brasil pode ser representada como

uma grande família, com poucas regras formais, mas com o poder desempenhado pela autoridade paterna. No contexto brasileiro existe pouco espaço para participação e a hierarquia social é aceita. Vale lembrar que poder centralizado e hierarquia podem ser fatores que bloqueiam a inovação. (SOUZA *et alia*, 2011, p. 220)

Para acentuar como a imagem da colonização ibérica possui um juízo negativo sendo propagada como sinônimo de atraso ao desenvolvimento brasileiro, comparemos com outro grupo étnico. O estudo de Santos e Zanini (2009) chama atenção para as crenças e valores culturais específicos em relação aos imigrantes italianos da Serra Gaúcha, particularmente na cidade de Caxias do Sul, e a pintura da figura do imigrante enquanto empreendedor.

A imigração italiana em Caxias do Sul teve a instauração de uma forte burguesia comercial e industrial ligadas à colonização. A elite que se forma construiu uma identidade cultural híbrida se afastando dos valores do meio rural e se aproximando dos valores da elite brasileira, mas, ao mesmo tempo, construindo uma identidade distinta da elite luso-brasileira. Os imigrantes que chegaram a Caxias se intitulavam “italianos” ou “descendentes de italianos”, mantendo sempre uma diferenciação em relação aos brasileiros. As autoras destacam como valores do imigrante italiano de Caxias do Sul o trabalho duro, a honestidade, a religiosidade e a moralidade. Caxias do Sul, após a chegada dos primeiros imigrantes, em 1875, sempre teve uma elite econômica e política composta por descendentes de italianos,

fato evidenciado pelo álbum comemorativo de 1925, onde todos os nomes apresentados como grandes industriais e comerciantes eram de italianos natos ou filhos de italianos.

A imagem que se forma do italiano é a do *colono progressista, desenvolvido, pioneiro que havia se transformado em industrial* (SANTOS; ZANINI, 2009). Por outro lado, aqueles indivíduos que continuavam como colonos no meio rural eram enxergados como atrasados. O retrato construído do imigrante europeu no Rio Grande do Sul foi a de um indivíduo pioneiro, carregado de um discurso etnocêntrico, elevando-o ao papel de civilizador para definir fronteiras étnicas. O discurso criado pelo grupo em relação aos feitos heroicos do imigrante implica uma noção de superioridade do descendente de alemão ou de italiano em relação a outras etnias ou mesmo criando diferenciações internas no próprio grupo.

Os empreendedores em foco neste estudo são considerados como agentes sociais hábeis (FLIGSTEIN, 2007), assim como preliminarmente referenciado acima, ao apresentar capacidade de compreender o seu contexto de atuação, avaliar uma conjuntura econômica favorável, desvendar oportunidades, mobilizar recursos e estabelecer estratégias para empreender e produzir novos negócios. Nessa linha cabe destacar que, além da concepção clássica de Schumpeter (1997), identificando o empreendedor como o agente que destrói a ordem econômica vigente, acrescenta-se que o empreendedor também pode ser caracterizado por sua habilidade social em gerir negócios de destaque em seus respectivos campos de atuação, mesmo que situados em ambientes mais tradicionais, sem ocasionar uma ruptura mais abrupta com a estrutura econômica. Ao salientar o mecanismo étnico, enfatizamos que o ambiente cultural do grupo seria propício para desenvolver a habilidade social em empreender dos agentes, através de suas crenças e valores forjando uma mentalidade empreendedora em seus membros.

O esforço do estudo se dirige a explicar as crenças e os valores que produzem uma mentalidade empreendedora culminando em uma ação dotada de sentido para quem age. E, portanto, para compreender a dinâmica referida relacionada aos valores do empreendedor que orientam a sua ação, sempre enfatizando a dimensão cultural, vamos destacar alguns pontos importantes e imbricados na relação discutida, pois os valores subjetivos estruturam a agência, os interesses e a habilidade social. Agência é um conceito que expressa a capacidade potencial dos agentes sociais produzirem, por meio de sua ação, variações históricas em suas formas de conduta (GIDDENS, 2003 [1984]). Agência refere-se à capacidade de produzir efeitos: *diz respeito a eventos dos quais um indivíduo é o perpetrador, no sentido de que poderia, em qualquer fase de uma dada sequência de conduta, ter atuado de modo diferente*

(GIDDENS, 2003 [1984], p. 10-11). Os indivíduos aqui estudados poderiam ou não empreender, porém, em dado momento, foi dessa forma que eles atuaram guiados por dada mentalidade para, assim, empreender em suas trajetórias.

Segundo Emirbayer e Mische (1998), o conceito de agência articula aspectos da ação social, tais como autonomia, motivações, desejos, propósitos, intenção, escolhas, iniciativa, liberdade e criatividade. Conforme os autores, a agência humana é um processo temporalmente imerso em engajamentos sociais e culturais, em que passado, presente e futuro se apresentam como dimensões distintas, porém interconectadas. É interessante notar que os engajamentos sociais e culturais com o grupo étnico e orientados para o passado são formativos da identidade étnica. O caso dos descendentes de alemães e de italianos segue nessa linha, pois os laços culturais com o grupo étnico e a referência ao passado glorioso dos seus antepassados pode ter incutido o interesse em empreender na mentalidade dos agentes.

A agência inclui uma orientação complexa no passado (aspectos habituais), no presente (contextualizar hábitos passados e projetos futuros com base nas contingências circunstanciais) e nas perspectivas futuras (capacidade de imaginar possibilidades), ao mesmo tempo situadas no fluxo do tempo. Neste sentido, os “atores” identificam oportunidades e adotam comportamentos de “agente” conforme o nível de informação, reflexividade, motivações e percepções de risco. Sob essa perspectiva, a noção de agência é tratada como um processo social, subjetivo e intersubjetivo, relacional e temporal (EMIRBAYER & MISCHÉ, 1998).

Dando margem a essa discussão, a NSE tem elaborado uma crítica tanto às abordagens institucionalistas quanto a da escolha racional ao afirmar que nenhuma destas concede às pessoas reais a possibilidade de criar seus mundos sociais. Essa perspectiva teórica auxilia na análise dos principais fenômenos econômicos para romper com a ideia difundida na economia do *homo economicus*: aquele que somente produz e consome. O enfoque especial dessa linha teórica centra-se na teoria das redes, na teoria das organizações e na sociologia cultural (SWEDBERG, 2004), sendo a última a abordagem por nós escolhida para desenvolver o estudo com os empreendedores.

Contra-pondo-se as visões sub e super socializadas da ação humana, Granovetter (2009) foi taxativo ao afirmar que os agentes sociais não se comportam nem tomam decisões como átomos fora de um contexto social, e nem adotam de forma servil um roteiro escrito. Suas ações estão baseadas em valores e *habitus* por meio de um processo contínuo, construído e reconstruído nas interações, e *suas tentativas de realizar ações com propósitos estão*

imersas em sistemas concretos e contínuos de relações sociais (p. 40). Para cada caso singular, de acordo com o contexto sociocultural, as influências se alteram. No intuito de destacar uma influência cultural relevante ao empreendedorismo no caso específico do Rio Grande do Sul, os descendentes de imigrantes alemães e italianos são exemplares eficazes em decorrência de sua significância simbólica. Martinelli (2007) enfatiza as possíveis relações entre o empreendedorismo e a imigração considerando a dupla imersão dos membros dos grupos étnicos:

Examinei esta relação em alguns artigos em que abordei o empreendedorismo étnico, nos quais defendo que empreendedores imigrantes que obtiveram êxito são aqueles que sabem se mover com destreza em um duplo contexto, quais sejam, o contexto político-institucional do capitalismo de mercado e suas experiências socioculturais adquiridas (*double embeddedness*).

A Sociologia, a partir da célebre tese de Weber sobre a ética protestante e o espírito do capitalismo, tem mostrado que existem diferenças nas atitudes e comportamentos das diversas religiões em relação à atividade econômica. Pesquisas mais recentes têm mostrado as diferenças entre as atitudes e comportamentos dos vários grupos étnicos. Todavia, não se trata de diferenças absolutamente impeditivas. Em cada grupo étnico, como em cada sociedade, existem indivíduos que têm propensão para a inovação empresarial, cujo êxito depende de uma multiplicidade de fatores contextuais.

Seguindo uma linha de argumentação paralela a de Granovetter, Fligstein (2007, p. 65) reconhece que *os atores de fato buscam seus interesses e se envolvem agressivamente em interações estratégicas*. Para o autor, as teorias institucionalistas e neoinstitucionalistas qualificam os atores sociais como “sujeitos sem interesses”, especialmente quando atribuem aos atores o papel exclusivo de propagadores de significados compartilhados. A resposta à questão *por que, então, os atores atuam* pode ser buscada no debate sobre os *interesses*. Weber já entendia os fenômenos sociais como uma junção de interesses (materiais e ideais), como expresso nas passagens abaixo:

Todo agir em sociedade é, naturalmente, a expressão de uma constelação de interesses dos participantes que se dirige à orientação do agir (Weber, 2001, p. 332).

Um elemento essencial da racionalização do comportamento é a substituição da submissão íntima por hábito arraigado por uma adaptação planejada a uma situação objetiva de interesses (Weber, 2001, p. 422).

Retomando as discussões sugeridas por Weber, Swedberg (2004, p. 26) definiu os interesses como “forças” que dirigem o comportamento humano, sendo que são socialmente definidas e concretizadas por meio de relações sociais (SWEDBERG, 2009, p. 166): *as próprias instituições são concretizações duráveis ou amálgamas de interesses e relações sociais* (Idem). Conforme Granovetter (2009, [1985]), os “interesses” são elementos essenciais na constituição de laços sociais, uma vez que os laços são convergências de interesses, confiança, comunicação, entendimento cultural, competência técnica partilhada.

Interesses não são impulsos naturais, mas sim elaborações mentais, decorrentes da experiência e da trajetória de vida dos agentes sociais e que os permitem “julgar” aquilo que lhes é atrativo em referência ao que não o é e “canalizar esforços” para almejar aquilo que desejam. Pode-se trabalhar, portanto, com a ideia de interesse como sendo uma *disposição* dos agentes sociais para almejar objetivos de naturezas múltiplas, contagiando outros com suas iniciativas e induzindo a cooperação com vistas a tal fim. Participar e interagir no contexto de um grupo étnico no qual o valor do empreendedorismo é disseminado entre seus membros pode auxiliar a construir uma mentalidade interessada em empreender.

A concepção de interesse encontra-se com a de agência. Os interesses orientam a ação dos agentes, possibilitando variações em suas condutas. Os interesses, portanto, são construtos permanentemente (re)elaborados pelos agentes; mentalidades, que orientam a direção das suas atitudes, em busca de *realizações*⁵. Trata-se de interpretações e reelaborações produzidas no âmbito individual – personalidade – e que são compartilhadas na esfera de um campo de atuação – grupo ou comunidade. Assim, deve-se entender o interesse como uma composição entre elementos de personalidade, conjunção de ideais e de relações sociais compartilhadas.

Aqui nos detemos às relações sociais compartilhadas com o grupo que, por meio de crenças e valores étnicos, estimularam a mentalidade do empreendedor para agir. A reflexividade dos agentes sobre a dinâmica do ambiente sociocultural a partir de elementos do espaço em que se encontram pode estimular uma reelaboração de seus interesses, estratégias, laços, interações. Os descendentes de alemães e de italianos a partir da dinâmica do meio cultural onde se desenvolveram puderam fazer esses tipos de reelaborações, levando-os a empreender em seus negócios.

⁵ Maslow (1970) define o comportamento humano em cinco tipos de necessidades: fisiológicas, de segurança íntima (física e psíquica), de amor e relacionamentos (participação), de estima (autoconfiança) e de autorrealização. O comportamento humano não visa apenas saciar necessidades físicas, mas crescer e se desenvolver. Autorrealização é a tendência de um organismo desenvolver as suas possibilidades de crescimento (desenvolvimento de si-mesmo).

A definição de empreendedor, desvelar a sua mentalidade e o que lhe movimenta para a ação empreendedora é um debate conceitual de longa data na sociologia econômica. Diversos autores clássicos que se dedicaram a analisar o capitalismo e o desenvolvimento econômico buscaram desvendar esse tipo de agente social, dando destaque a sua mentalidade, características, práticas e habilidades. Da mesma forma, o tema da etnicidade possui vasta trajetória na sociologia, a partir de múltiplos enfoques sobre o fenômeno étnico, principalmente nos estudos da Escola de Chicago com os imigrantes europeus que aportaram nos Estados Unidos e sua aculturação ou assimilação pela cultura hospedeira nas grandes cidades (OLIVEIRA, 2014). Porém, inicialmente, nessa sociologia, o imigrante era identificado como marginalizado em relação ao processo civilizatório que se desenvolvia nos Estados Unidos. Essa visão é distinta da que veremos no capítulo que remonta o processo histórico e o imaginário construído em relação ao imigrante europeu que se dirige ao Brasil.

2.5. Mentalidade do empreendedor

As relações entre os temas da atividade empresarial e da etnicidade são abordados no estudo de Truzzi e Neto (2007), os mesmos desenvolvidos na presente investigação com os empreendedores descendentes de alemães e de italianos. Cada um desses temas geralmente é tratado sob diferentes disciplinas e tradições acadêmicas. Enquanto os administradores e os economistas ocupam-se com a atividade empresarial; os antropólogos, sociólogos e historiadores, com a etnicidade. A Sociologia Econômica tenta aproximar esses assuntos, tratando-os de maneira menos setorializada. Enquanto o estudo dos autores procura explorar as possibilidades relacionadas ao tema, tomando como caso a experiência paulista, o nosso se detém na experiência e no caso do Rio Grande do Sul.

Truzzi e Neto (2007) destacam que no empreendedorismo étnico *os atores estão imersos (embedded) pela interação, pela estrutura social e pelos mecanismos sociais, principalmente a confiança e a cooperação*. As relações desenvolvidas pelas pessoas ocorrem com seus semelhantes, com aqueles com os quais se identificam. Isso ocorre por uma razão evidente: quanto maior a similaridade social dos indivíduos, mais eles passam o tempo nos mesmos lugares, fazendo surgir as relações entre eles e desenvolvendo um certo tipo de mentalidade. O empreendedorismo étnico advém de relações coesas entre os seus membros.

Já na literatura americana sobre economia étnica utiliza-se com frequência o conceito de *middleman minorities* (minorias mercantis) para referir-se a determinados grupos étnicos

que historicamente se especializaram no comércio e na intermediação em sociedades pré-capitalistas, caso dos judeus e dos armênios, e cuja vocação se mantém até hoje. O caso dos descendentes de imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul parece seguir essa lógica por, pelo menos subjetivamente, os indivíduos acreditarem manter a mentalidade empreendedora dos primeiros imigrantes. Os recursos étnicos mobilizados pelos agentes são referentes aos aspectos socioculturais e demográficos de todo o grupo. Truzzi e Netto (2007, p.42) exemplificam os recursos étnicos ao referenciar etnias que

evitam o trabalho assalariado, a não ser de forma temporária e como perspectiva para o estabelecimento do negócio próprio. No caso dos imigrantes judeus, por exemplo, em quase todo o mundo, praticamente toda a comunidade aspirava numa determinada época ao auto-emprego, e não apenas uma fração burguesa do grupo étnico. Neste caso, a aspiração para tornar-se empresário constituiu um recurso étnico, e não apenas de uma classe.

O enfoque na relação entre etnia e empreendedorismo pode auxiliar no delineamento dos valores presentes na cultura empresarial brasileira, um campo imenso a ser explorado, através do resgate de identidades para compreender a formação de uma parcela do empresariado nacional e sua mentalidade, a partir da cultura, das crenças e dos valores do agente empreendedor. O estudo com os empreendedores selecionados considera a influência cultural da identidade do descendente de imigrante alemão e italiano, representantes de uma parte da multifacetada cultura brasileira, se coadunando com nosso objetivo geral em testar a proposição da influência do mecanismo étnico nas crenças e nos valores que desencadearam a mentalidade empreendedora, partindo de casos específicos que contemplem tais condições.

O delineamento da identidade do imigrante europeu no Rio Grande do Sul foi favorecido pela política do governo brasileiro em separar as colônias europeias uma das outras, resultando na etnicidade como elemento de integração cultural (HERÉDIA, 2005). O governo brasileiro, por exemplo, possuía uma predileção pelo colono italiano se comparado a outras etnias. Segundo Herédia (2005), nos relatórios escritos pelos diretores da colônia se identificava elogiosamente os imigrantes italianos como “propenso às atividades laborais”. Nem todos esses indivíduos que chegaram ao Brasil eram camponeses. Havia entre esses imigrantes artesãos que *encontraram espaço para desenvolver seu ofício e transformá-lo em atividades lucrativas à nova sociedade* (HERÉDIA, 2005, p. 239). Em relação ao espírito empreendedor da Serra Gaúcha, região onde nasceram alguns de nossos entrevistados, e a exaltação ao culto ao trabalho dos imigrantes,

nem todos os emigrantes comprovaram, em suas atividades, o espírito empreendedor, mas o culto ao trabalho foi uma característica da região. Vale lembrar que, na historiografia econômica brasileira, a emigração europeia no Brasil é vista como elemento de inovação se for comparada com o mercado de mão-de-obra escrava. Aliás, se deve ao trabalho de vários historiadores a recuperação do conceito de colono. Por muitas décadas, o colono italiano era visto pela sociedade como um elemento da economia agrária, e, como no Brasil o trabalho manual sempre carregou o estigma da escravidão, o conceito foi marcado pelo aspecto pejorativo da palavra. Alguns autores, como é o caso de Berger (1977, p. 235), acreditam que a história da sociedade brasileira pode ser encontrada numa relação dialética entre educação, trabalho e preconceito contra trabalho manual, e que a escravatura no Brasil é um fator importante para o surgimento desse preconceito; (HERÉDIA, 2005, p.239)

A identidade étnica é tanto um processo em construção quanto uma substantivação na qual os agentes decidem acreditar. A identidade sempre envolve a construção de uma origem histórica a partir de determinados fatos históricos. Desde o século XIX, o problema da heterogeneidade dos traços culturais dos grupos étnicos que habitavam o Brasil era alvo de investigação dos cientistas sociais (QUEIROZ, 1989). Foi difundida no passado uma ideia simplória, mas que ainda circunda no senso comum da população, de que o desenvolvimento da identidade nacional brasileira era barrado pela existência de costumes bárbaros, aborígenes e africanos, acreditando-se que a possibilidade da construção de uma identidade nacional com características civilizadas se concretizaria com a europeização cultural.

No centro do debate atual sobre etnicidade, as teorias destacam *o fato de que o Nós constrói-se em oposição ao Eles* (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p.123). Se existem os que estão dentro do grupo, os que pertencem à determinada etnia, por sua vez, existem os que estão fora. O pertencimento a um grupo sempre implica a existência de indivíduos excluídos. No Brasil ainda persiste e existe um culto e enaltecimento à imigração europeia em decorrência da visão positiva que os brasileiros possuem do continente europeu e de seus habitantes. Sendo assim, o discurso do descendente de imigrante tenta se diferenciar daquilo que é tipicamente brasileiro, pois dentro de uma hierarquia étnica o descendente de europeu é considerado acima dos outros grupos étnicos. Esse tipo de discurso evidencia o cerne do conceito de etnicidade ao delimitar as fronteiras entre um “nós” (descendente de imigrantes) em oposição aos “outros” (não descendentes ou de etnias classificadas como inferiores).

É a partir de traços e valores colocados como principais que se constrói o processo de identidade coletiva do imigrante, vinculando-o ao empreendedorismo. Não se pode nunca

perder de vista as condições estruturais, o contexto histórico e social que os unia. Dessa forma, de acordo com Herédia (2005), percebe-se uma ligação íntima entre os conceitos de identidade, cultura e região, para expressar a riqueza das experiências dos imigrantes que formaram essa cultura empreendedora com a qual ainda hoje os seus descendentes se identificam quando dizem pertencer à dada etnia ou a determinada região. Na época dos imigrantes a sua identidade coletiva os unia enquanto europeus e, ao mesmo tempo, os separava dos demais habitantes. Ainda hoje, passados quase dois séculos do início da imigração europeia planejada para o Brasil, os seus descendentes utilizam esse tipo de discurso para interagir, explicar e justificar sua mentalidade empreendedora.

Salienta-se aqui que ao tratarmos dos aspectos culturais, de base étnica, entendemos por cultura *o significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes [...] têm para seus proprietários* (GEERTZ, 2009, p.37), pois conforme aponta Herédia (2005, p.241), *o elemento étnico não pode ser descartado da justificativa do sucesso* dos empreendedores. E é dessa forma que conduzimos o nosso estudo ao realçar a significação cultural conferida pelos interlocutores.

Esta reflexão aponta para além do estritamente econômico, para elementos fora de uma dita racionalidade econômica, afinal o compartilhamento de modelos mentais liga-se a experiências culturais comuns para mobilizar os agentes em seus contextos de atuação. O espírito empreendedor do imigrante europeu, assumindo riscos, fez com que suas iniciativas se evidenciassem na construção da nova cultura, desejando deixar para seus descendentes o usufruto dos resultados de sua experiência exitosa através do trabalho duro que lhe traria riqueza. E, assim, por esse entendimento simbólico do mito do imigrante empreendedor, vitorioso, é parte da mentalidade dos agentes, pois reflete o significado que eles atribuem a essa herança cultural:

O empreendedorismo – como explicação de sucesso da cultura – expressa o símbolo da iniciativa privada, da capacidade de lidar com situações novas e de modificar o cenário encontrado, marcado por valores expressos no trabalho. Implica a consciência coletiva de que a região foi demarcada por traços culturais próprios e esse elemento foi fator de desenvolvimento regional. (HERÉDIA, 2005, p. 242)

A identidade do imigrante europeu é caracterizada pelo *ethos* do trabalho e do empreendedorismo. Os imigrantes são representados como indivíduos dotados de capacidades heroicas, transformando através do seu trabalho a terra inóspita e hostil, enfrentando e vencendo todo tipo de adversidades. Para nos auxiliar a interpretar este *ethos* relacionado com

a etnicidade e desvelar a sua influência ao nível da mentalidade dos agentes é necessário adentrar no repertório artístico, musical, literário, midiático, etc, que reproduz essa distinção baseada na etnia (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998). Cabe aqui, já adiantando em algum sentido o que se seguirá nos próximos capítulos, ilustrar como esses elementos reforçam a relação entre etnia e empreendedorismo.

Quando se completaram 180 anos da vinda dos imigrantes alemães para o Rio Grande do Sul a TV Bandeirantes exibiu um especial intitulado *180 anos da Imigração Alemã*. No vídeo disponível no site Youtube⁶ é possível perceber o elogio aos imigrantes alemães. Eles são caracterizados como um povo guerreiro, corajoso e cheio de esperança. A narrativa enfatiza que a trajetória dos imigrantes alemães envolveu muitas lutas e conquistas, qualificando-os como indivíduos pioneiros. Compara-se a vinda dos imigrantes alemães ao Rio Grande do Sul à chegada do homem à Lua, para enaltecer suas realizações. Mais uma vez assistimos ao discurso de que o desenvolvimento do estado gaúcho vincula-se aos grupos imigrantes. A narração, em dado momento, diz que o Brasil carecia da vinda desses imigrantes para tratar a terra da forma como ela merecia: *um povo que viesse plantar seus frutos na certeza de que, posteriormente, seriam colhidos com satisfação e orgulho*.

Na mesma linha destacada acima, a música do folclore italiano *Mérica, Mérica*, considerada um hino da imigração italiana no Rio Grande do Sul, faz menção aos feitos heroicos e ao *ethos* do trabalho do imigrante italiano. A música conta a viagem épica do imigrante italiano para a América e toda a esperança em encontrar um bom lugar para recomeçar a vida no Novo Mundo. Porém, ao chegar à América, se deparam com um local inóspito onde *abbiamo dormito sul nudo terreno/come le bestie andiamo riposare* (dormimos sobre a terra nua e como animais repousamos). Após enfrentar as duras agruras do caminho, os imigrantes, com a força de seu trabalho, criam cidades e trazem o progresso para a região por meio da industrialização. Os exemplos aqui tratados, em relação as referidas etnias, enfatizam esse mecanismo étnico como propulsor de uma mentalidade empreendedora, contrapondo-se a uma explicação exclusivamente de viés econômico, e baseando-se em uma ciência interpretativa que busca o significado para o agente (GEERTZ, 1989).

Em relação a ideologia do imigrante pioneiro, Santos e Zanini (2009) diz tratar-se de uma *adaptação, com contornos étnicos, da ideologia capitalista do enriquecimento através do trabalho*. Dessa forma, não é de se estranhar quando eles remetem a essa imagem para justificar de onde provém os seus traços empreendedores. O espírito empreendedor deles não

⁶ Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=4L0MFHEeu2g> - Acessado em 01 de março de 2015.

estaria envolto apenas em uma racionalidade capitalista, mas em dimensões que incluem uma gama de valores, especialmente culturais que formaram a sua mentalidade. Ao tratar das crenças e valores étnicos do empreendedor, sob uma perspectiva sociocultural, estamos olhando o fenômeno do empreendedorismo para além da organização, já que não podemos esquecer que os empreendedores que dirigem as empresas estão inseridos em um contexto social mais amplo formativo de sua mentalidade e orientador de sua ação.

Os estudos sobre empreendedores são desenvolvidos sob diferentes ângulos, de acordo com a área do conhecimento que se detém sobre o fenômeno. Quando o enfoque recai sobre o social, segundo Oliveira (2014), uma das situações destacadas como favoráveis ao seu desencadeamento são as migrações. Em muitos casos, ao migrar de uma sociedade para outra, os indivíduos enfrentam situações adversas e para se sobressair são impelidos a se desenvolver e melhorar suas condições materiais. Entre as diferenças culturais dos grupos migrantes e sua relação com o empreendedorismo uma delas seria a etnia e suas nuances valorativas.

Estudos como o de Light (2009), apontam as redes de imigração como conectores entre o macro e o micro. As determinantes micro incidiriam sobre as escolhas dos indivíduos migrantes, qualificando-os como solitários e independentes. Em relação as determinantes macro, elas afetam diretamente grupos inteiros por meio de influências regionais e internacionais. As dimensões que incidem de forma mais direta nas escolhas dos indivíduos seriam as redes étnicas, o parentesco, os colegas de trabalho, os vizinhos e as amizades que as pessoas conservam.

O artigo de Cappellin e Giuliani (2002) sobre a racionalidade, a cultura e o espírito empresarial aponta duas questões relevantes para o estudo da problemática empresarial. A primeira refere-se ao fato do desenvolvimento capitalista ter imposto e universalizado a racionalidade econômica, porém esta racionalidade não é homogênea, nem independente da influência da cultura e dos vários âmbitos que organizam as relações sociais, tais como: família, grupo, território, nação/etnia. A segunda questão, vinculada diretamente a primeira, refere-se à influência dos valores sobre a racionalidade econômico-empresarial. Estes valores, segundo os autores, acabam formulando regras e normas que dão fundamento e orientam as ações e iniciativas do empreendedor.

A racionalidade, fundamento da sociedade moderna, parece, portanto, provida de uma complexidade que a torna frágil e insegura, ainda ligada a uma cultura cheia de desejos e crenças, de tradições e irracionalidade. (CAPPELLIN; GIULIANI, 2002, p. 133 e 134)

No caso dos empreendedores estudados, apesar de serem profissionais reconhecidos nos seus âmbitos de atuação profissional, eles animam crenças e valores que podem ser considerados “irracionais” para empreendedores situados privilegiadamente em seus campos de atuação. Por mais que aja na empresa uma racionalidade direcionada ao empreendedorismo, não é somente essa lógica que explica o empreender desses agentes, também há dimensões culturais (religiosas, locais, tradicionais, simbólicas, étnicas) que intervêm nos processos de escolha e que os encorajam a irem mais longe. Por estarem inseridos na cultura de uma sociedade, que lhes transmite crenças e valores, os empreendedores não podem ser vislumbrados unicamente sob a ótica econômica ou organizacional. A dimensão cultural do empreendedorismo é destacada por Cappellin e Giuliani (2002, p.146) da seguinte forma:

O “espírito empresarial”, como a expressão da racionalidade capitalista, permaneceu muito tempo restrito às estratégias produtivas. Esta noção pode ser enriquecida por uma outra, mais ampla, que inclui as dimensões culturais da empresa, isto é, um conjunto de práticas e valores fundados em referências advindas de diferentes ambientes: familiar, territorial, político e social.

Ao construir a imagem do imigrante vinculada ao pioneirismo também se determina o lugar dos outros: negros, índios, descendentes de portugueses, são colocados em posições inferiores, por meio de um discurso que hierarquiza as etnias. No período da Segunda Guerra Mundial, ser “alemão” ou ser “italiano” era negativo. Mas logo após o término da guerra, essa imagem é reconstruída identificando o imigrante como civilizador, *aquele que transformou a selva em cidade por meio do suor de seu rosto* (SANTOS; ZANINI, 2009), reforçando a cultura do imigrante como símbolo de progresso e riqueza. Dessa forma há uma construção histórica da identidade do imigrante e de seus descendentes como um indivíduo de mentalidade e de comportamento empreendedor, associado ao sentimento de pertencimento ao grupo. A partir desse tipo de construção, afirma-se que a natureza biológica dos descendentes de alemães ou de italianos seria explicativa de fenômenos sociais, como o desenvolvimento econômico do Rio Grande do Sul.

Nesse discurso criado em torno do imigrante alemão e italiano e de seus descendentes há uma clara relação entre o discurso elogioso e a economia. A imagem do grande realizador da economia gaúcha é a imagem que o grupo criou sobre suas realizações. Por outro lado, não

se pode ignorar que essa identidade também seja afetiva, envolva um espírito de comunidade e valores compartilhados.

Halter (2007), especialista na formação da identidade étnica e no papel dos imigrantes e dos americanos étnicos no mercado e nas qualidades de fornecedores e consumidores, enfatiza que o empreendedorismo étnico nos Estados Unidos tem se mostrado forte e resistente na economia pós-industrial. A autora apresenta dados de um estudo realizado pela Fundação Kauffman, em maio de 2006, revelando que os imigrantes superam em muito os americanos natos em termos de atividade empreendedora. De cada 100 mil imigrantes, 350 fundaram um negócio por mês em 2005, contra 280 dos americanos natos, considerando o mesmo número de 100 mil. Segundo Halter (2007, p.116 e 117),

Tanto histórica quanto atualmente, determinados grupos de imigrantes criaram para si nichos étnicos, um termo que se refere à participação desproporcional de minorias raciais e étnicas em determinadas funções, pontos da economia em que, por qualquer razão, um grupo étnico específico desfruta de vantagem. Entre os que exibiram habilidades empreendedoras que resultaram no estabelecimento de negócios de nicho específicos estão os coreanos em quitandas, chineses em lavanderias, judeus na indústria de confecções ou cambojanos em lojas de *donuts*.

Outro ponto importante ressaltado por Halter (2007) em relação ao empreendedorismo étnico aponta para as características culturais distintivas que contribuem para o sucesso de um empreendimento, sendo a etnia um fator da vida econômica. Para a autora o conhecimento dos empreendedores étnicos para abrir e sustentar os seus empreendimentos, quase sempre é obtido por vias não acadêmicas. O presente estudo segue essa linha ao explorar o mecanismo étnico do empreendedor, as crenças e os valores formadores de sua mentalidade e que orientam sua ação, distanciando-se de abordagens organizacionais ou de explicações baseadas unicamente em uma racionalidade econômica.

2.6. Considerações finais

O debate conceitual apresentado neste capítulo explicitou as escolhas teóricas do autor acerca do empreendedor qualificando-o como um tipo social, no sentido weberiano, movido e orientado por crenças e valores étnicos em sua ação de empreender. Para uma delimitação mais atual do empreendedor nos referimos a ele como um agente hábil, por compreendermos que este conceito permite salientar as características do agente e de sua ação, sem perder de

vista o polo da estrutura e sem se deter somente a ruptura econômica. E, por último, focalizamos na mentalidade empreendedora com destaque para a etnicidade, abordando diferentes estudos dessa temática para realçar que nos casos aqui estudados nem todos os empreendimentos são étnicos, mas os empreendedores possuem relação direta com o grupo étnico, portanto tentamos construir as pontes entre identidade étnica e empreendedorismo para captar o fenômeno em sua dimensão subjetiva.

Novamente ressaltamos que nosso estudo não pretende reforçar o discurso laudatório e hegemônico em torno do imigrante alemão e italiano e de seus descendentes, mas sim busca compreender de que forma as crenças e valores de base étnica incidiram na mentalidade do agente. A partir da análise de dados, a ser apresentada mais a frente, esperamos ter elementos suficientes para evidenciar os mecanismos que desencadearam o empreendedorismo e responder o problema lançado para diagnosticar a influência do mecanismo étnico sobre a mentalidade do empreendedor.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Estudo de casos múltiplos

Ao escolher realizar um estudo de caso entendemos que este método é o mais adequado para compreender a relação dos valores dos grupos étnicos com o fenômeno do empreendedorismo. Principalmente levando-se em conta que foram inúmeras as correntes migratórias de alemães e de italianos que se dirigiram ao estado. Como não teríamos a capacidade de dar conta de uma totalidade, escolhemos casos representativos a serem investigados. Também destacamos que, de acordo com a nossa proposta de estudo e o recurso de tempo disponível para realiza-la, este foi o método mais vantajoso para contemplar tais condições. Uma das perguntas pertinentes quando se opta por um estudo de caso é a seguinte: *como definir um caso que está sendo estudado* (YIN, 2005, p.20). Na presente investigação, como poderá ser percebido nos capítulos que se seguem, buscou-se respaldo na literatura sobre o tema para construir um estudo de casos múltiplos que fosse representativo dos grupos étnicos de alemães e de italianos estabelecidos no Rio Grande do Sul.

Outro ponto vinculado aos estudos de caso são os tópicos que eles melhor abrangem, como os realizados com indivíduos. Essa foi nossa opção para o desenvolvimento do estudo, visto que cada caso é representado por um empreendedor individualmente, para verificar como um dado mecanismo, o étnico, foi ou não decisivo para que ele viesse a empreender. É interessante notar que se remontarmos ao início da utilização das práticas dos estudos de caso, ela encontra-se na Escola de Chicago, tão conhecida por seus estudos com imigrantes para observar *circunstâncias pessoais de famílias e indivíduos no trabalho social* (YIN, 2005, p.32). Nos casos por nós analisados as condições contextuais, outra das características dos estudos de caso, são pertinentes aos empreendedores, pois seria na relação com o grupo étnico que estariam as crenças e os valores formadores da mentalidade empreendedora e propulsores da ação. E, como destacado logo a seguir, ao utilizar a noção de mecanismo, obtivemos certo controle sobre o fenômeno e sua relação com o contexto do grupo étnico e a propensão a desenvolver uma mentalidade empreendedora.

Quando nos referimos aos estudos de caso, eles podem ser tanto únicos quanto múltiplos. Em nossa investigação, optamos por um estudo de casos múltiplos para apresentar casos individuais de empreendedores que se conectam pelo mecanismo étnico. Segundo Yin (2005), um estudo de caso que vá além de um único caso é mais instigante e mais forte para

constituir o estudo e responder ao problema proposto e as suas proposições. A proposição que testamos é se o mecanismo étnico foi, ou não, decisivo para os descendentes de alemães e de italianos desenvolverem uma mentalidade empreendedora. Realizamos um mapeamento na literatura para levantar casos que pudessem contemplar a proposição acima. Dessa forma, nossa amostra recorreu à diversidade de casos, tanto em relação ao grupo étnico, referente aos locais de origem desses empreendedores, das diferentes correntes migratórias de seus antepassados, da escolaridade deles, do tipo de empreendimento, da idade e do gênero dos entrevistados, para que a variabilidade se fizesse presente.

Se comparados com os estudos de caso único, os múltiplos apresentam vantagens por sua maior robustez onde cada caso serve *a um propósito específico dentro do escopo global da investigação* (YIN, 2005. p.68). O estudo de casos múltiplos com os empreendedores descendentes de imigrantes alemães e italianos mostrará se o mecanismo étnico, partindo dos episódios e das narrativas dos entrevistados, pode ser considerado um mecanismo desencadeador da mentalidade empreendedora que orientou a ação dos agentes. Os casos múltiplos selecionados fazem com que cada empreendedor seja um estudo de caso individual, mas abarcando em todos eles – com algumas nuances que evidenciaremos no próximo parágrafo – a relação entre etnicidade e empreendedorismo. Ao final, após apresentarmos a análise dos dados, intentamos que os casos aqui apresentados possam subsidiar a resposta ao problema de pesquisa investigado.

Aqui cabe salientar outra escolha metodológica dentre esses casos múltiplos com empreendedores vinculados aos grupos étnicos de alemães e de italianos. Escolhemos dois casos de controle que não contemplaram a condição da identidade étnica alemã ou italiana dos empreendedores para, assim, obter algum controle sobre o mecanismo étnico. Porém esses dois casos, sem essa ligação explícita com o mecanismo étnico, servem para comparar como tal mecanismo atuou na inculcação de uma mentalidade empreendedora. Se as crenças e os valores desses casos não foram étnicos, então se indaga: qual foi o estímulo por eles recebido para empreenderem? Esses dois casos de controle nos auxiliaram a responder essa questão.

Em relação ao estudo de casos múltiplos, Yin (2005, p.76) indica suas principais vantagens em relação ao estudo de caso único, mesmo que somente fossem selecionados dois casos:

Como alternativa, você pode ter deliberadamente selecionado seus dois casos porque ofereciam situações de contraste, e você não estava procurando uma replicação direta. Nesse projeto, se as descobertas subsequentes dão suporte ao contraste que se fez hipotético, os resultados representam um

início poderoso em direção à replicação teórica – outra vez fortalecendo amplamente a validade externa de suas descobertas em comparação àquelas retiradas de um estudo de caso único.

Pode-se dizer que os casos múltiplos investigados é um estudo de 16 casos individuais, em função de suas particularidades e dos critérios na seleção da amostra, em que o mecanismo étnico é o fator agregador de 14 deles. Por outro lado, podemos dividi-los, segundo o critério aqui adotado de estudar a vinculação entre etnicidade e empreendedorismo em três grupos de casos, acrescentando os de controle: os 7 casos de descendentes de imigrantes alemães, os 6 casos de descendentes de imigrantes italianos e os 2 casos de empreendedores sem estas vinculações étnicas⁷. Dessa forma, pretendemos, ao apresentar os dados coletados em campo com nossos interlocutores, manejar uma gama variada e diversificada de informações, através da comparação entre os casos para nos auxiliar a responder ao problema proposto.

3.2. As técnicas de pesquisa para o estudo de casos múltiplos

Como método para desenvolver a investigação optou-se pelo estudo de casos múltiplos para testar ou desenvolver uma proposição teórica que vincula a etnicidade ao empreendedorismo. O artigo de Souza *et alia* (2010) refere-se aos diferentes padrões culturais brasileiros como elementos importantes a serem estudados para entender a dinâmica do desenvolvimento de empresas com elevado destaque em seus setores de atuação. A proposição a ser testada sugere que empreendedores de regiões específicas, com uma forte vinculação cultural com os grupos imigrantes de alemães ou de italianos, tem na ligação étnica um mecanismo propiciador de uma mentalidade voltada para a ação empreendedora. Nesse sentido, cabe explicitar que ao nos referirmos ao Brasil e aos seus padrões culturais, evidencia-se a heterogeneidade, como alude Souza *et alia* (2010, p. 227):

Admitindo-se a grande extensão territorial e um processo de colonização iniciado apenas no século XVI, o Brasil é muito heterogêneo em seus padrões culturais, com diferentes grupos formados pela imigração europeia e pelo tráfico de escravos. Esses são modelos de ação e de representação que formaram a cultura básica da sociedade brasileira.

⁷ Se contabilizarmos o número de casos descritos acima, totaliza-se 15, porém há um caso diferenciado de empreendedor híbrido que possui ligação tanto com o grupo de alemães quanto com o grupo de italianos. Esse caso traduz-se em mais uma oportunidade de perceber diferentes manifestações do fenômeno.

A generalização dos estudos de caso direciona-se a proposições teóricas, e não a populações ou universos. Portanto, ao estudar as crenças e os valores étnicos dos empreendedores como mecanismos decisivos para o empreendedorismo, testamos a proposição teórica de identificar até que ponto dada cultura étnica interfere na mentalidade do empreendedor e no ímpeto em empreender. O objetivo do presente estudo de caso é expandir e generalizar teorias (generalização analítica) e não enumerar frequências (generalização estatística) (YIN, 2005).

Enxergamos nos casos escolhidos dos empreendedores com forte crença nos valores étnicos, casos satisfatórios para testar empiricamente, a teoria de que membros de dados grupos possuem maior ímpeto em empreender por sua vinculação étnica. Pode ser que, após o término da pesquisa empírica e com a análise de dados concluída, surja algum outro conjunto alternativo de explanações para evidenciar os mecanismos que atuaram de forma significativa sobre o empreendedor. Por tratar-se de um estudo de caso objetivamos acumular o maior número de informações coletadas, dividindo a entrevista em duas partes: uma episódica e outra narrativa.

As técnicas escolhidas para o estudo foram entrevistas semi-estruturadas para diagnosticar como as crenças e os valores de ordem étnica influenciaram na mentalidade e no ato de empreender dos indivíduos entrevistados. As entrevistas de caráter qualitativo, segundo Gaskell (2002), auxiliam para o mapeamento e compreensão do mundo da vida dos entrevistados. A tarefa do sociólogo está em introduzir esquemas interpretativos para compreensão das narrativas dos atores em termos conceituais e abstratos. O recurso da entrevista qualitativa é pertinente ao nosso objeto de estudo, pois visamos uma compreensão minuciosa das crenças, atitudes, valores e motivações dos empreendedores para interpretar aquilo que os movimentou a empreender.

Foi realizada uma entrevista com cada empreendedor estudado, onde procuramos deixar os entrevistados falarem mais livremente sobre sua trajetória, crenças e valores, principalmente em referência a cultura da sua cidade de origem e ao seu grupo étnico, tentando compreender os sentidos que possam ter incidido sobre eles no interesse e na escolha em empreender. De acordo com Gaskell (2002, p. 75) na entrevista em profundidade bem realizada,

a cosmovisão pessoal do entrevistado é explorada em detalhe. Embora tais pontos de vista pessoais reflitam os resíduos ou memórias de conversações passadas, o entrevistado possui o papel central no palco. É a sua construção pessoal do passado. No decurso de tal entrevista, é fascinante ouvir a

narrativa em construção: alguns dos elementos são muito bem lembrados, mas detalhes e interpretações falados podem até mesmo surpreender o próprio entrevistado. Talvez seja apenas falando que nós podemos saber o que pensamos.

Mas, primeiramente, nos fixamos durante as entrevistas a determinados episódios para avaliar a atuação de cada empreendedor investigado na tentativa de vincular suas crenças e valores como estímulos para os agentes empreenderem. Aqui cabe explicitar outra escolha metodológica. Visto que o empreendedorismo compreende diferentes situações nos detivemos no momento de criação da empresa, pois foi lá que a mentalidade empreendedora orientou a ação e concretizou-se em uma prática efetiva. Para a realização dessas entrevistas episódicas seguimos os critérios específicos elencados por Flick (2002, p.117):

- combinar convites para narrar acontecimentos concretos (que sejam relevantes ao tema em estudo) com perguntas mais gerais que busquem respostas mais amplas (tais como definições, argumentação e assim por diante) de relevância pontual.
- mencionar situações concretas em que se pode pressupor que os entrevistados possuem determinadas experiências.
- ser suficientemente aberta para permitir que o entrevistado selecione os episódios ou situações que ele quer contar, e também para decidir que forma de apresentação ele quer dar (por exemplo, uma narrativa ou uma descrição). O ponto de referência deve ser a relevância subjetiva da situação para o entrevistado.

Através da narrativa episódica busca-se captar as experiências significativas dos empreendedores levando em consideração circunstâncias concretas, tais como: tempo, espaço, pessoas, acontecimentos e situações (FLICK, 2002). Foi a relevância subjetiva atribuída pelos entrevistados que determinou o tipo de situação narrada para discorrer sobre a temática do empreendedorismo. Segue abaixo algumas perguntas que foram realizadas durante a parte episódica da entrevista:

- a) O que significa empreendedorismo para você? O que se relaciona com a palavra empreendedorismo para você?
- b) Quando você olha para o passado, qual foi sua primeira experiência com o empreendedorismo?
- c) Qual foi sua experiência ou contato mais importante com o empreendedorismo?
- d) Poderia, por favor, dizer-me como foi seu dia de ontem, e onde e quando o empreendedorismo teve algo a ver?

- e) O empreendedorismo geralmente está associado a situações de risco. Conte uma situação em que você enfrentou uma situação de risco no empreendimento.

A primeira parte da entrevista foi toda focada em cima do empreendedorismo, na tentativa de fazer o entrevistado lembrar os episódios importantes que promoveram o fenômeno do empreendedorismo em sua trajetória. Optamos por não fazer nenhuma menção à etnicidade na parte da entrevista sobre o empreendedorismo para que elas pudessem surgir espontaneamente na narrativa dos indivíduos entrevistados. Uma das perguntas realizadas indaga se o indivíduo possuía exemplos empreendedores na família. Por meio desse questionamento tivemos a oportunidade de verificar se o empreendedorismo é uma característica de família, e se o entrevistado realiza associações com o fator étnico.

Utilizamos da análise de conteúdo para *descrever o conteúdo efetivo de uma comunicação* (BARDIN, 1997), ou seja, analisar o discurso proferido pelos entrevistados de maneira sistemática para compreender como os empreendedores produzem sua realidade social orientada por valores. A análise de conteúdo é um instrumento usual do paradigma compreensivo ao selecionar temas, categorizando e interpretando o significado dos sentidos expressos nas comunicações. Este tipo de análise condensa os dados em tópicos de acordo com sua relevância na teia de significados tecida pelos agentes.

As temáticas de conteúdo analisadas no estudo são as seguintes: pertença étnica; a endogamia; o(s) grupo(s) étnico(s); limites entre os grupos: o “nós” e o “eles”; os grupos étnicos e a história; a mentalidade do empreendedor; valores e habilidade social; e, por fim, etnia e empreendedorismo. Averiguamos como os episódios e as narrativas dos empreendedores converge ou se distancia, pois conhecer alguma coisa é conhecer em termos de um ou mais discursos sobre o mesmo conteúdo. Nesse sentido, analisamos as crenças e os valores e sua atuação em cada caso individual. Além de evidenciar como esta se vincula (ou não) à etnicidade para desencadear uma mentalidade direcionada para a ação empreendedora.

Desenvolvemos uma análise visando compreender a produção de sentido – através das crenças e valores – dos entrevistados e como ela se relaciona com a mentalidade e a orientação do agir do empreendedor. Para Spink e Gimenes (1994, p. 152), os processos sócio-cognitivos *dependem intrinsecamente da história, seja no âmbito do indivíduo ou das formações discursivas próprias à cultura em que ele se insere*. Ao entrevistar os empreendedores resgatamos essa história e como eles produzem um sentido para a narrativa construída, ao enfatizar a cidade de origem, a família, o grupo étnico, a influência cultural, as representações acerca do empreendedorismo, as relações estabelecidas e desenvolvidas no

âmbito pessoal e profissional. Como se trata de um grupo de empreendedores diversificado, comparamos e relacionamos as associações entre si para demonstrar a polissemia de sentidos no conteúdo das entrevistas, as aproximações e diferenciações entre eles.

A comparação e, posterior, análise entre o discurso proferido por cada um dos dezesseis empreendedores foi uma técnica importante para compreender a complexidade do fenômeno em questão. Explorar o espectro de opiniões – convergentes e divergentes – dos entrevistados auxiliou para mostrar as diferentes expressões sobre a influência das crenças e valores étnicos na mentalidade empreendedora. Este objetivo se liga com o da pesquisa qualitativa em *apresentar uma amostra do espectro dos pontos de vista* (GASKELL, 2002, p.70).

3.3. O(s) mecanismo(s)

Ao optar por ressaltar o mecanismo étnico não queremos, de forma alguma, reforçar uma sociologia ou historiografia laudatória em relação ao imigrante europeu e seus descendentes no Rio Grande do Sul. O que moveu nossa escolha foi a proximidade afetiva com o fenômeno e a curiosidade em investiga-lo cientificamente. Seguindo na esteira de Max Weber, a escolha por estudar o empreendedorismo no seu aspecto étnico partiu dos valores, da vivência e da memória afetiva do pesquisador, porém ao iniciar o estudo tomou-se todo cuidado para que estes valores não tornassem os resultados valorativos, no sentido de enaltecer ou engrandecer o empreendedor com a vinculação étnica por qualquer ligação anterior que o pesquisador tenha com a temática.

O problema de pesquisa investigado nesse estudo indagou *em que medida as crenças e os valores étnicos do agente se relacionam a sua condição de empreendedor como mecanismos decisivos para promover a mentalidade empreendedora a partir de sua percepção?* Ao utilizarmos o termo mecanismos deixamos explícita a opção pela abordagem por mecanismos, de Jon Elster. Além disso, ao escolhermos tal abordagem conseguimos isolar o mecanismo étnico, alvo de nossa investigação, mas sem perder de vista outros mecanismos que estiveram presentes e estimularam a mentalidade do empreendedor em sua ação. Acreditamos que essa perspectiva metodológica contemple a complexidade do fenômeno do empreendedorismo ao sublinhar a dimensão das crenças e valores étnicos, mas sem descuidar de outros elementos atuantes no desenvolvimento da mentalidade do empreendedor.

Os 14 empreendedores investigados, ligados ao mecanismo étnico pela endogamia dos membros de seus respectivos grupos, nasceram em cidades ou locais onde a cultura do imigrante alemão ou do imigrante italiano é uma de suas características principais. Weber (2000) refere-se à endogamia nas comunidades étnicas como fator determinante nos processos de ação comunitária. Este é um ponto de nosso interesse, pois a comunidade só aceitaria como participante do grupo os descendentes nascidos endogamicamente. Portanto, uma das características utilizadas como critério seletivo da amostra de entrevistados de descendentes de imigrantes alemães e italianos é a endogamia, ou seja, os indivíduos entrevistados são filhos exclusivamente de pai e mãe descendentes de imigrantes alemães ou de pai e mãe descendentes de imigrantes italianos em todas as gerações.

O sobrenome alemão ou italiano por si só não garante o reconhecimento ao indivíduo enquanto membro do grupo étnico, pois para os seus partícipes a confirmação desse *status* também passa por uma origem biológica, racializada⁸. Ao adotar a estratégia metodológica de procurar indivíduos endogamicamente originados para entrevistar é como se trouxéssemos a noção antiga de etnia baseada na descendência comum de disposições iguais, herdadas e hereditariamente transmissíveis, tão presente nas ciências sociais a partir do século XIX. Nesse caso, o sentido de pertencer a uma etnia seria racializado, uma ideia ainda circundante no senso comum.

Porém, para ter um controle sobre o mecanismo étnico, selecionamos dois casos em que os empreendedores, apesar de nascidos em cidades com forte influência da cultura alemã ou italiana, não pertencem a tais grupos étnicos. Outro ponto com o qual nos preocupamos foi o de não forçar o entrevistado a relacionar a etnicidade com o empreendedorismo. Portanto, as perguntas sobre a etnia foram realizadas somente depois de respondidas as perguntas sobre o empreendedorismo. Dessa forma, a mentalidade do empreendedor não fica condicionada e dirigida diretamente ao problema de pesquisa elaborado.

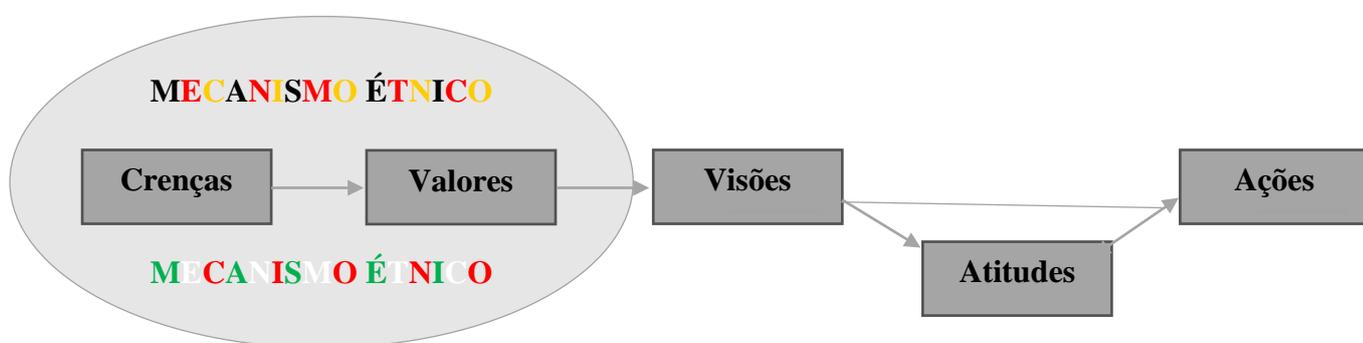
Da mesma forma que Weber utiliza do individualismo metodológico para a compreensão de fenômenos sociais, este recurso também é utilizado por Elster (1989). O princípio do individualismo metodológico está em explicar os fenômenos sociais, sua estrutura e sua mudança envolvendo somente indivíduos, suas propriedades, seus objetivos, suas crenças e suas ações (RATTON; MORAIS, 2003). Seguindo nesse rastro, objetivamos compreender e explicitar os mecanismos centrais desencadeadores do empreendedorismo,

⁸ Trata-se de uma concepção biologizante de cultura, se não mais presente na academia, ainda habitando o senso comum da população que vincula a herança genética dos ancestrais, transmitida de geração a geração, como definidora de uma suposta raça, suas características, sua moral e seus valores.

partindo das crenças e dos valores que orientaram a ação através da mentalidade empreendedora dos indivíduos. O enfoque no individualismo metodológico explica os resultados sociais através do produto agregado do cálculo dos indivíduos em busca de seus interesses, dado suas crenças e seu ambiente de escolha (ELSTER, 1989). O grupo étnico, permeado por crenças e valores que podem ter influenciado na mentalidade empreendedora, foi o ambiente em que os entrevistados se socializaram.

Para encerrar este capítulo dos procedimentos metodológicos apresentamos a figura abaixo com o modelo de análise proposto para o estudo:

Figura 1: Modelo de análise proposto



Fonte: Adaptado de Mello, Souza Leão, Cordeiro, 2007

Como pode ser observado na figura do modelo de análise proposto estão representados os estímulos do processo que gera a ação empreendedora. É nestes dois primeiros quadrantes que se encontra a principal contribuição sociológica para o fenômeno do empreendedorismo, visto que as crenças – constitutivas dos valores – são resultantes das demandas das instituições e dos grupos sociais aos quais os indivíduos se vinculam. Os valores implicam em como os agentes se relacionam com o mundo social na medida em que eles participam, tomam partido e se envolvem e, dessa forma, orientam uma determinada ação. Portanto, reafirmamos a importância de, antes de avaliar o comportamento do empreendedor e suas características e atitudes desejáveis ou analisar a ação econômica propriamente dita, há de se mergulhar no domínio da mentalidade alimentada por crenças e valores adquiridos socialmente em contato com instituições ou grupos sociais.

4. ETNICIDADE E EMPREENDEDORISMO: A SUBJETIVIDADE DO EMPREENDEDOR ÉTNICO DESCENDENTE DE IMIGRANTES ALEMÃES E ITALIANOS NO RIO GRANDE DO SUL

4.1. Introdução

Este capítulo da dissertação expõe alguns elementos constitutivos das crenças e dos valores étnicos dos empreendedores que, supostamente, influenciaram sua mentalidade empreendedora. Como afirmado anteriormente, nosso estudo partiu da inquietação em constatar que, passados 190 anos do início da imigração europeia para o estado com a chegada dos primeiros imigrantes germânicos, em 1824, atualmente seus descendentes, mesmo vivendo em um contexto bastante modificado se comparado ao ambiente dos seus antepassados ou ao seu, no caso daqueles que conviveram de forma mais direta com o grupo étnico, eles ainda mantêm vivas crenças étnicas, principalmente relacionando o empreendedorismo como uma característica típica do imigrante e, por consequência, também sua.

O discurso que relaciona a etnicidade de alemães e italianos ao empreendedorismo é constantemente ativado para vincular o desenvolvimento e o crescimento do estado aos grupos de imigrantes europeus. O discurso em questão transmite a ideia de que sem a chegada desses grupos de imigrantes o estado não teria alcançado um desenvolvimento considerável. Além dos imigrantes italianos e alemães, o Rio Grande do Sul também recebeu indivíduos ou levas migratórias provenientes de outras partes da Europa, como poloneses, ucranianos, holandeses, franceses, eslavos etc⁹. Porém, a escolha por estudar as referidas etnias ocorreu por, além da sabida significância quantitativa dessas correntes migratórias, serem as mais representativas de uma das imagens construídas do estado sul-rio-grandense, aquela ligada ao imigrante europeu.

É importante pontuar que as correntes migratórias de alemães e de italianos não foram homogêneas, mas, ao contrário, trata-se de migrações bastante diversificadas. Basta atentar-se, por exemplo, para o fato de que a Alemanha enquanto Estado-nação surge em 1871 com a unificação dos vários reinos independentes que formavam a Prússia. Isso significa dizer que os imigrantes chegados antes de 1871 ao Rio Grande do Sul não conheceram a nação alemã enquanto tal. De todo modo este é um fato esquecido ou ignorado por alguns descendentes de

⁹ No sul do Brasil a população é majoritariamente descendente de imigrantes europeus, segundo Montoro *et alia*, (2014, p.43).

prussianos atualmente. Quando da realização das entrevistas com os descendentes de imigrantes alemães e italianos foi solicitado aos entrevistados que narrassem a história de suas famílias, desde a chegada dos seus antepassados que vieram da Europa para o Brasil, até chegar a sua geração. Dessa forma pudemos captar o quanto os entrevistados conhecem ou desconhecem a história dos seus antepassados, o contexto no qual eles viviam e os motivos que os levaram a migrar para a América. O objetivo geral desse capítulo foi contextualizar a relação entre etnia e empreendedorismo, apontando elementos sobre a etnicidade e relacionando-os com pontos centrais do nosso estudo.

Como o leitor poderá notar ao longo do capítulo, para compreender os aspectos que ainda hoje reforçam simbolicamente a construção em torno da figura, da trajetória e da história do imigrante alemão e italiano no Rio Grande do Sul, vinculando-os ao empreendedorismo, e também inculcados subjetivamente na mentalidade de seus descendentes, recorreremos às festas populares, à música, à literatura, ao cinema, além de outros elementos simbólicos para nos auxiliar no entendimento de como esse discurso de exaltação étnica aos grupos de alemães e de italianos ganha força, legitimidade e se propaga de diversas formas e, por meio, de diferentes veículos.

4.2. Situando a discussão: entre a modernidade e a tradição

A modernidade é entendida como um *estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência* (GIDDENS, 1991, p.11). A história da humanidade é caracterizada por certas discontinuidades como, por exemplo, as mudanças sociais, ilustrada pela passagem de uma sociedade tribal para o surgimento de Estados agrários. O que difere a modernidade de outros períodos da história humana é o rompimento, sem precedentes, com todos os tipos tradicionais de ordem social. A ruptura refere-se as formas singulares das instituições produzidas na modernidade. Entre suas características está a possibilidade de a identidade dos indivíduos, ao invés de ser definida e limitada – pelo parentesco ou pela localidade – como no mundo tradicional, ela é móvel e sempre aberta à revisão ao apropriar-se de novos conhecimentos. Como assinala Poutignat e Streiff-Fenart (1998), as ligações étnicas estariam condenadas a desaparecer com esse processo instaurado na modernidade.

Nesse pequeno período de tempo histórico, iniciado no século XVII, as transformações ocorridas são drásticas e abrangentes como em nenhuma outra época. O ritmo

de mudança acelerado é uma das principais características da modernidade. É evidente que todas as sociedades – modernas ou não – são dinâmicas, porém o ritmo de mudança tal qual vivenciamos, alcança seu ápice na modernidade. Nesse sentido, Giddens reflete sobre a transformação do tempo e do espaço:

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominadas pela “presença” – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. (GIDDENS, 1991, pgs. 28 e 29)

Nesse contexto de modernidade estudar o empreendedorismo sob uma ótica sociocultural pode parecer, em um primeiro momento, uma incongruência, ao tentar combinar um fenômeno moderno com traços tradicionais de ordem étnica. Os estudos sobre o empreendedorismo geralmente partem de um viés organizacional relegando a um segundo plano, ou ignorando, os mecanismos culturais e simbólicos que incidem sobre o fenômeno, caso este das crenças e valores advindos de grupos étnicos. Mas há autores, principalmente sociólogos e antropólogos, que realizam uma Sociologia Econômica ou da Empresa investigando as dimensões culturais na mentalidade e nas ações econômicas (CAPPELLIN *et alia*, 2010). Esses autores identificam as culturas como estratos simbólicos que orientam no espaço e no tempo o agir dos indivíduos. Uma ilustração desse tipo, de acordo com Cappellin *et alia* (2010), são os descendentes de imigrantes do Vêneto no Rio Grande do Sul que ainda hoje conservam dialetos esquecidos nos próprios locais de origem na Itália.

Tais fatos acentuam como as referências ao passado convivem no mundo moderno. O pressuposto é de que, apesar da modernidade tentar de forma implacável enfraquecer ou destruir os valores tradicionais, eles podem ser adaptados para se conservarem, mesmo que agindo somente no imaginário do indivíduo. Portanto, ao optar por fazer uma reflexão desse cunho, nossa tentativa foi a de combinar os recursos simbólicos, das crenças e dos valores étnicos, e suas conexões com a mentalidade do empreendedor, pois acreditamos que estes também são elementos importantes para a compreensão do agente que empreende.

Se os recursos culturais, simbólicos e de identificação étnica não estivessem presentes pode ser que as empresas convergissem para um padrão de gestão baseado unicamente na racionalidade econômica, como muitos administradores e economistas propõe. É nesse sentido que Cappellin *et alia* (2010) destacam uma abordagem em que a dimensão simbólica

não é excludente da dinâmica de mercado. Ao contrário de uma lógica excludente, o empreendedor pode valer-se da etnicidade como um recurso que lhe movimenta e lhe mobiliza conjugando-a a lógica econômica de mercado.

O peso da imigração europeia para a economia do Rio Grande do Sul é reconhecido pela historiografia econômica conferindo-lhe destaque no século XIX como um ciclo de destaque:

Iniciada ainda em 1824, a imigração intensificou-se após a Guerra dos Farrapos (1835-1845), quando o fim da servidão na Europa e a Segunda Revolução Industrial desempregaram milhões de pessoas. Dedicando-se inicialmente à agricultura e ao comércio, os imigrantes europeus também resgataram seus antigos ofícios, desenvolvendo pequenas indústrias em paralelo às suas atividades agrícolas, impulsionando o desenvolvimento de diversos polos, com destaque para Joinville (SC), Blumenau (SC), Caxias do Sul (RS) e Porto Alegre (RS). Os vínculos comunitários que surgiram nas colônias rurais europeias também estimularam o desenvolvimento de cooperativas de produção e de crédito. (MONTORO *et alia*, 2014, p.45)

Após a chegada dos imigrantes houve outros ciclos econômicos de destaque, porém, para muitos descendentes de imigrantes, o ciclo de desenvolvimento iniciado por seus antepassados, como referido acima, ainda hoje os anima e os encoraja para seguir o ímpeto empreendedor dos primeiros imigrantes. Ao manter acesa essa crença de que etnicidade e empreendedorismo andam lado-a-lado, os descendentes de imigrantes alemães e italianos buscam nos valores tradicionais o suporte para enfrentar os desafios do empreendedorismo moderno, como a capacidade de inovar em ambientes cada vez mais dinâmicos e, por vezes, hostis. Em sua visão, talvez não tão diferentes em termos de obstáculos e dificuldades daqueles encontrados pelos primeiros imigrantes.

4.3. A crença subjetiva no grupo étnico

Os escritos clássicos de Max Weber (2000) refletem sobre as relações comunitárias étnicas. Weber pondera que o sentimento de pertencimento a uma comunidade étnica, tem como característica comum, o sentido de uma subjetividade compartilhada por seus membros. A ligação entre os membros de uma etnia ocorre em oposição àqueles outros que são distintos ou que estão em oposição à sua comunidade étnica. Ao delimitar essa fronteira entre uma comunidade étnica e outra, já aparece nos escritos de Weber, o germe de debates mais recentes sobre etnicidade, representados pelos escritos de Barth (1998) sobre as fronteiras

estabelecidas entre os grupos étnicos. Pensamos as fronteiras étnicas entre os grupos imigrantes no Rio Grande do Sul através de várias contraposições, seja entre diferentes etnias, de forma mais geral, como alemães e italianos; ou entre as diferenciações a partir de uma mesma etnia, caso dos imigrantes alemães de religião católica e dos imigrantes alemães de religião protestante, caso dos italianos provenientes do sul ou do norte da Itália. Apesar de se encontrarem sob uma denominação comum no Rio Grande do Sul – de alemães ou de italianos – a subjetividade absorvida pelos indivíduos dos diferentes grupos pode diferir em suas crenças e valores se levarmos em conta tais especificidades.

Segundo Dreher (2003), em seu livro *Igreja e Germanidade*, oriundo de sua tese sobre os imigrantes germânicos protestantes e a construção de uma identidade teuto-brasileira, os alemães não-católicos encontraram maior dificuldade de se integrar a sociedade brasileira por não comungarem da religião oficial do Estado brasileiro, a católica. Se comparados com os imigrantes germânicos católicos, e com os imigrantes italianos, praticamente todos católicos em sua totalidade, os protestantes viveram durante um período considerável de forma mais isolada, havendo mínimo contato com a população já estabelecida. Outro ponto relevante sublinhado por Dreher (2003) aponta para a situação de marginalidade que os primeiros imigrantes germânicos se encontravam. Os imigrantes germânicos se estabeleceram em regiões pouco povoadas e o seu contato com a população nativa era mínimo. O fator do isolamento, como anteriormente já destacara Weber em seus escritos, faz surgir populações etnicamente homogêneas, *nas quais a língua e as tradições puderam ser preservadas* (DREHER, 2003, p.38).

Para Weber (2000), além da origem comum, a sensação de pertencimento a uma etnia também seria alimentada pelos costumes gerativos de um sentimento de honra e de dignidade aos membros do grupo. Alguns desses costumes da cultura dos grupos de imigrantes perduram até os dias de hoje, como as festividades que celebram o espírito comunitário e a produção típica de dadas etnias, caso da Festa da Uva de Caxias do Sul, realizada pela primeira vez, em 1931. É nesse período que Caxias do Sul encontra-se em pleno desenvolvimento. Com uma produção de 42 mil toneladas de uva, o município era responsável por um terço da produção da fruta no estado¹⁰. A Festa da Uva, além do caráter agroindustrial, retrata e reforça a imagem dignificante do imigrante italiano, como o homem forte ligado à terra e a colheita, suscitando através de seus esforços o progresso para a região.

¹⁰ Ver: <http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/242824/default.aspx> - Acessado em 01 de março de 2015.

Era costume entre os primeiros imigrantes italianos realizar comemorações pela colheita da uva, costume passado dos imigrantes para os seus descendentes. Uma das tradições mantidas na região da Serra Gaúcha consiste em pisar nos bagos de uva para separar o suco do bagaço. Aos olhos modernos, e com o conhecimento de noções sanitárias, essa prática pode causar ojeriza em certos indivíduos, mas para os descendentes de italianos da Serra Gaúcha é um costume que os faz sentir mais pertencentes a sua etnia. Atualmente são 47 municípios da Serra Gaúcha que vivem sob o rótulo de região da uva ou do vinho com a vinculação étnica italiana. São, de acordo com o site da Serra Gaúcha¹¹, pelo menos 83 pequenas vinícolas familiares ou empresas tradicionais da região oferecendo ao visitante acompanhar a elaboração dos vinhos e a degustação do resultado nas cantinas dos descendentes de italianos.

No caso dos alemães, as festividades mais conhecidas são as *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul e de Igrejinha. No site da prefeitura de Santa Cruz do Sul há um livro¹², de 2010, em formato digital, apresentando a tradicional festa germânica: a terceira maior *Oktoberfest* do mundo, atrás apenas de Blumenau, em Santa Catarina, e Munique, na Alemanha. Nas primeiras páginas, destaca-se que Santa Cruz do Sul celebra anualmente as tradições trazidas há mais de um século e meio pelos imigrantes alemães. A *Oktoberfest* é o maior evento do município e tornou-se uma referência na preservação da cultura alemã. O livro faz inúmeras referências aos hábitos e costumes herdados dos colonizadores alemães, seja através da dança, da música ou da gastronomia típicas. A mensagem para os descendentes é explícita, ela os conclama (filhos, netos, bisnetos) a se orgulharem das tradições e manterem a cultura preservada.

Para exaltar a figura do imigrante como um pioneiro, o livro relata que os colonizadores encontraram grandes dificuldades de sobrevivência, a partir de sua chegada à cidade, em 1849. Porém, apesar de todas as adversidades, foi através do trabalho exaustivo e, em família, que os imigrantes trouxeram o progresso para a Colônia de Santa Cruz do Sul. Entre a produção dos imigrantes destacava-se o tabaco, o feijão, o linho, o trigo, o milho, as abóboras, as batatas e, obviamente, a cevada. A primeira *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul, realizada em 1984, tinha como objetivo recuperar a cultura, os usos e os costumes herdados dos colonizadores, provenientes da região do Reno e da Silésia.

¹¹ Ver: <http://www.serragaucha.com/pt/paginas/a-regiao/> - Acessado em 01 de março de 2015.

¹² Ver: http://www.pmscs.rs.gov.br/download/livro_oktoberfest_sta_cruz_do_sul.pdf - Acessado em 01 de março de 2015.

O livro sobre a *Oktoberfest* de Santa Cruz do Sul traz à tona o discurso relacionando etnia e empreendedorismo ao exaltar as habilidades progressistas da comunidade santacruzense, herdada dos imigrantes: principalmente referindo-se às feiras industriais, comerciais e de artesanato e, por consequência, todo o potencial econômico do município e da região. O texto sempre enfatiza que os descendentes de imigrantes incorporam em seu espírito um conjunto de valores deixado como legado pelos imigrantes. A *Oktoberfest*, a partir de 1995, escolhe temas para cada festa. A eleição dos primeiros temas deixa explícita a vinculação entre etnia e desenvolvimento/empreendedorismo. Em 1995, o tema foi “Da tradição ao progresso”; em 1996, “Cultura, Dedicção e Desenvolvimento”; em 1997, “Uma história de progresso”; em 1998, “Dedicção de um Povo”; em 1999, “150 anos de colonização de Santa Cruz do Sul”; e, em 2000, “Um brinde ao trabalho e à alegria”.

Para 2014, o tema da *Oktoberfest*, foi “Celebrando uma herança cultural”. Ele foi anunciado pela Associação de Entidades Empresariais de Santa Cruz do Sul (Assemp) juntamente com a Prefeitura da cidade, parceiras na organização do evento. De acordo com os professores que realizaram a pesquisa referente ao tema de 2014, em matéria veiculada no site do evento¹³, *celebrar e festejar a herança que nos foi legada é tornar importante quem nos antecedeu. E a Oktoberfest celebra as conquistas dos imigrantes alemães nesta região.*

O texto de apresentação faz alusão ao pioneirismo dos primeiros 39 imigrantes alemães que chegaram ao Rio dos Sinos buscando uma vida melhor e um pedaço de chão para chamar de seu. Quando se refere aos 12 primeiros imigrantes alemães que chegaram à Colônia de Santa Cruz, retrata esses indivíduos como sonhadores, com imensa vontade de trabalhar repassando, por meio de sua cultura, conhecimentos valiosos para as gerações vindouras. A todo o momento o texto reforça a ideia de união do grupo, presente entre os imigrantes, através da ajuda mútua e da cooperação entre eles. Os imigrantes venceram as dificuldades e o seu legado foi o desenvolvimento, vivenciado atualmente na região. Foram esses imigrantes que fizeram a diferença na economia local, criando as agroindústrias. No encerramento do escrito a mensagem dos autores é a de que o festejo e a celebração da *Oktoberfest* glorifica os antepassados.

Além dos hábitos e dos costumes, a coesão do grupo étnico depende de uma crença subjetiva comum entre os membros sobre sua origem. A crença nessa origem comum, de acordo com Weber (2000), pode desenvolver uma força criadora de comunidade amparada, principalmente, na lembrança de uma migração real, pode ser tanto uma colonização, caso dos

¹³ Ver: http://www.oktoberfestsantacruz.com.br/mobi/ver_noticia.php?id_noticia=354 - Acessado em 01 de março de 2015.

imigrantes alemães e italianos aqui estudados, ou uma emigração individual. Partindo dessa acepção, conjugando os hábitos e costumes com a lembrança de uma migração real por seus membros, a definição de grupo étnico para Weber (2000) compreende

aqueles grupos humanos que, em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, ou em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que esta se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva. (p.270)

Os termos colonização e imigração, realçados na citação anterior, não possuem o mesmo sentido. Segundo a historiadora Regina Weber (2006), em artigo sobre imigração e identidade étnica, há uma diferenciação entre estes dois termos. A imigração é considerada um tema universal, visto que tal fenômeno ocorreu em todos os períodos históricos. Em qualquer momento da história os indivíduos constantemente moviam-se de um lugar para o outro. Antes de sedentarizar-se o homem vivia em uma constante migração e, ao longo de alguns milênios, partindo de uma irradiação do continente africano, diferentes grupos chegaram a outras partes do globo, originando o que hoje denominamos como europeus, asiáticos ou americanos. Por sua vez, o termo colonização expressa processos históricos ocorridos nos Estados Unidos do século XVII e no Brasil do século XIX, caso das imigrações alemã e italiana para o Brasil com caráter de colonização.

O argumento da historiadora é de que nem todos os processos de imigração resultam em colonização. Um caso de imigração não colonizadora é o dos africanos trazidos para o Brasil. Os indivíduos não vieram espontaneamente da África para o Brasil, mas sim, obrigados, forçados a largar sua terra natal para servir como mão-de-obra escrava. Regina Weber (2006) também enfatiza que a identidade étnica não é sinônimo de identidade nacional. Um dos possíveis pontos a ser estudado quando se enfatiza a identidade étnica são as identidades regionais. No Rio Grande do Sul, uma das identidades regionais reforçada é a do imigrante, principalmente a do alemão e a do italiano pela sua representatividade e pelas qualidades vinculadas a essas etnias, como o empreendedorismo que acarretou no desenvolvimento do estado.

Os italianos são um dos povos mais migrantes do globo. Porém é interessante, analisando o caso dos italianos nos Estados Unidos e no Brasil, como a imagem deles se modifica de um lugar para o outro. Nos Estados Unidos, segundo Regina Weber (2006), os italianos são associados a práticas de contravenção e a crime organizado, já no Brasil,

principalmente no Rio Grande do Sul, os italianos são vinculados ao desenvolvimento, pioneirismo e empreendedorismo da região. Outro discurso corrente no Brasil é o que vincula o maior desenvolvimento do sul do país a predominância de imigrantes – e agora, de seus descendentes – na região. Filmes produzidos nos Estados Unidos e no Brasil sobre os imigrantes italianos reforçam certas imagens construídas em torno dos grupos étnicos imigrantes.

Através de dois filmes clássicos, de destaque no cinema americano e no cinema brasileiro, podemos constatar essas nuances entre as identidades dos italianos em cada um dos países: referimo-nos à trilogia *O Poderoso Chefão* (1972, 1974 e 1990) e ao filme *O Quatrilho* (1995). O primeiro filme conta a trajetória de uma família siciliana de mafiosos, os Corleone, capitaneados pelo seu líder Don Vito Corleone, um dos clãs criminosos mais importantes de Nova York. Já *O Quatrilho*, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro, filmado na Serra Gaúcha, fora as desventuras amorosas de dois casais, mostra uma comunidade rural composta por imigrantes italianos, onde dois amigos, inicialmente se associam, e conseguem atingir grande êxito em seus negócios. Logo no início do filme *O Quatrilho* aparece essa vinculação entre a etnia italiana e o empreendedorismo através do seguinte trecho exibido da película:

*Deixando sua pátria em busca de melhores dias,
grandes levas de emigrantes italianos dirigiram-se à distante América
na segunda metade do século passado.
Uma considerável parcela desses aventureiros
aportou no extremo sul do Brasil
onde eles, seus filhos e netos, construíram uma sociedade próspera,
baseada na pequena propriedade rural e,
posteriormente,
sobre o comércio e a indústria.*

Os imigrantes alemães e italianos que aportaram no Rio Grande do Sul vieram das mais diferentes regiões e isso se traduz nos vários dialetos que ainda hoje são conservados, principalmente nas cidades do interior gaúcho. Dreher (2003) apresenta um quadro mostrando a proveniência regional dos imigrantes germânicos. O que se observa são origens extremamente diversificadas denotando um grupo bastante heterogêneo: São Leopoldo recebeu imigrantes de Hunsrück, Saxônia, Württemberg e Saxônia-Coburgo; Santa Cruz da Renânia, Pomerânia e Silésia; Santo Ângelo (Agudo) da Renânia, Saxônia e Pomerânia; Nova Petrópolis da Pomerânia, Saxônia e Boêmia; Teutônia da Westfália; e São Lourenço da

Pomerânia e da Renânia. É importante perguntar-nos, pensando nas características desses indivíduos de grupos distintos, se todos eles possuíam características empreendedoras. Como se sabe, os primeiros germânicos aportados no Brasil imigraram em função das desigualdades sociais e econômicas vivenciadas em suas regiões. Cartas enviadas pelos imigrantes pioneiros aos seus parentes e amigos diziam que eles *havia* *chegado ao país das possibilidades sem fim* (DREHER, 2003, p.33). A esperança de uma vida melhor no Brasil encontra-se também nas músicas que eles cantavam:

*Adeus, pátria mal agradecida,
Vamos para uma outra terra.
Vamos para o Brasil,
Deixamos apenas as dívidas.*

*Procuramos uma nova praia,
Lá encontraremos o ouro como areia.
Viva, viva,
Logo estaremos no Brasil.*

As cartas e canções, apresentadas no livro de Dreher (2003), nos auxiliam a responder a pergunta feita anteriormente sobre as características dos indivíduos que se deslocaram para o Brasil. Se tivermos claro que a maioria dos indivíduos que imigraram passavam situações sociais e econômicas bastante difíceis em seus países de origem, encontramos um caractere distintivo, o da seletividade para progredir, para melhorar as condições de vida. Nem todos os indivíduos que passavam por situações complicadas, de miserabilidade na Europa, decidiram migrar, tanto que muitos dos que imigraram escreviam as cartas para seus parentes e amigos que ficaram, os quais não deviam ter uma situação tão melhor ou mais privilegiada do que eles.

A característica empreendedora dos que vieram arriscar a vida no Novo Mundo foi propiciada por uma conjunção entre a situação dessas pessoas na Europa, a decisão de imigrar e as oportunidades encontradas no Brasil. Obviamente existiam indivíduos preguiçosos e pouco interessados em progredir na Europa, mas estes, não devem ter se arriscado a atravessar o oceano e vir ao Brasil. E, mesmo que nem todos os imigrantes empreenderam em suas trajetórias, os feitos dos alemães e italianos no Rio Grande do Sul adquiriram tal proporção que este se transformou em sua marca e valor. Características que acompanharam, e ainda hoje acompanham, os membros desses grupos étnicos como um sinal de distinção em relação aos indivíduos sem esta procedência étnica.

Em uma das cartas apresentadas por Dreher (2003, p.33), um indivíduo imigrante escreve para seu conterrâneo. A carta inicia-se com um agradecimento a Deus por ter empreendido a viagem e, na sequência, ele relata os benefícios recebidos do Imperador: três cavalos, dois bois, uma vaca, dois machados, duas pás, duas picaretas, duas selas e dois arreios, além de uma ajuda em dinheiro. Quando da escrita da carta, ele encontrava-se com quinze vacas, seis bois e oito cavalos; e os planos eram de, em um prazo de dois anos, chegar perto dos duzentos animais. Ao final da carta, após descrever o Brasil como um país que se assemelha ao paraíso, o escrevente diz trabalhar menos do que quando estava na Alemanha e, além disso, possui mais do que lá.

Assim como os grupos de imigrantes eram variados, os motivos da imigração seguiram essa tendência. Não foi somente de pessoas em situação de miserabilidade que as correntes migratórias se constituíram. Intelectuais descontentes com a situação política da Alemanha, os quais consideravam um regime reacionário, acabam também optando pela imigração, principalmente após o fracasso das tentativas de revolução em 1848/1849. Mas a imigração não ocorreu somente no século XIX, como nos aponta Dreher (2003, p.34):

Após a Primeira Guerra Mundial, parte da burguesia arruinada pela inflação e desemprego, emigrava ao Brasil. Quando os social democratas assumiram o poder na República de Weimar, membros de partidos direitistas emigraram; entre eles também vamos encontrar comunistas militantes, membros do “Spartakus”.

Quando percorrermos, no próximo capítulo, as particularidades do processo histórico da chegada dos imigrantes alemães e italianos no decorrer dos séculos XIX e XX o leitor perceberá mais claramente como a imigração foi heterogênea, sendo composta de grupos diversificados com experiências singulares no Rio Grande do Sul. Por enquanto, destacamos algumas passagens para nos auxiliar a compreender como se construiu a identidade étnica desses grupos e como esta se relaciona (ou não) ao empreendedorismo.

4.4. Reflexões contemporâneas sobre etnicidade

O livro de Poutignat e Streiff-Fenart (1998) sobre teorias da etnicidade, o qual utilizamos para apontar e realçar os elementos atuais da discussão sobre etnicidade, faz inúmeros enlaces com as concepções weberianas de etnia enfatizando, por exemplo, que o grupo étnico, tal como entendido por Weber, em seus escritos de *Economia e Sociedade*, é

fundado pela crença subjetiva na comunidade de origem. Em dado momento os autores questionam o que seriam os grupos étnicos para Weber, e trazem a seguinte definição baseada na leitura do autor alemão:

São esses grupos que alimentam uma crença subjetiva em uma comunidade de origem fundada nas semelhanças de aparência externa ou dos costumes, ou dos dois, ou nas lembranças da colonização ou da migração, de modo que esta crença torna-se importante para a propagação da comunalização, pouco importando que uma comunidade de sangue exista ou não objetivamente. (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p.37).

Poutignat e Streiff-Fenart (1998) resumem os aspectos essenciais abordados por Weber e que contribuíram para o entendimento do fenômeno étnico: a) o grupo étnico é claramente uma construção social; b) a identidade étnica (a crença na vida em comum étnica) constrói-se a partir da diferença; c) o conteúdo da comunidade étnica é a crença em uma honra específica. Ao caracterizar a etnicidade (ou o grupo étnico) como uma construção social, enfatiza-se que ela não existe na natureza, não é algo dado, nem tampouco um fenômeno social universal; mas, sim, ela é um artifício idealizado por alguém, dentro de um processo coletivo, para determinadas finalidades, sendo historicamente mutável, de acordo com novos critérios e interesses que determinam novos fins, em novas circunstâncias.

No próximo capítulo da dissertação, quando abordaremos o processo histórico e as especificidades das colonizações alemã e italiana no Rio Grande do Sul, percorreremos esses pontos. Este é o caso dos italianos da Serra Gaúcha que, por meio de uma elite intelectual, construíram uma identidade étnica baseada no valor do empreendedorismo e delimitaram as fronteiras entre outros grupos, como os “brasileiros” e os próprios imigrantes italianos que ainda continuavam identificados com a figura do colono, ligados ao meio rural, estes considerados sinônimo de atraso, se comparados com a elite italiana emergente e seu caráter progressista.

A concepção contemporânea de etnicidade desenvolvida por Poutignat e Streiff-Fenart (1998) a concebe como um conjunto temporal e mutável de traços culturais, referem-se às crenças e aos valores de um grupo se modificando de geração para geração. Como estamos falando de grupos diferentes, também podem aparecer limites que separam as etnias alemã e italiana no Rio Grande do Sul quanto à disputa do discurso e da imagem de seus membros enquanto empreendedores. Ao realçar esses elementos, seguimos a tendência atual de se questionar como as mudanças sociais, políticas e culturais, afetam e demarcam a distinção entre um grupo étnico e outro. Todo esse percurso realizado em trazer a história, o passado

desses grupos étnicos para o estudo, reflete a característica diferencial da identidade étnica em relação às outras formas de identidade coletiva, pois a orientação da etnicidade é direcionada para o passado.

Um fenômeno que tem se espalhado nos estados do sul do Brasil são as festas de família de descendentes de imigrantes para celebrar a origem de seus antepassados. Esses eventos refletem o culto as origens. Tivemos a oportunidade de acompanhar uma dessas festas de família de origem alemã na cidade de Horizontina, em 2011. Estavam presentes descendentes do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná, os quais chegavam em caravanas. O que os unia ali era – para além do sobrenome, muitas vezes com pequenas alterações em decorrência de erros no registro oficial –, sobretudo, uma origem comum, mesmo que nem todos fossem parentes de sangue. Naquele mesmo espaço percebiam-se algumas diferenças, como os alemães católicos e os alemães protestantes, mas todos se reivindicando alemães e comungando de um mesmo sentimento de pertencimento.

No início do encontro, que durou dois dias, o discurso proferido por um professor universitário, membro da família, exaltava essa relação com o passado ao realizar uma reflexão sobre que mundo é esse que existe quando nascemos e que nos aguarda. O discurso enfatizava que existe um mundo anterior a nós, mas que simultaneamente já faz parte de nós. E, a partir desse ponto, começava a fazer referências aos antepassados que imigraram da Europa para o Brasil, exaltando as qualidades do pioneirismo, para ligar todos aqueles ali presentes a uma identidade comum com essa nítida orientação para o passado. Em algumas conversas que mantivemos com participantes do encontro, principalmente os luteranos de Santa Catarina, a endogamia foi reforçada, uma interlocutora disse-nos que seu pai exigia que ela se casasse com alguém da mesma etnia, não aceitava sequer um membro de outra etnia europeia, tinha que ser alemão igual a eles.

O estudo desenvolvido também captou alguma disputa de sentido, através do discurso elaborado pelos empreendedores das duas etnias, que eles conferem à etnicidade e sua relação com o empreendedorismo. Ao fazer referência as festas típicas, as canções, as cartas escritas por imigrantes e as produções cinematográficas, como os filmes mencionados acima, tentamos adentrar na construção do imaginário social sobre os grupos investigados através de elementos que são considerados férteis para a compreensão do fenômeno étnico em sua subjetividade.

Para existir o sentimento de pertença comum entre os membros de uma comunidade é necessário o esquecimento de que não existem grupos racialmente puros, mas sim populações

resultantes de uma fusão. Com a dissolução do Império Romano do Ocidente (476 d.C), a Itália fragmenta-se e transforma-se em uma região dividida em várias unidades políticas independentes entre si. Estas regiões, após o Congresso de Viena (1815), passaram a ser dominadas por austríacos, franceses e pela Igreja Católica. A Áustria, para ilustrar a situação, dominou os reinos e ducados de Lombardia-Veneza, Toscana, Parma, Módena e Romagna (SANTOS, 2006). A história europeia é repleta desses momentos de guerra e de invasão, gerando o contato entre grupos diferentes, resultando, muitas vezes, na fusão de populações. A Sicília, ao sul da Itália, é um desses casos em que durante certo período foi controlada por muçulmanos. Mas quando o sentimento de se sentir como membro de um grupo étnico é realçado, esses fatos são “esquecidos”.

A grande imigração italiana para o Brasil iniciou-se em 1874, apenas alguns anos após a unificação da Itália. No Brasil, especialmente nas colônias do sul do país, os imigrantes tiveram a oportunidade de desenvolver um grande senso de comunidade, de pertencimento ao grupo étnico. E, nesse caso, produz-se uma noção racializada, ao ignorar serem eles também, imigrantes, produtos das guerras, invasões e conquistas ocorridas em seu país. Poutignat e Streiff-Fenart (1998) destacam duas maneiras de se produzir a etnicidade: uma seria através da língua adquirida na escola primária ou na família, porém somente ela não basta para produzir o fenômeno. Para os autores existiria um segundo procedimento de fabricação da etnicidade: *a raça, princípio de fechamento e de exclusão, cujo esquema é a genealogia voltada imaginariamente para o limiar da sociedade* (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p.51).

Os descendentes de alemães e italianos, apesar das mudanças e transformações pelas quais as sucessivas gerações passaram, após a chegada dos primeiros imigrantes, conservam um senso de continuidade em relação a eles. Entre as características que podemos destacar como integrantes desta continuidade está a crença no ímpeto empreendedor. É comum, ao conversar com os descendentes, as referências a etnicidade como explicativa do empreendedorismo. Tem-se a impressão, através do seu discurso, de que sem a chegada dos imigrantes no Rio Grande do Sul, o estado pouco ou nada se desenvolveria. Mas essa visão não é só endógena, pois ao transitar por outras regiões do Brasil, dialogando com os habitantes locais sobre impressões acerca das regiões brasileiras, nota-se uma imagem construída sobre o sul do país, atrelando um maior desenvolvimento da região em virtude da colonização europeia aqui presente. Também há uma visão racializada, para quem não

conhece mais profundamente a região, sobre os habitantes do sul do Brasil, como se esta fosse quase que exclusivamente habitada por indivíduos de tez, cabelos e olhos claros.

Assim como os imigrantes europeus que se alojaram nos Estados Unidos e sua adaptação na sociedade americana, caso dos poloneses em Chicago, tão estudados pela Escola de Chicago, a partir da primeira metade do século XX; os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes no sul do Brasil também passaram por esse processo adaptativo à nova sociedade, lhe ofertando recursos sociais, políticos, econômicos e psicológicos no desenvolvimento de suas ações. Ao estudar os empreendedores descendentes de imigrantes alemães e italianos tentamos captar a variabilidade dessas experiências e mecanismos incidindo sobre a mentalidade empreendedora.

A nossa concepção de etnicidade não é a de um fenômeno isolado, enclausurado exclusivamente em um grupo, mesmo que surja a partir dele, mas de um fenômeno implicado em uma sociedade global que ameniza ou evidencia a identidade étnica. De geração para geração o sentimento em relação à etnicidade pode variar de acordo com as experiências e situações vivenciadas pelos indivíduos. Provavelmente os imigrantes e seus filhos carregavam um sentimento de tristeza ou de melancolia para com a imigração, pois muitos imigrantes deixaram familiares na Europa os quais nunca mais reviram. Fora isso também há as eventuais agruras vividas no novo país durante os primeiros tempos. Por outro lado, para as gerações mais novas, essas lembranças se distanciam de tal forma que as menções a identidade étnica são sempre enobrecedoras. Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.71) referem-se a uma lei sobre o sentimento étnico em uma perspectiva geracional, chamada “lei de Hansen”, que diz o seguinte:

daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer se lembrar, estabelecendo que uma identidade étnica dos imigrantes tende a ser rejeitada na segunda geração mas revitalizada na terceira.

Se compararmos essas distintas maneiras de sentir a etnicidade entre diferentes gerações, talvez encontremos entre as gerações mais novas de descendentes de imigrantes uma etnicidade de caráter mais simbólico que, como pontua Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.77), *tem apenas pouca coisa a ver com a realidade cotidiana da vida social étnica que era a dos primeiros imigrantes*. Se esse dado for verificado podemos levantar uma hipótese de que os limites entre as etnias alemã e italiana no Rio Grande do Sul, atualmente, é muito tênue, e o que encontramos é a coisificação de uma construção social, através de um discurso

enaltecedor vinculando o descendente de imigrante, seja alemão ou italiano, sem distinção em relação às origens dos primeiros imigrantes, ao empreendedorismo.

A etnicidade simbólica seria a característica distintiva que os descendentes de imigrantes alemães e italianos ativam para justificar o seu caráter empreendedor. Poutignat e Streiff-Fenart (1998) salientam que à medida que os grupos étnicos são assimilados pela sociedade global, a etnicidade simbólica pode desaparecer, ou então é possível que ela se mantenha até a quinta ou sexta geração.

No Rio Grande do Sul, fora as especificidades das etnias alemã e italiana que as separam, parece que elas estão mais próximas do que distantes, e os “outros” nesse caso seriam aqueles que não são descendentes de alemães e de italianos e que, assim, não teriam dadas características, como o ímpeto em empreender. Para Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.124) não é o isolamento que torna saliente as identidades étnicas, mas sim *a intensificação das interações características do mundo moderno e do universo urbano*. Portanto, na origem da etnicidade, está a comunicação cultural ao facilitar o estabelecimento de fronteiras entre os grupos através de símbolos simultaneamente compreensíveis pelos *insiders* e pelos *outsiders*.

O principal estudo sobre os *insiders* e os *outsiders* foi realizado por Elias e Scotson (2000), descrevendo uma comunidade urbana periférica para mostrar a nítida divisão, no interior do grupo, entre um grupo estabelecido há bastante tempo, contrastando com um grupo mais novo de residentes, os *outsiders*. Pensando a partir dessa lógica de *insiders* e *outsiders*, os primeiros imigrantes eram vistos como indignos pelos habitantes mais antigos do Brasil por se dedicarem ao trabalho braçal. Quando chegaram ao Rio Grande do Sul encontravam-se em uma situação de marginalidade.

Os germânicos se estabeleceram em regiões pouco povoadas e seu contato com a população local era mínimo. De acordo com Dreher (2003), os germânicos só adotavam algum elemento da cultura brasileira quando fosse vantajoso. Dado esse ambiente de pouco contato surgiram populações etnicamente homogêneas que, com o decorrer do tempo, passaram por transformações profundas conferindo-lhes características culturais próprias. Cabe salientar que, em um primeiro momento, os imigrantes foram vistos pelas populações autóctones como cidadãos de segunda ordem, já que foi o indivíduo imigrante quem cuidava da propriedade e quem cultivava a terra, *algo até então feito exclusivamente por escravos, era inconciliável com a mentalidade brasileira* (DREHER, 2003, p.38).

Elias e Scotson (2000) referem-se ao estigma imputado por um grupo ao outro, como se aqueles indivíduos, os *outsiders*, fossem pessoas com menor valor humano. Essa estratégia

é utilizada pelos grupos para manutenção do poder e para evidenciar a sua superioridade social. Para os *insiders* da sociedade brasileira da época, os imigrantes possuíam uma característica “ruim”, indigna do homem branco nobre, a de exercer o trabalho braçal. Entretanto, é interessante notar como, de um grupo marginalizado, os imigrantes se desenvolveram e inverteram o jogo ao criarem uma identidade positiva de si, exaltada até hoje, contando os seus feitos heroicos e relevantes.

Como hipótese podemos cogitar que o fator étnico auxiliou nesse fato, pois ao atravessarem juntos um processo grupal, lhes conferindo um estoque de lembranças, apegos e aversões comuns, fortaleceu o grupo para enfrentar o estigma social que lhe fora imputado pelos membros mais antigos da sociedade brasileira, quando da sua chegada ao Brasil. Hoje, os descendentes aqui estudados, afirmam positivamente: “eu sou descendente de alemão” ou “eu sou descendente de italiano”. Como explica Elias e Scotson (2000, p.42),

A imagem do nós e o ideal do nós de uma pessoa fazem parte de sua auto-imagem e seu ideal do eu tanto quanto a imagem e o ideal do eu da pessoa singular a quem ela se refere como "eu".

Há quase um consenso entre os autores contemporâneos em considerarem a etnicidade, tanto no seu conteúdo quanto na sua significação, como suscetível de transformar-se e redefinir-se. Entre esses autores há diferentes concepções para explicar a etnia. Para alguns a explicação está na classe, para outros no estatuto de poder e, para um terceiro grupo, no qual incluímo-nos, *é a construção simbólica da distinção cultural que fornece a base conceitual da etnicidade* (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p.125). No primeiro e segundo grupo de autores, as identidades étnicas se definem em termos materiais para atingir o poder ou conseguir bens raros, já no terceiro grupo a etnicidade corresponde à necessidade de organizar significativamente o mundo social. Ao privilegiarmos uma abordagem sociocultural do fenômeno, nosso objetivo analítico recai sobre a identificação étnica e sua vinculação com o empreendedorismo.

Os processos de identificação dos descendentes de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul pode auxiliar a compreender como operou a mentalidade do empreendedor e o quanto estes grupos estão próximos, pensando em termos de fronteiras, entre um grupo e o outro. Ao captar a percepção dos indivíduos sobre o fenômeno poderemos destacar o caráter subjetivo da etnicidade e sua relação com o empreendedorismo. A comparação entre as percepções dos descendentes das duas etnias sobre a etnicidade e sua ligação com o empreendedorismo auxiliará na observação das semelhanças e das diferenças culturais entre

os grupos. Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p.140) caracterizam a etnicidade como, ao mesmo tempo, perene e contingente:

perene, já que representa um dado subjacente, sempre suscetível de ser ativado e mobilizado; contingente, já que as condições e as formas de sua emergência são historicamente determinadas.

No capítulo 6, do livro de Poutignat e Streiff-Fenart (1998), os autores, para delimitar o campo de pesquisa da temática étnica, apresentam uma definição mínima do conceito de etnicidade compreendida como uma forma de organização social, baseada na classificação das pessoas em decorrência de uma origem suposta e ativada por signos culturais socialmente diferenciadores. No estudo realizado para a dissertação enfatizamos o processo de identificação dos indivíduos com as etnias alemã e italiana, e como essa identidade atrela-se a compreensão deles enquanto indivíduos empreendedores, forjando uma possível mentalidade empreendedora.

O exemplo dos imigrantes italianos é utilizado por Poutignat e Streiff-Fenart (1998) para evidenciar que os italianos ao deixarem a Itália não o faziam como italianos, mas como genoveses, venezianos, napolitanos, sicilianos, calabreses, etc, é na América que os imigrantes descobrem serem italianos. No capítulo histórico, em que discorreremos sobre as especificidades étnicas dos grupos de imigrantes, abordaremos com mais detalhamento como se deu esse processo no Rio Grande do Sul. É importante para nós reter a ideia de que essa denominação comum que os imigrantes receberam na sua trajetória em terras gaúchas pode ter nutrido uma solidariedade real entre os indivíduos assim designados que propiciou o desenvolvimento de uma mentalidade empreendedora.

Os apontamentos finais de Poutignat e Streiff-Fenart (1998) são guias de expressiva reflexão para o estudo realizado com descendentes de imigrantes alemães e italianos, se levarmos em conta os seguintes pontos sobre a etnicidade: a) a etnicidade é concebida na fronteira do “Nós”, em contato ou confrontação, ou por contraste com “Eles”; b) para elucidar o fenômeno da etnicidade é necessário analisar a geração das condições de estabelecimento, manutenção ou transformação das fronteiras entre os grupos; c) o que é ser um membro do grupo é objeto de disputa, contestação e redefinição por segmentos diferentes do grupo; d) retomando Weber, a crença na (e não o fato da) origem comum constitui o traço característico da etnicidade; e) etnicidade é uma realidade do sentimento subjetivo que têm uns e outros de formar um grupo; f) a etnicidade pode alimentar-se de um passado prestigioso ou da dominação e do sofrimento compartilhados.

4.5. Considerações finais

Os aspectos elaborados nesse capítulo dão conta de retomar particularidades do contexto histórico em que os imigrantes alemães e italianos construíram uma identidade bastante ligada a mentalidade empreendedora, e que parece atuar fortemente no imaginário desses grupos sociais. Nossa intenção foi, através dos apontamentos deste capítulo, buscar orientação para a compreensão do fenômeno étnico em sua subjetividade, para observar se ele vincula-se a mentalidade empreendedora dos membros desses grupos, passados quase dois séculos do início da imigração europeia para o Rio Grande do Sul. Fredrick Barth (1998)¹⁴ destaca que as fronteiras entre os grupos podem ser pensadas tanto objetivamente, quanto subjetivamente.

No nosso caso, optamos por aprofundar a dimensão subjetiva do fenômeno, aquela ligada às propriedades simbólicas e aos valores compartilhados, enfatizando e analisando o conteúdo do discurso dos indivíduos em relação à vinculação etnicidade/empreendedorismo como propulsora da mentalidade empreendedora. Também nos propomos a evidenciar como essa realidade subjetiva é percebida pelos membros atuais desses grupos, nutrindo-se da construção da imagem do imigrante enquanto pioneiro/empreendedor.

¹⁴ Apesar de realizar uma leitura atenta do capítulo de Barth, no livro de Poutignat e Streiff-Fenart (1998), não utilizaremos mais referências suas, pois a abordagem dele é interacionista, não sendo este o caso do nosso estudo.

5. A (RE)CONSTRUÇÃO DA ETNICIDADE ALEMÃ E ITALIANA NO DECORRER DO PROCESSO HISTÓRICO

5.1. Introdução

O presente capítulo teve como fio condutor a noção de processo civilizador, de Norbert Elias. Os europeus que imigraram para o Brasil, a partir do início do século XIX e, com mais intensidade na segunda metade do mesmo século, foram idealizados nas elaborações de políticos e intelectuais brasileiros, preocupados com a construção de uma identidade nacional no período pós-independência, como indivíduos portadores de traços e características civilizadoras. Os europeus, em especial os germânicos e italianos, representavam o progresso e o desenvolvimento de que o país carecia, pois, em solo brasileiro, na visão de autores daquele período, embasados em teorias científico raciais, só tínhamos habitantes atrasados, majoritariamente composto por negros, índios e mestiços. E, mesmo os europeus que aqui já se encontravam, sobretudo de origem portuguesa, eram considerados como uma raça inferior, se comparados as raças mais elevadas, como os germânicos.

Por outro lado, ao entendermos a cultura e, nesse ponto incluímos a etnicidade, como um processo dinâmico em constante (re)elaboração, imerso em aspectos culturais, percorremos momentos e situações que impactaram na construção da germanidade e da italianidade no Rio Grande do Sul. A partir de sua chegada ao sul do Brasil evidenciamos, valendo-se da fonte e dos dados históricos produzidos por historiadores, sociólogos e antropólogos especialistas na temática aqui analisada, averiguando a situação e as relações sociais estabelecidas por esses grupos imigrantes com a população autóctone. Assim como quais os limites e as possibilidades encontrados por eles e, principalmente, os aspectos que conformaram ao longo do tempo as diferentes construções no imaginário dos indivíduos acerca da etnicidade desses grupos imigrantes, tão heterogêneos em sua vinda ao Brasil e como esta se vincula com a mentalidade do empreendedor.

5.2. Algumas considerações sobre o processo civilizador

Antes de definir o conceito de civilização de Norbet Elias, destacamos que ele *expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo* (ELIAS, 2011, p.23). O conceito de civilização é uma descrição do nível de desenvolvimento de que tanto se orgulha a sociedade

ocidental, seja em relação à sua tecnologia, às suas maneiras peculiares de se comportar, à sua prestigiosa cultura científica ou à sua visão de mundo, etc. O conceito de civilização não é unívoco e, portanto, passível de diferentes interpretações para as nações ocidentais. Na linha argumentativa que pretendemos desenvolver, seguiremos a definição de civilização dos ingleses e franceses, enaltecida pelo orgulho da importância dessas nações para o progresso ocidental e humano no âmbito político, econômico, religioso, técnico, moral ou social. Segundo a conceituação bastante ampla proposta por Elias (2011, p.23) civilização refere-se

a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, ao desenvolvimento dos conhecimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes. Pode-se referir ao tipo de habitações ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos. Rigorosamente falando, nada há que não possa ser feito de forma “civilizada” ou “incivilizada”. Daí ser sempre difícil sumariar em algumas palavras tudo o que se pode descrever como civilização.

Na transição do Brasil colonial para o imperial, principalmente no período entre 1817 e 1850, o ideal de civilização europeu foi fortemente reforçado pela elite e seu projeto de Estado, na tentativa de construção de uma identidade nacional com base nos moldes civilizatórios da Europa ocidental. Almejavam o mesmo padrão de hierarquia social, de valores político-culturais, professando a mesma etiqueta, celebrando nas mesmas festas, frequentando os mesmos espaços de sociabilidade e temendo os mesmos “bárbaros” (GONÇALVES, 2013). Uma das medidas importantes para o objetivo de produzir uma civilização no Brasil foi o de buscar a europeização e a ocidentalização do ambiente e dos homens para construir a identidade nacional, oportunamente pensando na vinda de imigrantes europeus para o país.

Os franceses e ingleses entendem por civilização também o comportamento das pessoas, nesse sentido podemos compreender o desejo de alguns políticos e intelectuais brasileiros em trazer para o país as raças ditas avançadas, pois somente o fato de pertencer àquele grupo superior, independente da realização desses indivíduos, seria suficiente para alcançar o desenvolvimento almejado. Com a crise do escravismo no Brasil, alguns discursos que circulavam criaram representações positivas sobre o imigrante europeu, alçando-o como símbolo de um projeto civilizador aos moldes da compreensão de Elias, sinônimo de elevados valores éticos e morais. Outro ponto de reflexão para se atingir o tão sonhado progresso no Brasil está no rompimento com o modelo atrasado vigente durante o período colonial. Segundo Azevedo (1987), intelectuais brasileiros do período pós-independência diziam ser o

negro possuidor de uma natureza bárbara, de baixo nível mental, impregnando a sociedade de imoralidade e de atraso. A solução para acabar com esse mal e civilizar o Brasil, construindo uma nação homogênea, seria a imigração de trabalhadores europeus.

É interessante notar como a noção de civilização é intercambiável, ela está envolta por um *conjunto específico de situações históricas* (ELIAS, 2011, p.25), para tanto basta determos na visão de diferentes grupos sociais em relação aos primeiros imigrantes europeus. Se para os intelectuais e para elite brasileira o imigrante europeu era sinônimo de progresso moral e de desenvolvimento, para muitos habitantes do país, o povo, em geral, via esses imigrantes como indivíduos de segunda ordem, pela sua ocupação indigna de trabalhador da terra, trabalho este até então executado pelos escravos. De qualquer forma, de uma maneira ou de outra, observa-se um rebaixamento dos escravos, seja pelos intelectuais, pela elite ou pela população como um todo. O que difere é como cada grupo interpreta essa situação da imigração, uns positivando-a de acordo com seus interesses e, outros, por sua vez, depreciando-a a partir de sua visão de mundo. Para os europeus que aqui chegaram também foi um momento de descoberta sobre o novo mundo que os aguardava, como relata Giron (2011, p. 123):

Desconhecer não significa discriminar. Os imigrantes europeus desconheciam o Brasil e seus habitantes, sua natureza, seus animais, seus nativos, parecendo a negação do mundo civilizado europeu para os colonos. Os negros e os indígenas faziam parte desse mundo não civilizado, portanto, não conhecido pelos europeus. Havia mais semelhança entre os dois grupos do que entre imigrantes e a elite, pois ambos trabalhavam a terra com suas próprias mãos.

Por outro lado, se existia uma proximidade em termos de condições materiais entre imigrantes europeus e outros grupos autóctones, havia uma enorme diferença em relação ao sentimento de pertencimento desses grupos. Os imigrantes enxergavam todos aqueles que conheciam a língua e natureza tropical, sem qualquer distinção de classe ou de etnia, como brasileiros, aí incluindo os portugueses, os negros e os índios. O estudo de Giron (2011) salienta as relações e as demarcações entre imigrantes italianos e negros na Serra Gaúcha; os imigrantes italianos, reagindo à exclusão à qual foram submetidos na sociedade brasileira, fecharam-se dentro do seu grupo, onde o casamento endogâmico ilustra esse fechamento. Na sequência do capítulo mostraremos a diversidade da imigração alemã e italiana para o Brasil e, especialmente para o Rio Grande do Sul, identificando como a imagem do imigrante

alemão e italiano foi se modificando, partindo dessa noção de civilizador, e se constituindo atualmente enquanto um indivíduo com características empreendedoras.

5.3. As diferentes correntes migratórias para o Brasil

A imigração europeia para o Brasil iniciou-se em 1808, no reinado de D. João VI, com o decreto de 25 de novembro de 1808, permitindo o acesso à propriedade da terra, em uma tentativa de atrair europeus para o país. A fundação da primeira colônia, a de Nova Friburgo, ocorreu em 1818, por imigrantes suíços no estado do Rio de Janeiro. Logo após a fundação da primeira colônia houve a tentativa, sem sucesso, de estabelecer colônias de imigrantes alemães no nordeste brasileiro. Após esse primeiro momento, com o fracasso no nordeste, os europeus começaram a migrar para São Paulo ou para o Sul do Brasil onde, em 1824, fundase a colônia de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Os germânicos formaram a primeira corrente migratória, além dos açorianos e portugueses, a ter uma imigração mais ou menos constante após a Independência brasileira (SEYFERTH, 1990).

Porém, é somente após 1850, período em que os governos provinciais se responsabilizam pela colonização que ela é intensificada, ocorrendo a fundação de inúmeras colônias germânicas no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo. A década de 1870 marca um momento em que o país começará a receber outros grupos de imigrantes, com destaque, principalmente, para os italianos. Até 1880 os grupos imigrantes que predominavam eram alemães e portugueses. Já, a partir de 1880, o principal fluxo migratório é o de italianos. Entre os anos de 1888 e 1910, com a abolição da escravatura e a instauração do regime republicano, ocorre a maior entrada de imigrantes no país. Os italianos, maior grupo desse período, se deslocaram, sobretudo, para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, nesse último para servir de mão-de-obra na agricultura cafeeira. Em relação às imigrações alemã e italiana, Seyferth (1990, p.11) destaca que:

Se a imigração alemã é mais antiga e marcante por ter constituído colônias homogêneas, isoladas e fortemente próximas da identidade étnica germânica, ela está longe de ser comparada, em termos numéricos, com a italiana.

A imigração para o Brasil foi extremamente heterogênea, com predominância dos grupos latinos (italianos, portugueses, espanhóis, etc.). Seyferth (1990) ao tentar levantar alguns números sobre a imigração para o Brasil enfatiza alguns problemas, como a situação

política europeia no período. Esse foi o caso de um grande leva de italianos que adentraram no Brasil classificados como austríacos, pois a região no norte da Itália da qual eram oriundos encontrava-se sob o domínio do império austro-húngaro. Ao se referir à heterogeneidade dos grupos étnicos e as diferenças de identidade regionais de cada nacionalidade, Seyferth (1990) aponta novamente para os alemães e italianos, exemplificando, no caso dos alemães, com a dicotomia entre católicos e protestantes. Os estados do sul, mais São Paulo, foram os que concentraram o maior número de imigrantes europeus e, portanto, em virtude dessa forte influência europeia, muitos de seus descendentes conservam, ainda hoje, algum grau de identidade étnica e distinção cultural.

Também há de se considerar que as primeiras levadas de imigrantes foram constituídas de pobres, mendigos e vagantes. Para Dreher (2011), os imigrantes europeus, aportados no século XIX, não alcançaram o sucesso no Brasil pelo seu empreendedorismo, mas pelo acesso à terra e pelo exercício da atividade artesanal, conjugado a um mercado favorável. Sem esses fatores por ele destacados, outros tantos imigrantes europeus alcançaram dignidade na vida, mas não se tornaram empreendedores.

De acordo com essa visão, o ambiente favorável contribuiu para o fenômeno do empreendedorismo, fato este ocorrido com os imigrantes alemães e italianos no Rio Grande do Sul. Dreher (2011) cita o caso do italiano Atílio Fontana que, por não encontrar um ambiente propício ao empreendedorismo na Quarta Colônia, dirigiu-se para Concórdia onde, em associação com outros imigrantes, obteve êxito na atividade. Já no caso dos imigrantes alemães, o litoral norte do Rio Grande do Sul é um exemplar da estagnação após findar o mercado de soldados que se dirigiam à Cisplatina, e com a perda dos mercados dos Campos de Cima da Serra para as colônias italianas.

Cada estado brasileiro tinha diferentes objetivos com a atração do imigrante europeu. No caso do Rio Grande do Sul, que aqui nos interessa, a intenção era povoar regiões despovoadas por meio da venda de lotes coloniais, quase sempre nos vales de rios, como o Sinos, o Jacuí e o Taquari, para colonos que seriam pequenos proprietários livres. Dessa forma, com esse sistema de colonização, criaram-se grupos étnicos isolados e homogêneos. O isolamento das colônias de alemães e de italianos, em alguns casos, perdurou por longo tempo, favorecendo o surgimento de comunidades etnicamente homogêneas. Nessas colônias a presença de brasileiros era quase inexistente. Este foi o caso das colônias alemãs de São Leopoldo e de Novo Hamburgo, e da colônia italiana de Caxias do Sul.

5.4. O discurso imigrantista

O pano de fundo, e os discursos mobilizados, para a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, a partir do século XIX, vinculavam-se à instituição de um mercado de trabalho livre em substituição à mão-de-obra escrava. Para atingir o estágio de progresso aspirado e evoluir, era necessário romper com o velho Brasil colonial dos senhores de escravos; no novo Brasil as relações entre patrões e empregados seriam regidas pelas leis de mercado, com liberdade e igualdade de condições jurídicas. Superar o atraso do tempo colonial e atingir o progresso significava superar gradativamente os terríveis obstáculos sócio-raciais. Enquanto caminhava para o progresso, o país possuía o desafio de consolidar uma identidade nacional. E qual seria o principal obstáculo para alcançar esse objetivo? Azevedo (1987) aponta para a heterogeneia sócio-racial, no pensamento dos que desejavam a mudança do Brasil, como uma dificuldade a ser transposta para a nação emergir.

No período pós-independência as teorias científico raciais produzidas na Europa e nos Estados Unidos ganham força entre a intelectualidade brasileira para, com a percepção de que a escravidão logo terminaria, propor a substituição física do escravo nas lides do campo e nas atividades urbanas pelo imigrante. De acordo com Azevedo (1987) foi em São Paulo, no final da década de 1840, que o projeto imigrantista começa a ser praticado para enfrentar pressões externas e internas contra o tráfico de escravos da África. As experiências anteriores ao período de 1840 foram com colonos, geralmente suíços ou alemães, para fundar colônias pelo governo geral. Esses colonos transformavam-se em *pequenos proprietários e produtores de gêneros de primeira necessidade para o abastecimento de cidades e vilas próximas* (AZEVEDO, 1987, p. 61).

A diferença da experiência paulista, no período referido, objetivava aproveitar os trabalhadores livres para servir à grande propriedade. Essas primeiras experiências com a vinda de imigrantes europeus enfrentou barreiras, principalmente a resistência dos imigrantes com as condições de trabalho. Por outro lado, é nesse momento que o tema do imigrante ideal ganha força no país para que este pudesse cumprir o seu papel enquanto agente civilizador, aquele que introduziria o progresso em solo brasileiro. Os defensores do projeto imigrantista enfatizavam a inferioridade de negros e mestiços através da barbárie cultural reinante entre esses indivíduos. Essas ideias até então circundantes no senso comum ganham um teor científico através de sofisticadas teorias raciais. Os negros e mestiços eram vistos como incapazes de portarem sentimentos civilizados, sem o auxílio prestigioso dos trabalhadores

brancos. Para evidenciar a relação entre cultura e biologia propagada no século XIX, uma das formas de civilizar-se seria por meio de cruzas inter-raciais com imigrantes europeus.

Azevedo (1987) cita vários autores do período para mostrar como esse pensamento que enaltecia o imigrante europeu em detrimento do negro e do mestiço circulava entre os intelectuais brasileiros. Um desses autores foi Aureliano Cândido de Tavares Bastos, fundador, em 1866, da Sociedade Internacional da Imigração. Os escritos deste autor enfatizavam a importância da vinda massiva de imigrantes europeus para que a reforma social avançasse no Brasil. Uma das teses defendidas por Aureliano, formado bacharel em Direito, em São Paulo, indicava a inferioridade racial dos africanos. O racismo científico era utilizado na defesa dos argumentos para reforçar o abismo que separava brancos e negros em termos evolutivos. Um dos argumentos defende que o problema da escravidão seria um problema dos homens oriundos da África. Um ponto de nosso interesse, levando em consideração os objetivos propostos para o estudo, está na seguinte passagem:

E isto poderia ser melhor comprovado comparando-se o atraso da província da Bahia, onde vivia uma maioria de negros “grosseiros”, ignorantes e incapazes para o trabalho, com o grande desenvolvimento do Rio Grande do Sul, com seus núcleos de colonos europeus, efervescentes em matéria de trabalho, progresso e civilização. (AZEVEDO, 1987, p.63)

A citação acima reforça a imagem de que a origem dos problemas brasileiros concentra-se na inferioridade racial do negro, pois este indivíduo além de mau trabalhador, com o seu atraso inerente impediu que as indústrias surgissem no Brasil. Tavares Bastos ao tentar pensar a história brasileira de então, por meio de outras possibilidades, se os negros fossem substituídos pelos brancos, teríamos uma riqueza triplicada, pois o trabalho dos brancos era três vezes mais produtivo do que o dos negros. Os autores do período associam os malefícios da escravidão com a inferioridade racial do negro. No caso de Tavares Bastos, o branco seria sinônimo de liberdade, progresso e civilização; por sua vez, o negro, representava o atraso e a barbárie. Enquanto o negro era antipatizado, o imigrante europeu era simpatizado e símbolo do processo civilizador brasileiro.

O Brasil fora colonizado por brancos portugueses, porém estes eram classificados como inferiores etnicamente se comparados com a raça germânica e, entre as características dos lusos, estavam a falta de espírito público e de realizar uma atividade empreendedora no país. Cria-se uma imagem que no Brasil houve uma colonização errada, porém caberia aos

imigrantes europeus corrigir a situação civilizando o Brasil e trazendo o progresso até então renegado nesta terra pelas raças atrasadas que aqui habitavam.

Avançando um pouco no tempo, em 1880, o médico Luis Pereira Barreto, escreve um alerta para os abolicionistas para que estes percebessem o erro em que estavam incorrendo ao defender a causa negra, pois os negros, simplesmente, não eram iguais aos brancos em função de sua pertença racial. A inferioridade ou a superioridade da raça seria determinada pelas origens arianas¹⁵, sendo esta origem ou não, explicativa da posição hierárquica ocupada pelos indivíduos na sociedade. O atraso e a degradação brasileira eram atribuídos a presença africana influenciando na *má evolução ou a não-evolução dos brasileiros brancos* (AZEVEDO, 1987, p.69). Ao invés de ser visto como uma vítima da sociedade, o negro era o seu verdadeiro opressor, portanto o Brasil, na visão de Pereira Barreto, necessitava de políticas favoráveis à imigração europeia.

Azevedo (1987) refere-se a mais um autor favorável à imigração europeia que seguia a linha do racismo científico, o crítico literário, promotor, juiz e deputado, o sergipano Sylvio Romero. Para ele, o branco europeu representava o futuro brasileiro, aquele que preponderaria na população nacional. Mas para que a evolução e a purificação étnica ocorresse seria necessário trazer mais brancos onde até então predominavam índios e negros. Porém, os dados do período próximo a 1880, mostravam que dos 10 milhões de brasileiros, apenas 3 milhões e 800 mil eram brancos. Como resolver este problema? O médico e político cearense Domingos José Nogueira Jaguaribe, para promover o branqueamento no Brasil, apontava para a necessidade de imigrantes alemães para alavancar a civilização brasileira, carente de sangue europeu.

Por suas qualidades morais e intelectuais avançadas o imigrante da Europa era o agente que transformaria o povo brasileiro em inteligente, ativo e produtivo. Caso os imigrantes europeus não chegassem a terras brasileiras, a população local, descendente principalmente dos africanos, permaneceria atrasada e sem nada de valor em termos produtivos. Somente com a vinda do imigrante europeu em grande quantidade, e o seu modelo de civilização, o Brasil poderia se preparar para romper com os traços coloniais e efetivar uma revolução burguesa que alavancasse o país tornando-o capaz de competir com os países concorrentes.

¹⁵ Raça ariana não era entendida como epiderme branca, mas sim pelo modelo caucásico do crânio. Portanto, alguns grupos negros como os abissínicos, o que não era o caso dos brasileiros em quase sua totalidade, eram classificados como povos brancos.

Um momento importante para a política de imigração brasileira foi o ano de 1883, quando foi fundada a *Sociedade Central de Imigração* com o intuito de promover a imigração europeia para o Brasil. Esta sociedade era formada por homens da elite que desejavam a vinda massiva de imigrantes europeus para constituir o “novo Brasil”. Uma alusão feita por visconde de Taunay ao europeu destacava-o *como o único tipo de trabalhador que sabia conjugar harmoniosamente trabalho e liberdade* (AZEVEDO, 1987, p.85). Dessa forma, somente o europeu poderia moralizar os brasileiros vagabundos e incapazes para exercer atividades sérias e disciplinadas as quais se requeria elevado esforço. Em suma, pode-se afirmar que neste período o europeu personificava o tipo ideal de trabalhador e de cidadão, atributos estes que grande parcela da população brasileira, em decorrência de sua inferioridade racial, não possuía.

5.5. O discurso pró imigração na arena política

Na arena política brasileira travava-se um embate entre os políticos favoráveis à imigração europeia e, do outro lado, os favoráveis à incorporação do nacional livre, ou seja, os ex-escravos e os pobres livres, ao mercado de trabalho. Os políticos do primeiro grupo tinham posicionamentos racistas embasados nas teorias raciais para defender seu projeto imigrantista. Enquanto a população nativa era caracterizada como desmoralizada e incapaz de desenvolver-se sozinha, o imigrante era símbolo de progresso e prosperidade. O futuro glorioso que o Brasil viria a ter dependia, sobremaneira, da vinda de imigrantes estrangeiros, pois sem a chegada desses indivíduos não seria possível alcançar o desenvolvimento com os elementos internos que possuíamos.

O brasileiro era qualificado como alguém que fugia ao trabalho, enquanto que o imigrante representava o indivíduo que enfrentava as adversidades postas, vencendo-as. Os discursos pró-imigração argumentavam, através de ideias racistas, que o brasileiro era uma raça inferior. Para mudar a situação do país era necessária uma purificação racial com a substituição do negro pelo branco na produção e, também se tinha a esperança, de uma moralização da população. Havia uma disputa para definir qual seria o tipo de imigrante ideal para aportar no Brasil, aquele que seria portador de aptidões naturais desejáveis para o momento histórico de desenvolvimento da nação. Os germânicos apareciam como um desses povos almejados para a imigração, pois eram tidos como propensos ao trabalho agrícola por

sua paciência, abnegação e resignação. Azevedo (1987, p.146), aponta as preferências raciais para imigrar ao Brasil:

Quaisquer imigrantes seriam bem-vindos, desde que “agricultores, trabalhadores e moralizados”, o que não dizia respeito aos chineses, aos africanos e nem aos nacionais, descendentes de raças não-viris e pouco inclinadas ao trabalho. Tratava-se em suma de abrir o país ao progresso e para isso era urgente favorecer a chegada e estabelecimento de seus agentes, os estrangeiros pertencentes às raças vigorosas.

A propaganda imigrantista enfatizando a superioridade do imigrante branco era principalmente bem recebida entre os fazendeiros e os políticos. Porém não bastava somente ter uma postura favorável à imigração, era necessário também coibir o aumento da população negra, esta considerada como racialmente inferior por sua descendência africana. Nos primeiros anos de 1880, quando da sucessão de medidas imigrantistas, dizia-se que Alemanha e Itália tinham má vontade para com o Brasil em função de nossa vinculação identitária com o caráter dos negros. As medidas imigrantistas defendiam facilidades aos imigrantes europeus para a aquisição de pequenas propriedades rurais ou para se dedicar as atividades artesanais urbanas.

Os imigrantistas também defendiam a concorrência entre negros e brancos – quase que uma luta onde os mais aptos sobreviveriam – mas essa era uma disputa com recursos bastante desiguais de cada lado, afinal os primeiros não contavam com as vantagens ofertadas aos imigrantes europeus. Alguns políticos contrários a essa lógica dos imigrantistas defendiam vantagens iguais para todos ao afirmarem que trabalhadores vadios ou ociosos estão em todos os lugares e países. O que deveria prevalecer, seguindo o ideário liberal, seria uma concorrência entre os mais e os menos aptos ao trabalho, independente se branco ou negro, porém para os imigrantistas

tratava-se de conceder uma série de vantagens aos imigrantes a fim de estimulá-los a vir concorrer com os nacionais. A concorrência, porém, seria desigual, pois os negros e mestiços livres não contariam com quaisquer das facilidades destinadas aos brancos. (AZEVEDO, 1987, p.170)

Os imigrantistas apoiavam, nesse período pós-1880, unicamente a vinda de imigrantes europeus, pois estes foram eleitos – quase em um tom profético – como superiores para transformar e fazer evoluir a raça brasileira, trazendo grande progresso e desenvolvimento para o Brasil. Os imigrantes recebiam incentivos para virem ao Brasil: em São Paulo, no ano

de 1884, o governo provincial pagava 400 contos por ano ao imigrante europeu com família que se destinasse a lavoura, como colono ou como pequeno proprietário, além de auxiliar nas passagens e na hospedagem inicial por oito dias. Os políticos imigrantistas não se importavam com o destino dos nacionais livres e sua incorporação ao mercado de trabalho, sua única preocupação era com o imigrante europeu e as vantagens a ele ofertadas. Dos nacionais livres somente esperava-se que um dia, pelo contato ou miscigenação com a raça superior de imigrantes europeus, alcançasse o seu progresso moral.

5.6. Identidade germânica no Rio Grande do Sul

Os primeiros imigrantes germânicos chegaram à Província de São Pedro, atual estado do Rio Grande do Sul, em 1824. O biótipo de muitos desses indivíduos, cabelos e olhos claros, contrastava com o perfil dos luso-castelhanos. Pesavento (1994) retrata as condições quando do estabelecimento desses imigrantes: as fotos antigas mostram as famílias no meio do mato derrubando árvores e erguendo cabanas grosseiras. Essa situação de dificuldades foi superada com a evolução das colônias que se tornaram, no último quarto do século XIX, pontos de abastecimento para o mercado central brasileiro. Foi na colônia que os imigrantes germânicos iniciaram o processo de acumulação de capital-dinheiro de cunho comercial através da venda de produtos, e mais tarde transformaram em capital industrial que propiciou a formação de uma esfera burguesa de comerciantes.

De acordo com Pesavento (1994), os comerciantes germânicos tinham posição estratégica nas colônias atuando como intermediadores entre a produção agrícola das colônias e o encaminhamento para Porto Alegre. Eles também eram responsáveis por redistribuir os produtos externos dentro das colônias. São Sebastião do Caí foi uma colônia estratégica pela sua posição, abastecendo tanto a zona alemã quanto a italiana da Serra Gaúcha. Não por acaso foi nessa colônia que se originaram poderosos grupos empresariais no Rio Grande do Sul, exemplos do empreendedorismo germânico, como Trein, Ritter, Renner, Mentz, Oderich.

Porém, foi a partir de Porto Alegre, centro de escoamento da produção agrícola para o restante do país e para o exterior, que no final do século XIX ocorreu a disseminação de uma economia imigrante e a maior acumulação de capital monetário, tornando a cidade o centro comercial de maior destaque do estado. Pesavento (1994) destaca alguns proprietários alemães (ou descendentes) donos de casas comerciais em Porto Alegre: Menke, Wiedmann, Félix Kessler, Folzer, Pietzker, Gertum, Steenhagen, Luchsinger, Muradt, Warncke e

Doerken, Schmitt, Lüderitz. Os exemplos de empreendedorismo germânico no Rio Grande do Sul são inúmeros e, talvez, seu ponto de maior destaque foi na formação da indústria, como no caso de João Gerdau: comerciante em Cachoeira do Sul muda-se para Porto Alegre para, em 1901, adquirir um fábrica de pregos, originando o Grupo Gerdau. Os sobrenomes germânicos elencados evidenciam um dado objetivo: determinados membros do grupo étnico se beneficiaram da situação e da posição de imigrante, conseguindo mobilizar recursos sociais e econômicos para criar e estabelecer empreendimentos próprios.

Esse pequeno apanhado acima mostra a rápida ascensão de alguns germânicos no Rio Grande do Sul, tornando-se importantes empresários no período. O segundo capítulo da obra de Magda Roswita Gans, intitulada *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*, realiza uma discussão pertinente para o nosso estudo. A autora levanta pontos sobre os limites étnicos, seguindo na esteira de Frederik Barth, ao pensar a etnicidade a partir da *construção e contínua reconstrução dos limites étnicos* (GANS, 2004, p.118) dos alemães residentes em Porto Alegre. Gans (2004) enfatiza a importância da organização das comunidades religiosas teutas, os discursos da imprensa local em língua alemã e diferentes iniciativas da coletividade, como manifestações de rua, declarações de entidades teutas e festejos carnavalescos, para a compreensão da construção de uma identidade teuto-brasileira. A sua análise deteve-se sobre a constituição da identidade teuto-brasileira enquanto uma minoria étnica no Brasil.

Os intelectuais¹⁶ teutos ocupam papel destacado na construção de uma identidade étnica dos alemães e de seus descendentes no sul do Brasil. É por esse motivo que a autora refere-se a uma identidade teuto-brasileira, por tratar-se de uma identidade que não era alemã, nem brasileira, mas, sim, uma síntese das duas. Os intelectuais teutos, por meio de seu discurso, problematizavam a identidade étnica alemã que, por sua vez, era reelaborada pelo público leitor teuto. No período de 1850 a 1889, poucas décadas após a chegada das primeiras levas de imigrantes germânicos, a identidade étnica não se constituía em um problema para os alemães, era uma questão praticamente inexistente para esses grupos étnicos.

É no final do século XIX e início do século XX, com o pangermanismo, que os discursos favoráveis a uma identidade étnica germânica ganham maior força. A partir de 1890, de acordo com Gans (2004), há um movimento pangermânico, partindo da Alemanha, tentando consolidar uma identidade germânica, nacionalista, entre os imigrantes situados em

¹⁶ Entende-se por intelectuais, na concepção da autora, *indivíduos que elaboravam ou reproduziam proposições claras a respeito da comunidade imigrante e de sua inserção na sociedade local, e que se encontravam em posição de divulgá-las como jornalistas, escritores, clérigos, políticos, professores, lideranças comunitárias* (p.112).

diferentes regiões do globo. Nesse contexto surgem inúmeras sociedades interessadas nos germânicos fora da Alemanha: a Liga Pangermânica, a Sociedade Colonizadora Alemã, a Sociedade Evangélica para Colonos e Emigrantes, a Sociedade Colonizadora Hanseática, a Sociedade para a Germanidade no Exterior e a Sociedade de Ensino no Exterior. A endogamia, a superioridade racial e o desenvolvimento econômico são pontos defendidos pelas teorias da “grande Alemanha” divulgadas pela Liga Pangermânica e pela Sociedade de Ensino no Exterior. Gans (2004) ressalta que no século XX ocorre uma disputa entre os governos brasileiro e alemão pelo ideário nacionalista no sul do Brasil, porém no período analisado por ela isso não estava em jogo, inclusive, *de um modo geral, os alemães do Brasil encontravam-se bastante afastados de seu país de origem* (p.115).

Seyferth (1990) também faz referência ao movimento pangermânico como um dos perigos da colonização, alertado por políticos e intelectuais brasileiros em função da homogeneidade étnica que se formava no sul do Brasil. Para coibir a homogeneidade dessas colônias, na década de 1900, há mudanças na legislação imigratória e na regulamentação das colônias, transformando-as em colônias mistas, ou seja, elas começam a receber imigrantes de outras etnias e colonos brasileiros.

Os intelectuais teutos do período de 1850-1889 tinham uma preocupação em refletir e teorizar sobre a germanidade, fato este que pode ter adubado o terreno na comunidade germânica para a boa receptividade dos discursos étnicos no século XX. Afinal, as famílias, há várias gerações estabelecidas no Brasil, mantiveram uma identidade diferenciada. Dois pontos são destacados nesse sentido: a chegada de mercenários alemães no início da década de 1850 que tiveram contato com o ideário liberal das revoluções de 1848; e, após 1870, a chegada de imigrantes alemães com uma nova concepção de nacionalidade por terem vivenciado o processo de unificação na Alemanha. O caso dos imigrantes teutos em Porto Alegre parece contrariar as teses que apontam o isolamento geográfico para a preservação cultural e o da assimilação em decorrência de contato com a sociedade hospedeira. Gans (2004, p.117) sobre os alemães de Porto Alegre enfatiza que:

Havia contato intenso dos teutos da capital com a sociedade luso brasileira, na qual estavam amplamente inseridos economicamente (...). Não havia, portanto, isolamento geográfico e, mesmo assim, o fechamento cultural parece ter sido bastante forte. Isto pode ter acontecido, em parte, por existir uma ligação bastante atualizada dos teutos da capital com a Alemanha: o acesso aos mais diversos periódicos europeus era bastante facilitado e os contatos econômicos com a Europa ou viagens dos mais afortunados, frequentemente anunciadas nos jornais, não eram raras.

O ponto levantado acima é de nosso interesse ao salientar as diferenças entre os germânicos da capital que tinham acesso à literatura diversificada e atualizada, tanto brasileira quanto europeia, em contraposição aos germânicos das colônias que acessavam uma literatura de base eclesiástica, enxergando-a como uma revelação. O grupo étnico germânico não era socialmente homogêneo e, portanto, havia uma disputa de pontos de vista através de diferentes discursos entre os intelectuais teutos, principalmente pastores luteranos, padres católicos e “livres pensadores”, pela preferência da comunidade germânica. O ponto comum desses discursos era a etnicidade germânica, portanto cada um desses intelectuais *contribuiu para renovar a construção dos limites étnicos* (GANS, 2004, p.120). A hipótese central da pesquisa de Gans é a de que a renovação dos limites étnicos favoreceu o entendimento de que os alemães eram vistos e se sentiam como um grupo à parte no conjunto da sociedade brasileira.

Seyferth (1994) discute a identidade teuto-brasileira na perspectiva de um processo histórico de colonização surgida por meio do contato com a sociedade brasileira. Um dos motivos principais da imigração para o sul do Brasil foi o povoamento dos denominados vazios demográficos e para a ocupação de regiões fronteiriças. Se comparado com São Paulo e nordeste, dos grandes latifundiários, o sul era lugar privilegiado para a imigração de famílias camponesas europeias e sua instalação em pequenas propriedades, pois não ia contra os interesses dos latifundiários que queriam trabalhadores rurais, ao invés de proprietários. Em relação à entrada de germânicos no Brasil, estabeleceu-se um fluxo migratório constante entre os anos de 1850 a 1919, ocorrendo, apenas na década de 1920, um aumento significativo em função das dificuldades do pós-guerra na Alemanha.

O perfil dos imigrantes germânicos era, sobretudo, de origem rural, camponeses, e de membros das classes trabalhadoras urbanas tentando escapar da pobreza vivenciada na Europa. Porém nas listas de imigrantes também constam artesãos, técnicos especializados, refugiados políticos, ex-militares, pequenos empresários, intelectuais, cujo papel foi destacado para formular uma ideologia étnica teuto-brasileira. Mesmo tendo formado colônias etnicamente homogêneas e isoladas, Seyferth (1994) alerta-nos para relativizarmos essas características. Em algum momento, nessas colônias fundadas por alemães houve o assentamento de colonos de outras etnias. E, mesmo os germânicos, se nos centrarmos somente a suas características, não eram homogêneos, pois tínhamos uma divisão religiosa entre protestantes e católicos. O isolamento geográfico também deve ser relativizado visto que

as colônias mais importantes situavam-se próximas às capitais provinciais, vide o caso da primeira colônia germânica do sul do Brasil, a de São Leopoldo.

A identidade teuto-brasileira teve seu principal suporte no ideário da colonização, criando a imagem mitificada do colono como um pioneiro, que foi jogado ao relento, sem receber apoio público, enfrentando todo tipo de dificuldades e barreiras para construir os alicerces de sua nova vida no Brasil. Na concepção de Seyferth (1994), a etnicidade teuto-brasileira emerge a partir da vinculação com o complexo colonial, alçando a colônia ao *status* de nova pátria. Os germânicos adquirem um duplo pertencimento: *à etnia alemã e ao Estado brasileiro na qualidade de cidadão* (SEYFERTH, 1994, p.15).

Ao mesmo tempo em que os imigrantes tornam-se cidadãos brasileiros e rompem com os laços com o território alemão, como nos casos de naturalização; por outro lado, eles se diferenciam dos brasileiros, seus concidadãos, através da identidade étnica germânica, traço distintivo reforçado pelas diferenças sociais e culturais, pela conservação da tradição e dos costumes alemães vindos da Alemanha e não compartilhados com os outros brasileiros. Um dos valores étnicos reafirmados pelos germânicos é o da origem/raça comum, com a condenação dos casamentos interétnicos para preservar os sentimentos de vida em comum entre os seus membros.

As considerações arroladas até o momento indicam que a identidade germânica foi um processo elaborado a partir do contato com a sociedade englobante, a brasileira. Ao mesmo tempo em que os imigrantes e seus descendentes tornaram-se cidadãos brasileiros e mantiveram contato com a sociedade mais ampla, eles também preservaram a sua identidade germânica, com suas tradições peculiares, principalmente o uso do idioma, que os distinguiu dos demais brasileiros.

Outro momento importante para os imigrantes germânicos na (re)elaboração de sua identidade étnica foi o da Segunda Guerra Mundial. Foi nesse período, entre 1937 e 1945, compreendendo o Estado Novo, que os teuto-brasileiros enfrentaram a maior conflitualidade na sociedade e com o Estado brasileiro. Em decorrência da campanha de nacionalização e do proclamado “perigo alemão”, o Estado brasileiro, fechou escolas e associações culturais e recreativas alemãs e, a medida de maior impacto para os grupos germânicos, foi a proibição de falar a sua língua. O intento do Estado era o de combater a influência dessas comunidades, consideradas homogêneas culturalmente, integrando-as de vez à nação brasileira. Foi nesse momento, segundo Seyferth (1994), que categorias depreciativas de exclusão como “boche”, “quinta-coluna” e “alemão-batata” surgiram, para adjetivar os teuto-brasileiros.

Para Gertz (2013), o grupo mais afetado com as medidas adotadas foram os luteranos, em função de sua coesão em torno da religião. Dreher (2003) relata que quando do fechamento das escolas comunitárias de confissão luterana houve um conflito geracional: um grupo mais jovem considerava positivo a nacionalização do ensino, enquanto que os mais velhos condenavam essa situação. Para o autor, a nacionalização poderia resolver a difícil situação da identidade desses indivíduos:

Com o começo da nacionalização, muitos viram também surgir a possibilidade de poderem sair de sua situação esquizofrênica. Até agora haviam sido alemães por um lado e brasileiros por outro. Agora havia a esperança de serem finalmente vistos como cidadãos brasileiros plenos. (DREHER, 2003, p.189)

O problema da dupla identidade também é colocado por Seyferth (1990) da seguinte forma: os teuto-brasileiros eram brasileiros de nascença e alemães na origem e no pertencimento étnico. Nesse sentido, compreendemos o desejo do grupo de jovens alemães luteranos, descritos acima, favoráveis à nacionalização. A esquizofrenia referida por eles se dá no enlace entre sua identidade na esfera político-econômica, na qual eram considerados cidadãos brasileiros, e, por outro lado, na esfera étnica, sua identidade enquanto alemães, preservando a cultura germânica. Para eles, a nacionalização, era uma forma de resolver essa crise identitária. A partir daquele momento eles possuiriam uma única identidade que os tornaria cidadãos brasileiros plenos. A língua e a didática das escolas comunitárias, por exemplo, passaria do alemão para o português.

5.7. Identidade italiana no Rio Grande do Sul

A produção historiográfica sobre a imigração europeia para o Brasil é vasta. Especificamente sobre a imigração italiana, a produção sobre a ocupação difere ao compararmos São Paulo e Rio Grande do Sul. No caso paulista a vinculação da vinda de imigrantes se liga com a crise do sistema escravocrata e a necessidade de mão-de-obra para a lavoura. No caso gaúcho, segundo Herédia (2011, p.241), as explicações apontam para a construção da identidade cultural, considerando as condições enfrentadas nos núcleos coloniais agrícolas, *estruturados a partir da pequena propriedade, do regime de trabalho familiar, da ação da Igreja Católica, como elemento de organização e integração da sociedade*. Por meio desses elementos, as explicações possíveis são variadas: a religião

católica justifica a força da imigração italiana no processo de construção da cultura colonial. A etnicidade aponta para o sucesso da colonização em função do *ethos* do trabalho e o uso da ideologia do trabalho para a mobilidade social, e, em relação à economia, evidencia as necessidades do mercado, a inserção na economia nacional e a força de trabalho.

Seguindo nessa matriz que sublinha a etnicidade italiana, destacamos a produção de Maria Catarina Chitolina Zanini. Em seu artigo, *Italianidades em perspectiva: imigrantes e descendentes de italianos no Rio Grande do Sul* (2011), a autora realiza reflexões de caráter metodológico e em relação às possibilidades interpretativas para o estudo da imigração italiana no Rio Grande do Sul. A sua compreensão acerca dos imigrantes italianos e de seus descendentes é baseada na concepção weberiana, aqui já apresentada, caracterizando-os como um grupo étnico, por possuírem, sobre si mesmos, uma crença baseada na origem comum, gerando sentimentos e vínculos de pertencimento. Para complementar a definição, alude à contribuição de Frederick Barth, para reiterar que essa compreensão enquanto coletividade, pelos imigrantes italianos e seus descendentes, passa pelo reconhecimento de sinais diferenciadores específicos pelos “outros”.

Ao se referir as populações imigrantes e a história da colonização no Rio Grande do Sul, Zanini (2011) destaca que as formações sociais e os desfechos migratórios distintos dessas migrações são influenciados pela geografia, pela economia, pelos entornos políticos e pelas dinâmicas dos capitais (social, intelectual, científico, religioso, político e econômico). Para a nossa temática da relação entre etnicidade e empreendedorismo é interessante observar e comparar o desenvolvimento da região da Serra Gaúcha e o da Região Central do estado. Enquanto a primeira região teve um expressivo desenvolvimento tecnológico e industrial, a segunda não atingiu esse patamar. Se ambas as regiões foram colonizadas por imigrantes italianos, qual a diferença de ascensão social e econômica entre elas?

Tentaremos responder a questão acima imergindo na dinâmica das imigrações nessas regiões. A Região Central, ou também chamada de IV Colônia, recebeu suas primeiras correntes migratórias de italianos, oriundos do norte da Itália, em 1877/1878. A situação desses imigrantes, em sua maioria, não diferia dos de outras regiões. Eram, por assim dizer, *camponeses, católicos, analfabetos e despossuídos* (ZANINI, 2011). Em relação à identidade desses imigrantes eles se denominavam como mantovanos, cremoneses, lombardos, trentinos, vicentinos, friulanos, em decorrência da realidade política de não-unificação do Estado nacional italiano, a qual vivenciaram. A denominação de italiano só irá ganhar força no decorrer do processo colonizador no novo país para realçar suas fronteiras étnicas.

Nesses mesmos anos de 1870, na então Província do Rio Grande do Sul, foi criada a Colônia Caxias que, junto com Conde D'Eu, Dona Isabel e Silveira Martins (IV Colônia), representa a primeira leva da ação colonizadora estatal (NASCIMENTO, 2011) onde os italianos foram assentados em lotes coloniais doados ou financiados. Ao comparar Caxias do Sul e a IV Colônia evidenciamos que a imigração italiana não foi homogênea, houve trajetórias e caminhos distintos na construção da etnicidade. Por vezes a colonização de Caxias do Sul, de acordo com Santos e Zanini (2009), se aproxima mais da colonização de cidades alemãs de outros estados brasileiros, como Blumenau, em Santa Catarina, do que de cidades gaúchas igualmente de colonização italiana. Em Caxias do Sul houve a instauração de uma forte burguesia comercial e industrial e uma distinção calcada na etnicidade. Caxias foi uma colônia onde a riqueza imperou, enquanto que na IV Colônia a prosperidade foi diminuta. Observa-se em Caxias a ascensão de uma pequena elite de descendentes de imigrantes italianos com poder político e econômico. De certa forma, isso pode explicar algumas diferenças em relação à região da IV Colônia:

Por isso, ao contrário do que aconteceu em outras zonas de imigração, mesmo durante o período no qual a campanha de nacionalização foi mais forte, de 1930 até 1954, os prefeitos foram descendentes de italianos, inclusive Dante Marcucci, nomeado durante o Estado Novo e que ficou no poder até 1947. Euclides Triches, prefeito de Caxias do Sul no período de 1951 a 1954, secretário de obras públicas do estado em 1955, foi eleito governador em 1972. (SANTOS; ZANINI, 2009, p.26)

Em relação à imigração italiana para o Rio Grande do Sul, fora os imigrantes oriundos do norte da Itália que se fixaram principalmente nas colônias do interior, como referenciado acima nos casos da Serra Gaúcha e da IV Colônia, também tivemos uma imigração proveniente do sul da Itália, de caráter essencialmente urbano e pouco estudada pelos pesquisadores. Grande parte dos estudos sobre a imigração italiana retrata as levadas migratórias do período imperial, porém carece-se de pesquisas sobre as correntes migratórias mais recentes, como no período após a Segunda Guerra Mundial. Porto Alegre foi uma cidade que recebeu um contingente significativo de imigrantes do sul da Itália, como calabreses e sicilianos.

A Itália ficou arrasada quando do fim da guerra, em 1945. Tal quadro, com crise política, social e econômica, foi propício para que os cidadãos italianos deixassem sua pátria para buscar novos rumos. De acordo com dados apresentados no artigo de Conedera (2012), no período de 1946 a 1976, mais de 7 milhões de pessoas deixaram a Itália e, entre os seus

destinos, encontrava-se o Brasil. O governo brasileiro decretou, em 1948, o fim das proibições dos fluxos migratórios de outros países. Na relação entre Brasil e Itália ainda restavam alguns resquícios do período de guerra que foram sendo aparados através da diplomacia e de acordos entre os países. Se compararmos os imigrantes do século XIX com os do período pós-guerra, notaremos uma mudança no perfil, principalmente relacionada a uma maior escolarização dos últimos. Este foi um dos pontos favoráveis à adaptação desses imigrantes no meio urbano, visto que

existia uma alta demanda de mão de obra, especialmente a qualificada. Na primeira metade do século XX, a capital gaúcha demonstrou um elevado crescimento urbano associado à ampliação do seu parque industrial, vinculada à rede de transportes de médios e longos trajetos (navegação fluvial, ferrovia e aviação civil). (CONEDERA, 2012, p.87 e 88)

Cabe salientar que a etnicidade foi fator importante para a adaptação dos imigrantes italianos do pós-guerra, principalmente a partir das redes familiares e das amizades estabelecidas entre os imigrantes e os conterrâneos recém-vindos para Porto Alegre em busca de inserção profissional. Uma das características apontadas por Conedera (2012) em relação a esses imigrantes é a mobilidade. Eles almejavam melhores posições, trocando de empresa ou mesmo de profissão, se assim fosse necessário e, em sua maioria, o espírito empreendedor se fazia presente no ímpeto de construir o negócio próprio, principalmente no comércio da cidade. Saíam da Itália em uma situação difícil e tornavam-se empreendedores no Brasil ao investir *seu tempo e esforço para constituir o próprio negócio* (CONEDERA, 2012, p. 91). Pode-se perceber dessa forma que, por diferentes meios e utilizando múltiplas estratégias, muitos integrantes dos grupos étnicos de italianos e de alemães, em suas diversificadas correntes migratórias, conseguiram progredir na nova terra.

5.8. Considerações finais

Um dos pontos de nosso maior interesse na constituição da etnicidade germânica e italiana nessa retomada histórica traçada é a sua ligação com o desenvolvimento, com a imagem desses imigrantes europeus e de seus descendentes, reforçando o *ethos* do trabalho no imaginário dos seus membros. Essa relação entre etnicidade e trabalho como um valor central para o descendente de imigrante é explicada por Seyferth (1990, p.87), nos seguintes termos:

A “etnicidade”, para a maioria dos descendentes de imigrantes, é representada com base num *ethos* do trabalho. Os imigrantes são concebidos por si mesmos como pioneiros e civilizadores – os que transformam as florestas do Sul do Brasil em “ilhas” de civilização; ou como aqueles que dignificaram o trabalho num país onde tudo foi deixado nas mãos dos escravos. Tal concepção leva a uma representação estereotipada dos brasileiros como indivíduos que não trabalham ou que consideram o trabalho manual degradante. A ideia do pioneirismo emerge nas ideologias étnicas tendo como modelo um dos mitos da História brasileira – o bandeirante paulista. É assim que, hoje, descendentes de alemães, italianos e outros classificam seus avós como os “bandeirantes do Sul”, colonos que com seu trabalho souberam criar um mundo civilizado onde nada existia. Esse tipo de argumento não é característico apenas dos jornais e outras publicações anteriores a 1939; ele aparece hoje no discurso de muitos brasileiros “de origem” – uma expressão que indica um descendente de imigrantes.

Após realizar este apanhado histórico do processo da (re)construção da etnicidade germânica e italiana no Rio Grande do Sul destacamos que o seu desenrolar pode ter subsidiado o imaginário dos agentes sociais para que eles viessem a se tornar empreendedores. Também acentuamos que as imigrações foram heterogêneas, ocorrendo em diversos momentos a partir do século XIX, e, por diferentes motivações, trazendo indivíduos com perfis variados: desde os pobres e miseráveis das primeiras levas até os mais escolarizados e especializados com o término da Segunda Guerra Mundial.

A primeira vinculação do imigrante com o pioneirismo é feita pela intelectualidade brasileira do passado, desejosa de “abrir os caminhos para a civilização, reificada na figura do europeu e suas características superiores em contraposição ao escravo bárbaro”. É notório que, objetivamente, os benefícios recebidos pelos primeiros imigrantes, principalmente o acesso à propriedade, incentivados pelas políticas de imigração, contribuiu para o sucesso de muitos integrantes desses grupos étnicos, facilitando o surgimento de empreendedores entre os agentes que tiveram a habilidade em mobilizar os recursos e aproveitar oportunidades.

Porém, por outro lado, os imigrantes também enfrentaram situação adversa quanto à sua integração na sociedade brasileira, levando-os a constituir-se em grupos homogêneos culturalmente. E, a partir de sua chegada e com as situações vivenciadas, vão reelaborando a sua identidade étnica e mantendo certa coesão e limites étnicos, mesmo que em contato com outros grupos. Também outro fator que deve ser levado em conta é o local (ou região) onde esses indivíduos se estabelecem, ora favorecendo, ora obstaculizando ou dificultando, o seu sucesso na atividade empreendedora, como na comparação entre Caxias do Sul e a Quarta Colônia.

6. DA PERTENÇA ÉTNICA A RELAÇÃO ENTRE ETNIA E EMPREENDEDORISMO

6.1. Introdução

Este capítulo da dissertação apresenta, descreve, analisa e interpreta os dados coletados em campo durante o período de 04 de fevereiro a 13 de novembro de 2014, respectivamente, as datas da primeira e das duas últimas entrevistas. Nosso objetivo central foi o de conectar os dados por nós produzidos com as teorias e os estudos discutidos nos capítulos anteriores para verificar a relação entre a etnicidade e o fenômeno do empreendedorismo.

A estratégia adotada para analisar os dados foi a de fazer recortes específicos, conectando a teoria com o empírico, no intuito de tornar os casos representativos em sua agregação, e não somente realizando a descrição isolada de cada caso. Como estamos lidando com a percepção e subjetividade dos entrevistados, frequentemente recorremos ao relato e as transcrições de suas falas para evidenciar os pontos abordados, pois de outra forma a análise dos dados perderia muito em sua qualidade. Por tratar-se do último capítulo, referente à análise dos dados, não teceremos conclusão em relação a ele, dedicando um espaço a parte, logo na sequência, para tecer as considerações finais do estudo.

Para situar o leitor quanto às características dos entrevistados, apresentamos o seguinte quadro:

Quadro 1: Características dos entrevistados

ID	Idade	Nascimento	Reside	Origem dos Antepassados	Religião	Escolaridade	Empreendimentos
EA1 (4ª ou mais)	40	Cruzeiro do Sul	Porto Alegre	Paterno (centro da Alemanha) e materno (região próxima à Rússia)	Batizado Luterano, mas atualmente é adepto de várias religiões	Graduação em Engenharia Elétrica e Especialização em Tratamento de Resíduos	Indústria de Equipamentos Geradores de Ozônio
EA2 (4ª geração)	65	Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul	Não sabe a região de procedência dos antepassados	Luterano	Graduação em Ciências Contábeis	Diretor em Empresa de Brinquedos, Vice-presidente Regional na FIERGS e Presidente de Associação

							Empresarial (organizadora da Oktoberfest)
EA3 (2ª geração)	60	Venâncio Aires	Porto Alegre	Paterno (Hamburgo) e materno (Munique)	Católico	Graduação em Administração e Pós-graduação em Marketing	Representação Comercial, Gerente Executivo de Associação de Supermercados e Presidente de Clube
EA4 (1ª geração)	73	Santa Rosa	Porto Alegre	Paterno (próximo a Bremen) e materno (mãe descendente de alemães nascida nos EUA)	Luterano	Ensino Médio Completo	Posto de Combustíveis
EA5 (4ª geração e não sabe)	37	Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul	Paterno (Áustria) e materno não sabe	Batizada Católica, mas depois fez uma longa trajetória de estudos em várias religiões	Graduação em Arquitetura e MBA em Gestão Estratégica de Varejo	Arquitetura Comercial e <i>Franchising</i>
EA6 (4ª geração)	61	Pelotas	São Leopol do	Paterno (Munique) e materno (região próxima à Polônia)	Luterano	Graduação em Engenharia Elétrica	Telecomunicações e TI
EA7 (4ª geração)	74	Arroio do Meio	Porto Alegre	Paterno (ainda não descobriu, pois não teve acesso aos registros – vieram em 1853) e materno (Hunsrück)	Católico	Ensino Fundamental Incompleto	Restaurante de Culinária Alemã e Internacional
EI1 (4ª e 2ª geração)	40	Porto Alegre	Porto Alegre	Paterno (norte da Itália – divisa com a Áustria) e materno (sul da Itália - Calábria)	Batizada Católica, mas atualmente é simpatizant e do Espiritismo e do Budismo	Curso técnico em enfermagem	<i>Art reborn</i> e Literatura LGBT

EI2 (3ª geração)	69	Flores da Cunha	Caxias do Sul	Paterno e materno (Pedavena, província de Belluno, norte da Itália)	Católico	Ensino Fundamental Incompleto	Vinícola
EI3 (1ª geração)	60	Porto Alegre	Porto Alegre	Paterno e materno (Morano Calabro, sul da Itália)	Católico	Graduação em Administração	Imobiliária
EI4 (3ª geração)	50	Caxias do Sul	Porto Alegre	Feltre (norte da Itália)	Batizado Católico, mas atualmente participa da filosofia Seicho-No-Ie	Graduação em Comunicação Social e Doutorado em Administração	Petróleo e Gás
EI5 (3ª geração)	65	Garibaldi	Porto Alegre	Região do Vêneto (norte da Itália)	Católico	Ensino Fundamental completo	Indústria de Beneficiamento e Empacotamento de Arroz
EI6 (4ª geração)	28	Caxias do Sul	Caxias do Sul	Pádua (norte da Itália)	Católico	Graduação em Administração de Empresas	Granja
EH (3ª e 4ª geração)	66	Santa Maria	Santa Maria	Paterno (Itália – Vicenza) e materno (Alemanha – não sabe a região)	Católico	Graduação em Administração e Ciências Contábeis e Mestrado pela Fundação Getúlio Vargas	Concessionária de Automóveis
EC1	30	Campo Bom	Santa Cruz do Sul	Se auto identifica “sem origem”	Evangélica Pentecostal	Ensino Médio Completo	Estúdio Fotográfico e Presidente de Associação de Empreendedores
EC2	40	Caxias do Sul	Caxias do Sul	Se auto identifica afrodescendente	Católico	Graduação em Administração de Empresas	Gerente Regional do SEBRAE

Fonte: Elaboração do autor

O nosso interesse, quando da realização da parte episódica da entrevista, recaiu sobre a criação das empresas, pois julgamos que deveríamos fazer um corte de um momento central

da trajetória empreendedora. Portanto, apresentamos na sequência um quadro para mostrar ao leitor como essas situações ocorreram em cada caso estudado. Este quadro nos auxiliará para a compreensão da noção de habilidade social e, para posteriormente, adentrar nos meandros da relação entre etnia e empreendedorismo que mobilizaram o presente estudo.

Quadro 2: Habilidade social para a ação empreendedora

Empreendedor	Habilidade social para a ação empreendedora
EA1	Detectou uma oportunidade para abrir um negócio com ozônio quando possuía uma agência de publicidade e propaganda.
EA2	É um empreendedor institucional. Sempre recebeu os convites, pois os outros percebem nele as capacidades desejadas para as funções.
EA3	Detectou uma oportunidade para abrir um negócio quando trabalhava em um banco. Atualmente é um empreendedor institucional.
EA4	Assim que conseguiu juntar uma reserva de dinheiro investiu em seu próprio negócio.
EA5	Ao voltar para sua cidade natal abriu um escritório a partir da detecção de uma oportunidade e empregou-se como funcionária em uma construtora. Quando teve de optar entre um e outro, optou por manter o seu negócio.
EA6	Detectou uma oportunidade para abrir um negócio quando trabalhava em uma empresa pública.

EA7	Foi convidado pelos seus ex-chefes alemães para associar-se em um restaurante.
EI1	Detecta oportunidades emergentes para abrir empresas.
EI2	Com o dinheiro ganho trabalhando, desde os 12 anos, investia em sua vinícola.
EI3	Através da sociedade em uma imobiliária que não deu certo ele detectou os erros e começou a planejar a sua própria imobiliária.
EI4	Inicialmente envolveu-se por uma necessidade no arranjo do negócio. Continuou, pois gostou da experiência. Sempre desejou ter sua própria empresa.
EI5	Após descobrir desvios na empresa do cunhado foi convidado pelo mesmo para tornar-se sócio da empresa. Foi-lhe dada total autonomia para suas ações.
EI6	A empresa está na terceira geração de sucessão. Agregou a produção de uvas de mesa na empresa.
EH	Era sócio minoritário em empresa familiar, mas não estava satisfeito com a situação. Recebeu a oportunidade de tornar-se distribuidor autorizado da Ford, marca para a qual já vendia tratores.
EC1	Detectou uma oportunidade de negócio com característica inovadora para a cidade.
	Abriu o negócio por necessidade, pois

EC2	seria demitida da empresa onde trabalhava.
-----	--

Fonte: elaboração do autor

Cada caso aqui estudado teria muitos dados relevantes a serem apresentados sobre as trajetórias dos empreendedores, mas em decorrência dos nossos objetivos e do espaço dedicado para esse ponto tentamos condensar no quadro como cada empreendedor desencadeou a sua agência.

Fica nítido que a capacidade de detectar uma oportunidade a partir do seu campo de atuação foi o mais recorrente entre quase metade dos empreendedores: EA1, EA3, EA5, EA6, EI1, EI3 e EC1. O outro fator que se mostrou relevante quanto aos empreendedores é o reconhecimento, por parte de indivíduos próximos que assistem a sua atuação, em relação às características desejáveis que eles possuem para empreender e assumir posições de destaque, caso principalmente dos empreendedores institucionais EA2 e EA3, além do EA7 e EI5. É essa capacidade de captar oportunidades – muitas vezes não planejadas – que diferencia o agente hábil em suas ações. Em alguma medida todos os entrevistados demonstram essa capacidade, mas de acordo com o tipo de negócio e o setor ao qual se filiam lhes é exigido em maior ou menor grau. Nos setores que envolvem maior tecnologia essa demanda é mais constante, como mencionado pelo EA6: *A gente tá sempre fazendo coisas novas. Somos que nem a Boeing: voou está obsoleto.*

6.2. Pertença étnica

Dada essa pequena introdução, adentraremos agora nos aspectos concernentes a mentalidade do agente e sua relação com as crenças e com os valores étnicos. O sentimento de pertença a um dado grupo étnico, como apontado por Weber (2000), revelou nuances entre os entrevistados. Três dos quatro empreendedores mais jovens (EA1, EA5 e EI1) em termos de idade demonstraram terem, em certa medida, se distanciado da subjetividade compartilhada por seus membros, ora fazendo apontamentos críticos sobre tais aspectos, ora não conseguindo discorrer detalhadamente sobre. O EA1 quando questionado sobre a história dos seus antepassados relatou que seu pai sabe tudo sobre a imigração, mas ele, por sua vez, desconhece. A única referência que ele faz a algum aspecto étnico é a tradição do sapato de pau cultivada pelo avô. No caso dele, os outros lhe chamam de alemão por possuir as

características fenotípicas socialmente ligadas a essa etnia: o cabelo loiro e os olhos azuis. Ele diagnosticou de forma mais evidente essas características marcantes, percebidas pelos outros como as de um estrangeiro, quando foi ao Rio de Janeiro e se sentiu mal pelos olhares alheios, como se fosse um “ET”. A EA5 quando questionada sobre a(s) característica(s) do descendente de alemão diz que tais características vêm do senso comum. E, por sua vez, a EI1 expressa esse distanciamento com os valores étnicos ao ressaltar apenas os benefícios materiais¹⁷, por meio da cidadania italiana que lhe garantiu o passaporte europeu, não necessitando de visto nos Estados Unidos e lhe possibilitando morar e trabalhar nos países da União Europeia:

Mas hoje não faz parte da minha vida. Eu tenho a cidadania, eu tenho o sobrenome, eu tenho a família, a gastronomia, mas presente, de fazer alguma coisa típica, ou frequentar algum lugar, ou de trazer alguma tradição, isso eu não tenho. (EI1, mulher, 40 anos, Porto Alegre)

A importância do meio urbano é evidente nas trajetórias desses três empreendedores. Isso os diferencia do EI6 que, apesar de ser o mais jovem em idade dos 16 casos analisados, sempre residiu no interior de Caxias do Sul e manteve o sentimento de pertença mais acentuado. Alguns desses empreendedores mais novos foram batizados nas religiões luterana (EA1) e católica (EA5 e EI1), porém no decorrer de suas vidas abriram-se a outras possibilidades religiosas. O EA1 e a EA5 vieram estudar em Porto Alegre. A vinda da EA5 para a capital, onde residiu por 8 anos, fez com que contactasse e estudasse diferentes religiões. Por sua vez, o EI6, gostaria de cultivar mais a cultura do descendente de italiano, assim como seus avós e pais. Ele acredita que a cada geração esse sentimento vai diminuindo. Ele entende, mas não fala o dialeto e, portanto, não poderá ensinar para a sua filha. A religião é o traço cultural do imigrante italiano que ele tenta manter mais próximo em sua vida:

E outra coisa que o italiano deixa forte é a religião. Eu continuo cultivando a religião. Não sou tão praticante quanto meus pais ou meus avós, mas eu tenho um apego sentimental e a crença por isso. (EI6, homem, 28 anos, Caxias do Sul)

O sentimento de pertença nos casos estudados mostrou-se variável de acordo com a idade do entrevistado conjugada, principalmente, às suas experiências marcantes no meio urbano. Os outros empreendedores com mais de 40 anos também foram afetados por

¹⁷ Diferente da EI1, o EI4 menciona que tirar a cidadania italiana, um processo demorado e caro, foi por laços afetivos e culturais.

experiências diversas, porém o sentimento de pertença e os valores étnicos são mais realçados. Os dois entrevistados em que isto ficou mais evidente foram o EA7 e o EI2, ou seja, os representantes com maior idade dentro de cada etnia, com menor escolaridade e com as empresas tipicamente étnicas: o restaurante alemão e a vinícola italiana. Quanto mais se afastam dos vínculos étnicos tradicionais, a mentalidade compartilhada dos empreendedores tende a tornar-se mais fraca ou diluída em outros mecanismos. Ao destacar esses quatro casos de empreendedores étnicos mais jovens (até 40 de idade) nota-se que o diferencial entre eles está no afastamento dos três primeiros de relações mais próximas com membros de gerações anteriores do grupo étnico, enquanto que o empreendedor EI6 ainda mantém estreita essas relações transmitidas e herdadas através dos pais e avós.

6.3. A endogamia

O debate sobre raça e, posteriormente, etnia, avançou consideravelmente se comparado às concepções clássicas do século XIX que vinculavam os fatores biológicos com a raça. Como pontuado no capítulo sobre etnicidade, a estratégia em adotar a noção de um pertencimento étnico biologizante, só considerando como membros dos grupos étnicos de alemães e de italianos os indivíduos gerados endogamicamente se deu por considerarmos que esta ligação entre aspectos culturais e aspectos físicos, como indicadores de pertencimento, ainda circunda e povoa a mentalidade do senso comum. A EI1 explicita claramente essa relação ao enfatizar que sua genética é “100%” italiana, tanto do lado paterno, quanto do lado materno. É interessante notar as associações realizadas por essa entrevistada em relação às suas características físicas, visto que os imigrantes paternos vieram do norte da Itália e os maternos do sul da Itália:

Em características físicas eu vejo uma diferença grande entre o sul e o norte: o sul, talvez pela proximidade com os árabes, eles são mais escuros (tonalidade da pele, cabelo); e os do norte, não. Eles já são pessoas mais claras. Eu fiquei uma mescla: o cabelo escuro com a pele clara. (EI1, mulher, 40 anos, Porto Alegre)

As diferenças físicas supostamente ligadas às regiões de origem dos antepassados são também referenciadas pelo EI4. Como os seus antepassados vieram do norte da Itália, ele reforça essa ideia de que nessa parte do país as pessoas são mais claras. Mas, ao invés de fazer o contraponto com o sul da Itália, como a EI1, ele realiza uma aproximação de que sua

aparência seria mais típica de um germânico: os olhos e a pele claros. E explica o porquê dessa diferença física ao ressaltar que a região dos seus antepassados pertenceu a Áustria e, portanto, antigamente fora germânica. Essa noção racializada de pertencimento a um grupo étnico traz consigo, além das características físicas, a moral e os valores de um grupo e de outro. O EI4 mostra a interferência das feições físicas em seu comportamento:

Eu tenho perfil que não é desse italiano expansivo, falador, que gesticula muito. Mas a grande maioria é assim. Isso se representa em todas as atividades sociais e profissionais. Eu vejo várias pessoas que eu continuo convivendo lá (mais jovens, mais velhos) que têm essas características. (EI4, homem, 50 anos, Caxias do Sul)

A relação entre as características biológicas e os valores é calculada levando em conta a região de onde vieram os antepassados, como nos casos acima, e/ou através da carga genética de uma etnia ou de outra. O EH situa-se no caso da carga genética: ele é filho de pai descendente de italianos e mãe descendente de alemães. A etnicidade italiana, para ele, é uma escolha. Este dado revela a permeabilidade, ao nível subjetivo do entrevistado¹⁸, para um caso híbrido de descendência alemã e italiana. Ele poderia optar tanto por uma quanto pela outra etnia. Mas considera seu comportamento mais de italiano, pela facilidade em se comunicar, em se relacionar e conviver em grupo¹⁹. Por outro lado, em seu filho sobressaíram-se os genes e os valores germânicos. Como se casou com uma descendente de alemães, segundo o EH, seu filho, diretor na concessionária de automóveis, possui mais genética alemã do que italiana, conferindo-lhe pragmatismo e racionalidade na mentalidade empreendedora. Mas ao final, ele conclui que a mescla do alemão com o italiano *é uma mistura boa*.

Essa percepção das características biológicas como sinais diferenciadores específicos (ZANINI, 2011) do pertencimento étnico também é imputada pelos outros indivíduos, aqueles situados fora de dado grupo, para os membros desse grupo. O EI5 relatou uma experiência interessante nesse sentido. Ele nascera no interior de Garibaldi, em uma família com poucos recursos, porém conseguira uma bolsa de estudos para vir estudar no Colégio Marista Rosário, em Porto Alegre. Segundo ele, o fato de ser filho de pai e mãe descendentes de imigrantes italianos causava inveja entre os seus colegas que não possuíam tal característica:

¹⁸ Tornar-se-ia interessante investigar se os membros endogamicamente originados dos grupos étnicos de alemães e de italianos tem essa percepção de escolha fluída.

¹⁹ Essas características levantadas pelo entrevistado puderam ser observadas, pois nós participamos, a convite do empreendedor, da reunião com os funcionários da empresa.

Isso causava inveja no Colégio Rosário. Eu fiz um ano de científico e tinha os caras que diziam: “tu tens sangue azul”. E eu, guri do interior, com 17 anos devolvia: “o que é sangue azul? Meu sangue é vermelho igual ao de vocês”. Mas tu és descendente direto tanto de pai quanto de mãe, diziam eles. (E15, homem, 65 anos, Garibaldi)

Como será detalhado quando abordarmos os pontos relativos ao empreendedorismo ficará explícita que a concepção de empreendedorismo dos interlocutores é consideravelmente biológica/genética, mas com uma outra percepção por parte dos entrevistados, diferente da que nos referimos neste item relacionando a genética com a etnicidade.

6.4. O(s) grupo(s) étnico(s)

Partindo da definição clássica de Weber (2000) em que os grupos étnicos são caracterizados por seus membros nutrirem uma crença na procedência comum, observa-se entre os entrevistados que muitos deles, principalmente a partir do momento que começaram a prosperar em seus negócios, realizaram viagens para os países de seus antepassados para buscar informações sobre suas origens. Se no primeiro tópico apontamos que os mais jovens foram os mais críticos sobre a sua pertença étnica, por outro lado, são os entrevistados com mais idade os que cultivam maior afinidade e interesse em buscar esse passado que lhes confere subjetivamente o pertencimento ao grupo pelas lembranças da imigração. O EA2 relata que foi em uma viagem que fez para a Alemanha, junto com um amigo que foi investigar suas origens étnicas, que ele se questionou em não saber muitas informações sobre seus antepassados²⁰.

Este empreendedor foi o único, entre os 14 casos étnicos, que não soube responder a região de procedência dos antepassados. Cabe destacar ser ele o empreendedor com maior acúmulo de cargos. Apesar de não possuir sua própria empresa, sendo caracterizado como um empreendedor institucional, ele acumula cargos relevantes em uma grande empresa, em associação empresarial e em federação de indústrias. Tanto que ele alega que quando estiver mais liberado de suas atividades, seu plano é buscar as informações sobre seus antepassados alemães para montar a árvore genealógica da família. Alguns empreendedores como o EA3 e o EA7 foram para a Alemanha conhecer parentes longínquos. Enquanto o EA3 conheceu dois

²⁰ No geral, os entrevistados da 3ª ou 4ª geração de descendentes não sabem muitas informações sobre os seus antepassados que imigraram da Europa para o Brasil. Eles trazem informações de que seus antepassados eram pobres, ganharam ou adquiriram lotes coloniais no Brasil, passaram muita necessidade e, aos poucos, com muito esforço melhoraram suas condições materiais.

primos nascidos na Alemanha e se correspondeu por carta com eles durante algum período, o EA7 teve maior dificuldade para contatar seus parentes alemães, conforme relato:

Os meus parentes a primeira vez não me aceitaram. Eu fui em 1980 e telefonei para eles. Na Itália também. Se tu és dos ricos eles aceitam. Se tu és dos pobres ninguém quer saber. Eles pensam que tu estás atrás de dinheiro, de herança. (EA7, homem, 74 anos, Arroio do Meio)

O EA7 deixou claro que não estava atrás de herança, mas mesmo assim não conseguiu se aproximar de seus parentes alemães. O contato só viria mais tarde quando descobriu uma parente nascida na Alemanha, que se encontrava em Porto Alegre. Ele a procurou e levou-a para conhecer Arroio do Meio, sua cidade natal. Desse momento em diante os parentes alemães perceberam que não era interesse em dinheiro, mas sim em conhecer a história da família. O EI2 também passou por situação semelhante quando foi conhecer o local de onde vieram seus antepassados. Para os descendentes de imigrantes essa história é importante, pois mantém acesa a crença subjetiva na procedência comum. Porém, como fica claro nessas narrativas, os distantes parentes alemães ou italianos não são tão receptivos quanto eles imaginavam.

Mas, como salienta Weber (2000), não é só na procedência comum que os membros dos grupos étnicos mantêm a crença na etnicidade. Outro aspecto relevante são os costumes. Reconhecer um costume dos descendentes de imigrantes no Brasil quando se visita o país de origem gera uma sensação de familiaridade e de pertencimento étnico. É como se toda uma experiência cultural fosse revivida no outro país que guarda laços estreitos com a sua história. No momento em que isso se sucede a cultura ganha ainda mais força e sentido, mostrando a sua resistência ao tempo e superando a distância espacial.

Nesse sentido, o fato que mais impactou o EI4, em sua primeira visita à Itália, foram os costumes de um lugar em que ele passeava com a esposa (a empreendedora da entrevista exploratória). Para ele a situação vivenciada em uma vila italiana na qual ocorria uma feira, foi como estar no interior de Flores da Cunha, em função da fisionomia e do jeito das pessoas falarem. O casal de descendentes de italianos almoçou em um restaurante onde tinha uma mesa enorme em sentido horizontal. Na cabeceira tinha um casal de italianos idosos. Tudo indicava que era uma festa para esse casal. Entraram duas crianças com um pacote de presente. Ele imaginou que fosse um quadro. Sua esposa disse: *Aposto que é uma pintura dos dois debaixo do parreiral.* Ela acertou. Para o EI4 a experiência vivida na Itália,

principalmente em relação ao quadro, fez com que ele percebesse que as pessoas que vieram para cá mantiveram esses traços comportamentais e culturais de forma muito consistente.

Para acentuar a relação do empreendedor com o grupo étnico apresentamos o quadro abaixo onde selecionamos os interlocutores das primeiras gerações de descendentes de imigrantes e com maior idade e os das últimas gerações de descendentes de imigrantes e com menor idade na amostra, em cada uma das etnias, para mostrar como os argumentos em relação aos valores do grupo étnico se vinculam ao empreendedorismo levando em consideração o fator geracional:

Quadro 3: Valores geracionais do grupo étnico e o empreendedorismo

Empreendedor	Grupo étnico alemão	Grupo étnico italiano
EA4 (73 anos, 1ª geração)	<p><i>Como a gente foi criado em um mundo muito fechado isso atrapalhou bastante no início da minha vida de empreendedor, porque eu confiava cegamente nas pessoas. Eu, no começo, levei muito calote, perdi dinheiro, pois eu confiava nas pessoas porque como eu só tinha uma palavra e aquela palavra era a verdade, então eu confiava que as outras pessoas também eram assim. A gente não tinha vivência desse mundo cachorro, desse mundo ruim.</i></p>	
	<p><i>Eu tenho 37. A minha adolescência foi mais</i></p>	

<p>EA5 (37 anos, 4ª geração)</p>	<p><i>fechadinha, mas logo depois o Brasil se abriu para o mundo. E a gente também se abriu. Pelo menos os que estavam afins de se abrir. Eu não me sinto presa a cultura. Eu acho que... Assim como eu falei antes: eu fui a primeira mulher presidente da associação de jovens empreendedores e isso para mim não quer dizer muita coisa. Claro que têm características culturais e da educação que ficam na gente, mas são só características. Isso não vai definir. Eu só preciso entender elas para ver a importância que elas têm. Eu posso me relacionar com outras pessoas. Eu acho que quando ficamos muito focados na cultura, e isso tinha muito quando eu era criança, as pessoas ficam xenofóbicas, ficam preconceituosas. E isso eu acho que não nos leva para frente.</i></p>	
		<p><i>Eu estou em uma região</i></p>

<p>EI3 (60 anos, 1ª geração)</p>		<p><i>em que a colônia judaica é maior. E a minha concorrência maior, se tu olhares em volta, é com os judeus. Eu também precisava atingir essa nova clientela. Eu não podia ser a imobiliária só dos italianos. Eu queria ser a imobiliária de todo mundo. Um dos slogans da empresa é: a imobiliária da sua família. Porque família é aquela que acolhe, é aquela que se dedica. Porque eu falava a linguagem deles. Se eu tivesse que falar em moranês, eu falava. Eu sabia o que eles pensavam.</i></p>
<p>EI6 (28 anos, 4ª geração)</p>		<p><i>Semelhante é fazer aquilo que gosta. Meu avô sempre fez aquilo que gostava, meu pai e eu fazemos aquilo que gostamos. A diferença é que hoje eu vejo que se valoriza um pouco mais o momento com a família. Se têm os momentos de lazer. Se dá ao luxo de ter algumas coisas que não se tinha</i></p>

		<p><i>antes. Alguns sacrifícios que eles precisaram fazer para construir, hoje nós já não temos essa necessidade. Mas em termos de princípios a serem passados eu acho que eu manteria: trabalho, respeito, dedicação, foco.</i></p>
--	--	--

Fonte: elaboração do autor

Ao interpretar as falas, onde expomos a relação que os interlocutores atribuem aos valores do grupo étnico e situações particulares do empreendedorismo, constata-se que os empreendedores das gerações mais atuais e com menor idade percebem que houveram mudanças geracionais da sua para as anteriores. Por seu turno, os das gerações mais antigas relatam a percepção de outros valores – fora os do seu grupo étnico – quando interagiram com indivíduos externos. A EA5 destaca que pegou uma fase de abertura dos membros mais jovens do seu grupo étnico e, portanto, não se sente tão presa aos laços culturais quanto alguns membros mais antigos.

O EI6²¹ reforça que hoje os membros mais jovens do grupo étnico de italianos valorizam mais o lazer, algo que os membros mais antigos não faziam, pois eles tinham uma necessidade incessante de trabalhar para conquistar melhores condições de vida. Já os membros das gerações mais antigas e com maior idade na amostra, que conviveram de forma mais “fechada” com os seus respectivos grupos étnicos, destacam que esses valores lhes facilitaram nas relações dentro do seu grupo, mas lhes causaram algumas dificuldades quando tiveram que estabelecer negócios fora dos seus limites étnicos, pois nem sempre a conduta esperada do outro correspondia a sua expectativa.

6.5. Limites entre os grupos: o “nós” e o “eles”

O item agora desenvolvido se deterá sobre um ponto que se revelou significativo para o estudo: os limites, fronteiras e aproximações entre os grupos étnicos de alemães e de

²¹ Mas para ele algumas mudanças geracionais e advindas da modernidade não são positivas, principalmente aquelas que afetam a família. Ele dá o exemplo da separação de casais.

italianos no Rio Grande do Sul. Todos os 16 empreendedores entrevistados nos auxiliam a montar esse mosaico para entender o fenômeno da etnicidade e sua relação com o empreendedorismo. Como primeiro ponto, destacamos que a “lei de Hansen” referindo-se a revitalização (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998) do sentimento étnico pelas gerações mais novas, não foi comprovada. Foram justamente os entrevistados mais novos, todos já da 4ª geração de descendentes de imigrantes, os que demonstram menor vinculação com a identidade étnica de seus grupos. Isso pode reforçar a ideia de Poutignat e Streiff-Fenart (1998) de que com o processo de modernização as ligações étnicas estariam condenadas a desaparecer. Desaparecer pode ser uma palavra forte, porém é notório que as gerações mais novas mantêm vínculos mais fracos se comparadas com as gerações mais antigas. De todos os casos, somente o EA6 demonstrou guardar lembranças a serem esquecidas da experiência como membro do grupo étnico:

Relembrar coisas que não foram as melhores coisas da tua vida, a gente não lembra muito mais. Ela fica escondida e tal. A gente esquece um pouco. Eu tive a sorte de aprender o alemão oficial. Uma das coisas boas que ficou foi ter aprendido o alemão que facilitou o inglês para mim. (EA6, homem, 61 anos, Pelotas)

O EA6 ressalta o aprendizado do idioma alemão oficial tornando-se um facilitador para, posteriormente, aprender o inglês. Este foi, para ele, um dos pontos mais positivos de ter vivenciado a experiência no grupo étnico, um fato que lhe favoreceu no mundo empresarial e dos negócios. É interessante notar que os entrevistados mais novos aos quais nos referimos não conviveram de forma tão intensa nos grupos étnicos de alemães e de italianos como os de gerações anteriores. Eles nasceram e vivenciaram, de acordo com os relatos, experiências mais plurais. O contato com o grupo étnico se deu muito mais no âmbito familiar do que de uma comunidade de pessoas pertencentes ao mesmo grupo. Os indivíduos das gerações mais antigas, como o EA4, representante da 1ª geração de descendentes, filho de pai missionário, traduz como era a vida de um membro do grupo étnico de quem teve uma experiência mais íntima:

Como eu fui criado em uma comunidade somente de alemães a minha educação foi tremendamente rígida. Em muitas famílias os filhos não podiam abrir a boca quando estavam almoçando. Na escola todo mundo apanhava de cinto ou de vara de marmelo. Isso era coisa comum. A educação foi muito rígida. A minha, de um modo todo especial, pois eu era filho de alguém do ministério, do pastor que pregava a palavra de Deus, os bons exemplos, todos os princípios. (EA4, homem, 73 anos, Santa Rosa)

Um ponto de contato entre quase todos os entrevistados descendentes de alemães e de italianos foi que eles, ou seus pais, romperam com o paradigma da agricultura, do meio rural, que estava presente em suas famílias até então, para empreender em outras atividades. Isso só não se aplica, novamente, aos interlocutores com menor idade na amostra, com exceção novamente do EI6 que continua vinculado à granja da família em um regime sucessório. Além desses, também o EI3, nascido em Porto Alegre, e do EI2 que passou sua vida toda cultivando uvas nas terras da família, mas fez dessa atividade o seu empreendimento.

No caso do EH, ele destaca que os pais, com todo o perfil empreendedor, foram os responsáveis por romper com o padrão da agricultura na família. Ele considera uma sorte da natureza o encontro entre os seus pais. Assim que se casaram, a mãe disse ao pai: *quero abrir um negócio*. Novamente, aparece uma apreciação sobre o gene empreendedor. O EH diz que o avô materno era um homem sem ambição, portanto sua mãe deve ter herdado o gene do empreendedorismo de algum outro familiar. Ele considera sua mãe um verdadeiro fenômeno empreendedor.

No capítulo dos procedimentos metodológicos informamos que verificaríamos se o empreendedorismo é uma característica familiar nos casos étnicos. Dos 14 empreendedores, apenas 3 relataram que o empreendedorismo já era comum no âmbito familiar e serviu como um estímulo para empreender. O EH diz ter herdado da mãe a paixão pelo varejo e do pai a visão empreendedora. Da mesma forma, o EI6 relata que somente seus pais são empreendedores nas respectivas famílias. Em sua concepção, o empreendedorismo só dá certo quando, além da visão empreendedora, houver muito trabalho envolvido. O EI3 teve no seu pai e nos seus tios as inspirações para empreender. Ao se referir a esses exemplos empreendedores ele diz que para compreender esse fenômeno nós – enquanto pesquisador – deveríamos conseguir *entrar na cabeça de um imigrante* para entender a busca pelo dinheiro que move esses indivíduos ao largarem seu país de origem para obter uma oportunidade de crescimento econômico. Mas na maioria dos casos não havia exemplos empreendedores na família, como externalizado pelo EA4:

Eu sempre tive desde criança, com 6, 7, 8 anos, uma vontade, uma garra de fazer negócio e também uma vontade de ter uma atividade minha própria. Não depender de emprego. Eu não me inspirei em ninguém da minha família. (EA4, homem, 73 anos, Santa Rosa)

Entre os entrevistados das gerações mais antigas aparece outro relato comum sobre o rompimento com a agricultura. As famílias eram numerosas e as terras ficavam pequenas para dividir entre tantos irmãos. Isso obrigava, principalmente, os homens da família a buscar novas opções de atividade. O EA7 diz ser ele a primeira geração de descendentes em sua família a romper com a vida de colono. Se o indivíduo não quisesse continuar como colono uma das poucas oportunidades era ser padre ou freira. Muitos se transferiam para cidades maiores e montavam negócios comerciais. O pai do EA3 foi mais um caso em que, por falta de oportunidade no meio rural, foi para a cidade abrir um armazém de secos e molhados. Essa ida para cidades maiores abria oportunidades para os seus filhos (os nossos entrevistados). O EA6, com a saída da colônia e a ida para o meio urbano de Pelotas, onde o pai abriu um armazém, descobriu a possibilidade de ingressar na escola técnica, o que foi um divisor de águas em sua trajetória:

A escola técnica possuía fama de que quem se formasse lá, saía empregado. Eu fiz um teste e consegui ingressar na Ericsson. Eu tive chance, pois sempre era mais dedicado. Fiz o teste e passei. A escola técnica deu muita oportunidade para o pessoal de lá. Tanto é que esse meu sócio também estudou lá. Saí de Pelotas e fui direto para São Paulo fazer treinamento dentro do centro Ericsson. Daí tu começa a enxergar a coisa. Depois eu vim para Porto Alegre. Fui para Espírito Santo, Brasília, Bolívia. Mandaram-me para a África, porque a Ericsson era uma empresa sueca e onde eles não gostavam de ir mandavam um brasileiro. (EA6, homem, 61 anos, Pelotas)

Se a etnicidade é um conjunto temporal e mutável de traços culturais (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998), pode-se afirmar que em relação às características apontadas por membros de um grupo em relação ao outro, não houve muita distinção, independente da geração à qual pertencia o entrevistado. A maior variabilidade observou-se no que concerne a particularidades das correntes migratórias. Também é interessante salientar que, em ambas as etnias, a ética do trabalho é uma constante. Este dado corrobora as ideias de Seyferth (1990) de que a maioria dos descendentes de imigrantes representa sua etnicidade e, portanto a mentalidade empreendedora, através do *ethos* do trabalho. Ao adentrar nas questões sobre etnicidade os descendentes de imigrantes sempre evidenciam o legado do trabalho como uma característica da sua etnia que eles herdaram.

O EH, com quem tivemos a oportunidade de conviver antes de realizar a entrevista e acompanhar a reunião semanal da empresa, salienta que o europeu trabalha muito: *Eu sou o primeiro a chegar e o último a sair para dar o exemplo para o grupo. Isso é muito da*

genética do imigrante: o trabalho, o trabalho. O EA2, assim como vários entrevistados, também se refere ao italiano e ao alemão como povos cuja característica é a de ser extremamente trabalhadores. Em algumas falas os entrevistados apresentam dados para atestar o quanto o trabalho faz parte de sua etnia, como o EA4:

O alemão é o povo mais produtivo do mundo. É o número 1 do mundo. Se dividir o PIB pelo número de pessoas que trabalham eles são 11 vezes mais produtivos que os brasileiros. E o americano, em média, é 7 vezes mais produtivo. Isso a maior parte se deve a educação e profissionalização, ou seja, nós estamos ainda muito atrasados. Esse choque de culturas para mim sempre foi muito gostoso para ver a diferença de culturas, de hábitos, na alimentação, na maneira de vestir, na maneira de se comunicar. (EA4, homem, 73 anos, Santa Rosa)

Como apresentado no quadro com as características principais dos empreendedores, o EA4, é filho de pai pastor luterano alemão e mãe americana, descendente de alemães. Então para explicar o ímpeto pelo trabalho, ele recorre a dados sobre a produtividade dos povos com os quais tem ligação. O interessante dessa fala é que, diferente de outros entrevistados, o EA4 designa os alemães como “eles”, e os brasileiros como “nós”. O EI2 alega que a cultura do trabalho é uma vantagem em ser descendente de italiano e, aproveita a ocasião, para tecer uma crítica aos novos imigrantes em Caxias do Sul:

O italiano é um povo trabalhador. Quem habitou Caxias foram os italianos. Hoje tem 20% de italianos e o resto é imigrante. Hoje mão-de-obra não tem em Caxias, pois não querem trabalhar. Que dirá daqui 10 ou 15 anos? Agora estão vindo os africanos. O que vai ser, hein?! Que nem na Itália, eles estão invadindo. Tem diferença (entre nós e eles). O italiano é “pegador”. (EI2, homem, 69 anos, Flores da Cunha)

Se fôssemos apresentar todas as falas sobre essa temática do *ethos* do trabalho faltaria espaço, porém como o nosso objetivo é realçar os momentos mais expressivos no conjunto das entrevistas, acreditamos que as selecionadas acima dão o tom do discurso preponderante entre os membros dos grupos de alemães e de italianos. De maneira geral, destacamos que a disputa de sentido sobre o empreendedorismo, entre os grupos referidos é tênue, ambos se reconhecem e conferem *status* aos membros do outro grupo enquanto empreendedor. Eles estariam sob uma mesma categoria que é a de descendente de imigrante, com algumas especificidades entre uma e a outra etnia, a serem apresentadas na sequência.

Porém a maior oposição ocorre com os brasileiros, aqueles que não pertencem aos grupos de descendentes de imigrantes. Nesse momento, para reforçar a nossa análise, traremos os casos de controle. É sintomático como a EC1 se auto identifica: “*sem origem*”. Mas é o EC2 quem traduz toda a experiência de um negro vivendo em um ambiente cultural dominado por descendentes de imigrantes. Logo, em sua fala inicial, ele ressalta que seu histórico e sua trajetória de vida, enquanto um cidadão caxiense, foi sempre acompanhar a mentalidade empreendedora da região.

Ainda adolescente, estudando no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), observava que muitos amigos e pais de amigos possuíam empresas. Esse convívio, frequentando casas de alemães e de italianos, lhe estimulou a empreender. A região da Serra Gaúcha, na qual ele é o responsável atualmente por fomentar o empreendedorismo e o desenvolvimento econômico em 49 municípios, reúne características propícias para empreender: a junção das culturas italiana e alemã aliadas ao espírito do trabalho. O caso de controle, ora apresentado, mostra como a identidade étnica é um fenômeno implicado em uma sociedade mais ampla que pode amenizar ou evidenciar a etnicidade simbólica de acordo com arranjos e configurações diferentes. O interessante nesse caso é que o afrodescendente reforça o discurso da relação da etnicidade de alemães e de italianos com o empreendedorismo e absorve a sua mentalidade:

Eu observo que é cultural. Mas o empreendedorismo não possui essas barreiras. Qual é a razão de existir de qualquer negócio? O lucro. O que eu aprendi aqui em função da cultura da região: tu só chegas ao resultado e ao lucro em função de muito trabalho. Tu até podes chegar com pouco trabalho, mas não nessa região. E não é nada discriminatório ou preconceito. Um baiano aqui ele vai levar muito tempo para se adaptar e vai levar muito tempo para gerar o resultado do que um nativo. Porque não vai estar acostumado com esse ambiente. Não está acostumado com o clima e vai até desistir. (EC2, homem, 40 anos, Caxias do Sul)

Partindo para o último e importante item desse tópico apresentaremos no próximo quadro as qualidades que os membros dos grupos étnicos de alemães e de italianos citam em relação à sua etnia e a do outro:

Quadro 4: Percepção dos entrevistados sobre as características das etnias

ID	Característica da sua etnia	Característica da outra etnia
EA1	Teimoso	Não soube responder

EA2	Autossuficiente	O grupo é mais unido
EA3	Persistência	Flexibilidade
EA4	Organizado	Expansivo
EA5	O negócio vem antes da solução (sovina)	A solução vem antes do negócio
EA6	Menos proativo (ficaram nos vales)	Mais proativo (foram para a serra)
EA7	Desconfiado	Ambicioso
EI1	Gosta de agradar através da comida	Seriedade
EI2	Trabalhador	Arrisca menos nos negócios
EI3	Expansivo	Organizado
EI4	Expansivo	Organizado
EI5	Trabalhador	Trabalhador (porém, ficaram situados nas zonas mais fáceis de trabalhar)
EI6	Invejoso (mais ambicioso)	Menos ambicioso
EH	Agregador (italiano)	Racional (alemão)

Fonte: elaboração do autor

O quadro apresentando as características conferidas pelos empreendedores às etnias alemã e italiana pinta uma imagem do alemão como um indivíduo com características girando em torno da racionalidade e do pragmatismo para atingir suas metas. Os negócios realizados com descendentes de alemães são bastante objetivos. A EA5 enfatiza que os alemães, em primeiro lugar, combinam como será o negócio e, somente depois disso, os membros decidem

se irão ou não se agrupar no empreendimento. Já os descendentes de italianos, segundo ela, primeiro se agrupam para criar algo e, posteriormente, organizam o negócio. Considerando tais descrições, os descendentes de alemães possuiriam um modelo mental mais próximo a um cálculo racional ao realizar os seus empreendimentos do que os descendentes de italianos. As qualidades conferidas aos italianos estariam mais próximas da passionalidade tornando-os, através dessa certa “irracionalidade”, mais competitivos entre os seus membros.

Essa ideia foi corroborada pelos próprios membros do grupo de italianos, como o EI3 e o EI6. Ambos indicam que a inveja é uma mola propulsora para o italiano progredir. Abaixo as respectivas falas deles:

E entre eles tinha uma grande concorrência. Um queria ser melhor que o outro. Eles queriam fazer a “América”. Fazer a “América” é ter dinheiro, ter propriedades. Então, por exemplo, o meu padrinho construiu um edifício com 3 unidades. O meu pai foi lá e fez melhor. Fez um com 6. Essa disputa entre eles fazia com que eles sobrevivessem. Os irmãos da minha mãe se deram bem e tinham frigorífico porque se uniram. O meu pai ficou sozinho e a minha mãe dizia: “os meus irmãos estão melhores que tu”. Isso fazia com que eles crescessem. Criava uma concorrência entre eles. (EI3, homem, 60 anos, Porto Alegre)

O italiano tem uma característica que ela é boa e ruim ao mesmo tempo. Ele é muito invejoso. Ele cresce muito olhando o que o vizinho faz. É ruim porque tu não sabes o ponto em que tu queres chegar e o que tu queres para ti. Mas ao mesmo tempo é bom, pois isso fez com que a região se desenvolvesse. Essa é uma característica que é bem marcante aqui nos empreendedores. (EI6, homem, 28 anos, Caxias do Sul)

O relato dos empreendedores acima também acentua que, entre o grupo de italianos de forma mais abrangente, não há divisão em torno da mentalidade passional, sejam descendentes de imigrantes do norte ou do sul da Itália. O que difere na percepção dos entrevistados, de maneira geral, é o estigma carregado pelos sulistas, mesmo longe da Itália. Os descendentes de imigrantes do norte da Itália enxergam os do sul como sinônimo de atraso. A EI1, cujo pai é descendente do norte e a mãe do sul, identificou claramente isso durante sua infância. Quando ela fazia algo que era condenado ou moralmente errado, os familiares do norte diziam tratar-se de resquícios dos genes do sul, como explicitado em sua fala:

Existe uma rixa. E isso eu acho que existe lá mesmo. O pessoal do norte não gosta do sul por, talvez, o sul ser uma região mais pobre. Meu pai traz muito essa rixa. Eu só tenho o sobrenome paterno. Eu lembro que na minha infância, quando fazia alguma coisa errada, ou quando não foi do gosto de

alguém, eles diziam que eu puxei pela família do sul. Pelo sobrenome tal. Isso me marcou. Justamente por ser fruto de uma mescla. A parte sul sempre foi a parte mais denegrada. (E11, mulher, 40 anos, Porto Alegre)

Ao trazer tais referências feitas pelos entrevistados, não queremos reforçar estereótipos, mas sim salientar que mentalmente essas distinções são realizadas. Por outro lado, o E13, o único totalmente descendente de família do sul da Itália, foi também o único caso que relatou em sua trajetória envolvimento com negócios ilícitos. Em uma fase de sua vida, ele precisava de dinheiro para sustentar a família, e tornou-se “picareta”²² de carros junto com um primo. Foi nesse momento de sua vida que ele chegou a ter uma arma apontada em seu rosto: *Tu imaginas um mundo à parte, de revólver na cara. É outro mundo. Um submundo.* Esse entrevistado, apesar de enfatizar bastante os fatores étnicos, creditou muito do seu êxito na vida, e enquanto empreendedor, a Deus, devido à reconversão ao catolicismo²³.

Por sua vez, os membros do grupo de alemães não demonstraram nenhuma cisão interna. Como veremos a seguir, as referências aos alemães católicos e aos luteranos, são de experiências históricas, mas não de separações valorativas que colocam um grupo acima do outro, como no caso dos italianos do norte e do sul. Cabe aqui mencionar que até a quarta entrevista só tínhamos entrevistado descendentes de alemães nascidos ou ainda luteranos²⁴. De todas as entrevistas, foi o EA4, filho de pai missionário, e ainda bastante atuante e participativo na comunidade luterana, quem trouxe com maior força o discurso da ética protestante:

O que eu mais herdei foram os princípios de ética, de moral, de honestidade, de sinceridade. Eu acho que eu herdei e consegui passar para os meus filhos. Apesar de ser uma educação muito rígida, mas também houve outro lado: a parte dos princípios. Falar a verdade, ser honesto. Isso é uma coisa boa que eu herdei e até hoje o pessoal me elogia: “tu és caxias”. Eu sou assim e não abro mão. Eu podia tá muito, muito rico hoje, se eu tivesse aproveitado oportunidades que o Banco do Brasil me dava de financiamento com juros baixíssimos, mas com notas frias. Muita gente, conhecidos de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul e do Brasil afora, enriqueceram. Mas eu disse para os meus filhos: se eu conseguir chegar onde cheguei com meus esforços

²² No sentido popular, refere-se ao indivíduo que faz trapaça nos negócios. Como, por exemplo, alguém que vende carros usados com a lataria em perfeito estado e com peças faltando ou em péssimas condições.

²³ Em vários momentos da entrevista ele dá o testemunho de como Deus mudou sua vida: de alguém que tinha tudo para dar errado, com uma arma apontada no rosto, para um empreendedor de sucesso.

²⁴ A religião do entrevistado foi um dado que só descobríamos no momento da entrevista, portanto não tínhamos muito controle sobre essa variável.

e Deus me dando saúde, me dando e me mostrando oportunidades, eu não vejo porque pisar fora da linha. Eu acho que meus filhos estão seguindo a mesma linha. Os princípios cristãos são muito importantes. Se tivermos princípios cristãos, e praticarmos, automaticamente todo o resto vem junto. (EA4, homem, 73 anos, Santa Rosa)

O EA6, também luterano, expressa em sua fala a divisão étnica entre os grupos estudados: *geralmente o alemão é mais luterano e o italiano mais católico*. Este empreendedor que não guarda boas lembranças das condições materiais, enquanto conviveu com o grupo étnico na colônia, diz que após o falecimento de seus pais não tem mais motivos para visitar o lugar onde nasceu. Para ele, os parentes que ficaram lá não progrediram – continuaram como colonos – tornando-se acomodados com a vida no interior. Enquanto o EA4 casou-se com uma descendente de alemães também luterana, o EA6 casou-se primeiro com uma *alemoa* (segundo suas palavras), mas atualmente é casado com uma descendente de italianos, reforçando que as ligações com o seu passado foram praticamente apagadas ao não optar pela endogamia. Ele considera que seus laços estão cada vez mais distantes do grupo étnico com o qual conviveu, porém, em termos de valores preservados da cultura alemã, ele carrega a seriedade.

Seguindo nessa esteira de relações interétnicas entre membros dos grupos de alemães e de italianos, os dados evidenciam que tais interações são consideradas positivas. As cidades da região do Vale do Taquari são citadas como exemplos do bom casamento entre as culturas alemã e italiana. A EA5 realiza inúmeras atividades de negócios em Lajeado, principal município da região, considerada por ela uma mistura de culturas exitosa, levando em consideração clientes com a mescla étnica alemã e italiana, pois propiciou uma mentalidade que aliou a disciplina, a criatividade e o trabalho nos empreendimentos. Por seu turno, o EA3, ligado ao setor do comércio, onde os membros dos grupos de italianos prevalecem, considera produtiva a interação ao adquirir maior flexibilidade nas negociações. Quando o jeito de negociar do alemão se fazia totalmente presente, ele chegou a perder negócios pela intransigência. Com o passar do tempo ele aprendeu, por meio do contato com os italianos, a ser mais maleável e, dessa forma, chegar a um meio termo nas negociações.

6.6. Os grupos étnicos e a história

A relação dos entrevistados com a história de suas famílias, considerando desde os imigrantes que saíram da Europa e vieram para o Brasil exalta as qualidades desses indivíduos como pioneiros e civilizadores. Narra-se uma jornada heroica daqueles que largaram uma vida miserável no Velho Mundo e atravessaram o oceano para imigrar em busca de uma vida com mais possibilidade na distante América, onde também enfrentaram inúmeros obstáculos nas colônias de terra em que não havia absolutamente nada, somente mato para ser cortado para, posteriormente, começar a cultivar o solo. Se no século XIX foram os intelectuais brasileiros quem conferia as qualidades civilizadoras aos imigrantes europeus, atualmente a retórica foi incorporada pelos membros dos grupos étnicos para exaltar os feitos dos seus antepassados.

O discurso dos descendentes de imigrantes também reitera a hierarquia entre as etnias, colocando outros grupos étnicos abaixo dos seus. O EI5 alega que a colonização dos vales por alemães e da serra por italianos trouxe o progresso para essas regiões, pois *se a zona da serra tivesse sido colonizada por portugueses ela estaria dormindo em berço esplêndido até hoje*. Se para o Ocidente, de forma geral, os ingleses e franceses consideram-se nações símbolos do progresso e da civilização (ELIAS, 2011), pode-se transpor essa noção para o caso aqui estudado, em que os grupos étnicos de alemães e de italianos consideram-se símbolos do desenvolvimento e empreendedorismo no Rio Grande do Sul.

E, se a população brasileira enxergava depreciativamente os imigrantes europeus como cidadãos de segunda ordem por trabalharem com a terra, essa visão foi positivada ao longo do tempo. Hoje se enaltece as dificuldades enfrentadas e vencidas por esses indivíduos. E o legado dos antepassados é exaltado pelos empreendedores para buscar a mesma coragem que seus antepassados tiveram para enfrentar os obstáculos pelo caminho:

Esses laços culturais são importantes, pois faz você ter a certeza de que você pode atingir a coisa, pois seus antepassados também conseguiram conquistar. Eles fizeram coisas. Isso faz com que você efetivamente não tenha medo de lutar e buscar atingir certos objetivos. (EA3, homem, 60 anos, Venâncio Aires)

Outro ponto evidenciado foi o período da Segunda Guerra Mundial que afetou diretamente os grupos étnicos em questão com a campanha de nacionalização, principalmente em relação ao “perigo alemão”. Os empreendedores descendentes de alemães foram os que mais fizeram referência a tal situação vivida pelo grupo étnico. Os relatos relacionados aos efeitos da Segunda Guerra Mundial são os mais variados. O EA2, participante ativo dos clubes e sociedades germânicas em Santa Cruz do Sul, conta que muitas dessas entidades

tiveram que mudar de nome naquele período. Já o EA6 frisa a perseguição aos descendentes de alemães por uma “suposta” vinculação com Adolf Hitler. Porém, como principal perda para os membros dos grupos étnicos de alemães, destaca-se a proibição em falar o idioma²⁵:

A pior coisa que aconteceu, tanto para o italiano quanto para o alemão, foi a Segunda Guerra Mundial. Perdeu-se toda a cultura alemã. Perderam-se todas as especialidades que se fazia. Foi tudo proibido. A cultura começou de novo quando o Kaiser entrou. Eles recolheram todo o dinheiro dos italianos e dos alemães que tinha na Caixa. Aquilo era roubo. Muitos morreram na cadeia. Meu pai foi preso em Porto Alegre por falar alemão. Ele ficou um ano preso. (EA7, homem, 74 anos, Arroio do Meio)

Os italianos também foram atingidos pela campanha de nacionalização, porém entre os entrevistados de descendência italiana não houve menções às dificuldades vivenciadas durante o período. Por outro lado, praticamente todos os entrevistados de descendência alemã fizeram-no, inclusive apontando que os italianos também foram afetados na ocasião. Em comum na história dos dois grupos étnicos aqui analisados, quanto ao idioma alemão e italiano, constatou-se, em muitos casos, que foram os primeiros idiomas a serem aprendidos pelos empreendedores, acarretando dificuldades no aprendizado do português.

Teríamos muitas falas para ilustrar as dificuldades em relação ao aprendizado do português, como o EI3 que foi educado com o dialeto italiano do sul e, ao ingressar na escola, seus pais foram chamados para uma conversa, pois ele não sabia falar o português. Com o tempo ele foi se adaptando. A mesma situação passou a EI1. É interessante notar que, nesses casos, a escola representa o símbolo mais forte de aproximação com uma dita “cultura brasileira”.

Sobre a divisão entre católicos e luteranos nos grupos de alemães não se identificou um apartar valorativo, como já mencionado no item acima. Havia pouca interação entre uns e outros, principalmente em função da coesão do grupo luterano que se mantinha mais próximo por comungar de uma religião não-oficial. Somente o EA7 mencionou essa disjunção entre católicos e luteranos em sua cidade, Arroio do Meio, onde os alemães católicos e os alemães luteranos viveram historicamente separados por um longo período. Quando um parente seu de religião católica casou-se com uma protestante teve que sair da cidade em função do problema gerado por tal situação. Nesse sentido, os descendentes de alemães, atualmente, mostraram-se

²⁵ Como já fizemos referência ao EA1 cujos pais não possuíam o orgulho germânico em função das proibições do período da Segunda Guerra, utilizamos agora a fala do EA7.

um grupo em que as divisões internas ao grande grupo foram menos acentuadas do que entre italianos, onde a divisão entre nortistas e sulistas foi mais evidenciada.

Porém no que tange a história do grupo, e para nos auxiliar a compreender a mentalidade desses empreendedores, o fator mais exaltado pelos entrevistados, sejam eles de descendência alemã ou italiana, foi a sua condição de europeu, de ter raízes em um local considerado berço da civilização. Aí podemos enxergar que as noções do século XIX ainda operam subjetivamente no entendimento desses indivíduos ao se posicionarem como povos com história se comparados a outras etnias. Nesse ponto residiria o grande diferencial dos descendentes de alemães e de italianos, pois por mais que em dados momentos históricos, eles ou seus antepassados, tenham vivenciado situações hierarquicamente inferiores no Brasil, eles remetem a cultura milenar europeia na qual encontram suas origens, para justificar as qualidades que os diferenciam de outros grupos étnicos. Para pontuar este dado que se fez tão aparente nas falas dos empreendedores, selecionamos três passagens instigantes:

Você seria um frustrado se fosse cultivar só o que se tem aqui. Eu tenho limitações com o nosso tradicionalismo, pois é uma cultura muito pontual, muito retórica, que possui só décadas. Eu gosto de cultivar a história. Eu sou um estudioso da história, pois eu vim do berço de uma cultura milenar. (EH, homem, 66 anos, Santa Maria)

Eu acho que é maravilhoso você ter essas raízes de um povo que tem história como o alemão e que você, de certa forma, segue essas raízes culturais. Mas o que eu acho muito interessante no Rio Grande do Sul, no nosso estado, é que se conseguiu mesclar o alemão com o italiano. Juntou-se uma obstinação do alemão com uma malandragem do italiano. Você conseguiu juntar essas duas etnias e hoje o alemão aprendeu com o italiano e vice-versa. Basta ver o que nós temos de indústrias maravilhosas na nossa serra que basicamente são de italianos, mas que tem muita coisa do alemão misturado. Eu acho que a junção dessas duas culturas para o Rio Grande do Sul fez muito bem. (EA3, homem, 60 anos, Venâncio Aires)

A gente olhando lá atrás, os romanos foram os caras mais desenvolvidos do mundo. Então eles dominaram a Europa por 600 anos. Então vendo a história deles, é uma história bonita. (EI2, homem, 69 anos, Flores da Cunha)

Enaltecer as qualidades dos europeus foi uma constante durante as entrevistas. Assim reforçam-se as representações positivas sobre os imigrantes europeus e seus descendentes, aproximando-se da noção de Norbert Elias de processo civilizador referente aos elevados padrões éticos e morais do europeu. E, conforme apontado por Giron (2011), os negros e indígenas, identificados como nativos, não faziam parte desse mundo civilizado conhecido pelos imigrantes que aqui desembarcaram e com as noções trazidas da Europa. Esse

pensamento ainda persiste entre os entrevistados da nossa amostra. O EA2 ressalta que tanto o alemão quanto o italiano são povos de muito trabalho em decorrência da cultura milenar da qual fazem parte:

Com todo o respeito ao nativo brasileiro, mas a cultura europeia é uma cultura milenar. E o alemão para chegar lá, os nossos imigrantes, eles trabalharam muito. Isso permaneceu. Além da atividade industrial que já gera um estímulo ao trabalho, é muito trabalho e seriedade. Então se diria: só vocês trabalham? Não, mas isso é uma característica muito forte da cultura alemã: trabalho, trabalho, trabalho. (EA2, homem, 65 anos, Santa Cruz do Sul)

Encerrando aqui os itens mais pontuais sobre a etnicidade destacamos como os descendentes de alemães e de italianos recorrem ao discurso de enaltecimento de suas raízes históricas europeias para se diferenciar de outros grupos étnicos. Tal atitude reforça uma hierarquização entre as etnias que lhes auxilia a explicar determinadas qualidades de seus membros, como o próprio empreendedorismo que será a partir de agora esmiuçado de forma mais específica.

6.7. A Mentalidade do Empreendedor

Nosso estudo recortou o fenômeno do empreendedorismo no seu aspecto étnico para compreender como essas variáveis se combinam. De um lado temos a percepção dos agentes daquilo que os tornou empreendedores e, de outro lado, com nossa análise interpretativa, diagnosticaremos se isso se confirma ou não. E, para praticamente todos os entrevistados, o empreendedorismo é uma característica nata neles. Porém é importante frisar, ao contrário do que imaginávamos, isto não é explicado em função da etnicidade. A crença está no indivíduo, no seu comportamento desejável, em suas habilidades e competências. O ímpeto em empreender relaciona-se com o perfil visionário desses indivíduos. Nesse sentido, o conceito comportamentalista de empreendedor, identificando-o como um indivíduo que tem de lutar contra as forças do hábito para colocar seus projetos em vigor, ganha força. Uma das características mais apontadas foi a de que os empreendedores são ativos nas suas ações, mesmo encontrando obstáculos para realiza-las.

Essa vinculação do empreendedor como um indivíduo com qualidades inerentes para a ação empreendedora perpassou os mais diferentes perfis de entrevistados. Para empreender é necessário ter no DNA o atributo, como dito pelo EH: *a pessoa que já tem no sangue esse*

perfil tem uma vantagem muito grande. Em apenas três dos casos estudados a relação entre etnia e empreendedorismo apareceu de forma direta durante a parte episódica da entrevista. Entre eles destacamos o EI4, casado com a empreendedora que concedeu a entrevista exploratória para o estudo, repetindo o mesmo discurso dela ao enfatizar que vem de uma cidade, Caxias do Sul, onde se dá muita importância para o trabalho e para o sucesso de um empreendimento e, portanto, o empreendedorismo representaria uma herança cultural dos imigrantes italianos.

Como veremos no decorrer, ao entrar nas narrativas dos empreendedores sobre os seus empreendimentos, foi possível observar que existem variáveis sociais e culturais incidindo na mentalidade empreendedora. Mas, nesse primeiro momento, para situar o leitor optamos por partir das falas dos entrevistados, da percepção do empreendedor sobre o que é ser empreendedor. De maneira geral, eles demonstram que o empreendedorismo é sinônimo de inovação, como classicamente conceituado por Schumpeter, e o estímulo em enfrentar os riscos e desafios para empreender evidencia várias definições similares: no sangue, na alma, no DNA, no instinto.

A busca pela novidade é uma constante na trajetória de quem empreende. Porém, nem todos os empreendedores aqui estudados se situam na definição mais tradicional proposta por Schumpeter (1997) em que o agente destrói criativamente a ordem econômica vigente. Com exceção das empresas de alta tecnologia, em decorrência da exigência dos negócios, as demais empresas mostraram um nível mais incremental de inovação em seus produtos ou serviços, se aproximando mais da definição proposta por Drucker (2002) do agente que inova captando oportunidades. Se o setor no qual a empresa se situa influencia na forma de atuação empreendedora, em termos de valores os empreendedores foram bastante similares em suas habilidades e competências daquilo que os move na ação empreendedora.

Nesse momento é crucial explicitar que, em um primeiro momento, enquanto planejávamos o estudo entendíamos o empreendedor como o criador de uma empresa. Porém, entre os 16 casos aqui analisados, o EA2 nunca foi proprietário de uma empresa. Esse dado nós só descobrimos durante a entrevista. É inegável que ele possui as características empreendedoras, porém sua atuação se dá no âmbito institucional. Ao reconstituir toda sua trajetória empreendedora foi no diretório acadêmico da faculdade que ela teve o seu início. É interessante notar que este empreendedor desempenhou diversas funções institucionais, entre elas, atualmente ele é presidente da associação empresarial promotora da Oktoberfest, em

Santa Cruz do Sul. Ele salienta que os seus pares sempre o incentivaram a concorrer ou a ocupar determinados cargos por enxergarem nele alguém com competências ideais:

Eu sou inquieto. Tem que aparecer uma ideia e eu tenho que ajudar a pôr aquela ideia em prática. A maioria das pessoas que se envolvem com associativismo quer que as coisas aconteçam e daí tu geras atividade. (EA2, homem, 65 anos, Santa Cruz do Sul)

Uma das características mais marcantes dos empreendedores, como destacado acima, é a inquietude em relação ao *modus operandi*. O traço comum que move os empreendedores em seus negócios é a diferenciação. A inquietude desses indivíduos faz com que eles pensem constantemente no futuro para vislumbrar oportunidades. Os relatos em relação a esse sentimento remete a infância dos entrevistados. Ao olhar para o passado, algumas situações marcaram suas trajetórias, estimulando-os a projetarem desde cedo o ato de empreender. Mais uma vez a dimensão geracional salienta algumas diferenças entre os entrevistados. Os empreendedores com mais idade e, portanto, com uma convivência mais próxima com o grupo étnico vivenciaram, em geral, situações de dificuldade material, tornando-se um estímulo empreender para mudar a situação e as condições de existência. A ação empreendedora para esses indivíduos significava vislumbrar uma mudança de vida, caso do EA7, nascido no interior, em uma família numerosa e com escassos recursos:

Desde pequeno eu enxergava as coisas. Quando eu tinha 5 anos, morava bem no interior e apareceu um teco-teco. Eu disse: eu quero andar. Eu sempre tive ideias bem malucas. Vou comprar, vou fazer aquilo. Todo mundo gozava de mim. Hoje eu conheço 40% do globo terrestre. Nós fomos 4 vezes de navio para a Europa. Fomos para os Emirados Árabes. Logo vamos para a China. (EA7, homem, 74 anos, Arroio do Meio)

Já os entrevistados com menor idade na amostra, e os mais críticos sobre os aspectos étnicos, como identificado no início do capítulo, também mencionam a infância como um momento em que iniciaram a desenvolver uma mentalidade empreendedora. Mas, diferente dos com mais idade, eles não vivenciaram tais dificuldades materiais. Ao contrário, as condições materiais lhes foram favoráveis, estimulando-os a empreender para além de uma necessidade de mobilidade social e econômica. A EI1 conta que começou a vender bijuterias quando criança, incentivada pela tia, também empreendedora, para aprender a não depender de um salário ao final do mês. Passagem semelhante também foi vivenciada pela EA5 que

tinha uma necessidade interna de trabalhar para si, mesmo que não necessitasse materialmente disso:

Eu comecei com a veia empreendedora muito cedo. Desde criança eu já tinha um hábito de vender pedras, depois eu fazia perfumes para vender. Não sei por que compravam, mas compravam. Eu sempre tive esse tipo de iniciativa. Eu sempre fazia algo pensando em multiplicar para que os outros tivessem acesso aquilo que eu estava fazendo. (EA5, mulher, 37 anos, Santa Cruz do Sul)

Relacionando os dados apresentados sobre a experiência dos indivíduos no grupo étnico e o empreendedorismo verifica-se que o empreender para os mais velhos foi uma necessidade para vencer as dificuldades materiais enfrentadas, principalmente os de origem rural. Já para os empreendedores mais novos, o desenvolvimento de uma mentalidade empreendedora foi um estímulo a seguir um caminho com maior autonomia. Porém, em ambos os casos, observa-se que os empreendedores, desde cedo, tinham muita confiança em si mesmos e no que se tornariam. O vencer na vida também representa para eles ser dono do próprio negócio ao invés de trabalhar como funcionário, como explicitado pelo EA4:

Eu sempre fui uma pessoa que na minha cabeça eu queria ser um vencedor na vida. De não ficar em um emprego e ganhar um salário "x". Eu queria ser um vencedor, de uma forma ou de outra. (...) Eu serei um vencedor. Não interessa quantas cabeçadas eu darei, quantos tombos eu tomarei, mas eu serei um vencedor. Levei muitos tombos. (EA4, homem, 73 anos, Santa Rosa)

O trecho acima nos auxilia a discorrer sobre outra característica defrontada pelos empreendedores: os riscos. Empreender também é sinônimo de enfrentamento de riscos. A noção de risco é bem clara para os empreendedores, visto que todos já enfrentaram e passaram por situações desse tipo. Ao tratar desse ponto é unânime a posição de que os riscos não são confortáveis, mas são inerentes ao universo do empreendedor. Em alguns casos, o risco leva ao fracasso momentâneo e, partindo desse momento adverso, serve de aprendizado: *o que fica na memória são os dois fracassos para não repeti-los (EA6)*. Mas até o risco, segundo os empreendedores, pode ser calculado. Em alguns negócios, dependendo do setor, eles são maiores ou menores. Nesse ponto, fica muito evidente a habilidade dos agentes em lidar com situações difíceis para levar seus empreendimentos adiante. Mas, por outro lado, como os valores que norteiam os empreendedores é ser visionário e enfrentar desafios, os riscos são encarados como parte do negócio e da atividade empreendedora:

Aceitar o desafio e ao mesmo tempo enfrentar esse desafio. Claro que todo empreendedor corre riscos. Também não adianta se atirar em um precipício e dizer: “eu vou sair voando”. Não é bem assim. Você tem que, de certa forma, pesar os riscos que você tem quando vai enfrentar um desafio. Ou quando você vai empreender alguma coisa você tem de pesar os riscos que terá. (EA3, homem, 60 anos, Venâncio Aires)

Quanto aos riscos enfrentados pelos empreendedores nota-se uma relação de maior risco nos empreendimentos de alta tecnologia, caso do EA1, do EA6 e do EI4. Como esses negócios envolvem uma inovação contínua, aos moldes de Schumpeter, os riscos são proporcionais e qualquer deslize pode ser fatal para o negócio. Esses empreendedores relatam que o risco é constante em seus negócios, pois a todo o momento eles são impelidos a desenvolver novos produtos para, somente depois, saber como o mercado absorverá a novidade. Isto não ocorre em setores mais tradicionais. Nesse ponto podemos lançar o seguinte questionamento: então os outros indivíduos aqui analisados, com empresas situadas em setores tradicionais, não seriam empreendedores? Eles são empreendedores, pois assumem os riscos de forma ativa e desvendam oportunidades, e mesmo que seus negócios não exijam tanta inovação, eles inovam incrementalmente para diferenciarem-se no mercado e, com isso, se destacam em relação aos concorrentes.

6.8. Valores e habilidade social

Novamente o caso de controle 2 (EC2) é exemplar, pois mesmo não sendo oriundo dos grupos aqui analisados, é muito forte em sua fala a vinculação dos valores culturais dos grupos étnicos de alemães e de italianos forjando a sua mentalidade e interesse em empreender. Por meio do contato e das interações com membros desses grupos étnicos, reflexivamente ele leu o contexto em que se encontrava, onde a cultura do imigrante e o ímpeto em empreender era tão presente, para vir a desenvolver a ação empreendedora baseada nos valores desses grupos étnicos. Em seu seio familiar não havia exemplos empreendedores. A família era basicamente composta por policiais civis ou militares. Em seu relato é interessante notar que cada um dos quatro irmãos nasceu em cidades diferentes. O EC2 foi o único que nasceu em Caxias do Sul e o único que veio a empreender. A fala que segue é bastante ilustrativa dessa relação entre os valores étnicos e o empreendedorismo:

Meus irmãos não vivenciaram essa questão cultural que eu vivenciei. Como eu nasci aqui, o meu ciclo de amizades é aqui. Os meus irmãos também têm amigos aqui, mas mais para região metropolitana e sul do estado. Eu frequentava casas de italianos, de alemães, e com aquela cultura do trabalho, da empresa, de ter o seu negócio. E acabei frequentando esse ambiente. (EC2, homem, 40 anos, Caxias do Sul)

Em relação aos empreendedores étnicos no tangente à agência deles em empreender, verificou-se que novamente o fator geracional apresenta nuances significativas. Os empreendedores com maior idade e que vivenciaram a experiência étnica de uma forma mais objetiva estimularam-se a empreender principalmente por interesses materiais. Foi recorrente a história de que seus núcleos familiares eram numerosos e com poucos recursos materiais. O EA7 veio de uma família com 15 irmãos e o EI2 de uma família com 10 irmãos. Para mudar a situação material só lhes restava o trabalho para, posteriormente, criar o seu próprio empreendimento. O EA7 diz que no início, em seu trabalho de marceneiro, visando acumular capital, *em cada 24 horas, eu dormia 1 hora*. Já nos empreendedores étnicos mais jovens esses valores, quando trazidos à tona²⁶, refletem-se mais em termos de elaborações mentais ideais, enquanto um discurso que pode, ou não, ser ativado para explicar o que está sendo inquirido utilizando-se de certas generalidades:

Eu acho que é cultural mesmo. Como aqui no Rio Grande do Sul é muita descendência italiana ou alemã eu vejo que é meio parecido, pois é difícil tu ir à casa de alguém que não tenha uma dessas descendências. A maioria das pessoas que eu convivo todas tem essa descendência. (EI1, mulher, 40 anos, Porto Alegre)

A situação mais comum entre os empreendedores foi a de que os episódios relacionados ao empreendedorismo sempre foram visando alcançar um novo degrau, pois de forma geral, para eles, o empreendedorismo é sinônimo de movimento. A habilidade dos agentes também consiste em perceber a emergência de tendências e aproveitá-las favoravelmente em seus negócios. Por vezes, as ideias desenvolvidas pelos empreendedores encontram algumas dificuldades por tratar-se de novidades no contexto brasileiro. Para tanto, novamente é necessária habilidade dos agentes para driblar algumas situações de dificuldade. Essas situações nem sempre são confortáveis para o empreendedor, porém a capacidade de compreensão do seu entorno e de mobilizar os recursos do ambiente social são ativos importantes para realizar e concretizar exitosamente a ação empreendedora.

²⁶ Voltamos a enfatizar que nesses casos a etnicidade já se encontra bastante diluída em outros mecanismos e a concepção de empreendedorismo é mais individualizada, sem tantas menções aos valores do grupo étnico.

6.9. Etnia e Empreendedorismo

Por fim, depois de todo um percurso em que intentamos construir as conexões entre etnia e empreendedorismo norteando nossas inquietações, chegamos ao último ponto em que nos deteremos objetivamente a esta relação em nosso papel enquanto sociólogo para não conferir um tratamento setorializado aos referidos assuntos. Se a confiança e a cooperação estão na base do empreendedorismo étnico esse aspecto se verificou especialmente em um caso: o EI3. O convívio e a interação com os membros do grupo étnico foi o que alavancou o empreendimento. Quando montou sua própria imobiliária ele tinha toda a estrutura, mas não tinha os clientes. Uma empresa totalmente familiar em que a sociedade era composta por ele, sua esposa, seu pai e sua irmã. Foi a partir do momento em que os membros da comunidade de italianos em Porto Alegre trouxeram seus imóveis para a imobiliária que o seu negócio começou a prosperar. Atualmente ele possui mais de 5000 clientes e enfatiza que: *O que mais me orgulha é que eu nunca comprei carteira imobiliária. Todos os clientes que aqui passaram foram conquistados.* Porém no início do negócio foram os membros do grupo étnico, conquistados através da confiança estabelecida entre eles, quem impulsionaram o empreendimento.

Este empreendedor, da primeira geração de descendentes a nascer no Brasil, relata como foi a vinda do seu pai para o Brasil e como era o convívio entre os membros do seu grupo étnico:

Ele veio para o Brasil buscando uma oportunidade de crescer e formar uma família. Quando ele chegou aqui ele viu um campo próspero. Ele iniciou vendendo bilhete e se aventurou a comprar um açougue, porque outro patrício tinha um açougue e ensinou ele. E aí as coisas deram certo. Quando deu certo ele começou a chamar o resto da família. A dele e a da minha mãe. Que fizeram o quê? Seguiram o exemplo dele. Venderam bilhetes e depois viraram açougueiros. Um ajudava o outro. Qual é a grande diferença? Tu nunca deves ter ouvido na tua vida, graças a Deus, que tu és filho de um italiano ladrão. Eu ouvi isso. Porque meu pai acordava às 4h da manhã para trabalhar enquanto os pais dos outros acordavam às 8h e andavam bonitinhos. Meu pai andava com os dedos sempre sujos e não tinha tempo para nada. Então ele trabalhava muito e não tinha tempo para gastar dinheiro. Claro que sobrava dinheiro e começava a economizar, ou seja, ele não ia a um restaurante. Nós íamos entre nós. O que faziam os italianos? Aglomeravam-se para cantar as músicas deles, para tomar porre de cerveja e de vinho, para jogar carta, para comer a massa, para comer pizza, mas era na comunidade onde eles se sentiam de novo na região deles. Isso faz falta e o imigrante fazia isso. (EI3, homem, 40 anos, Porto Alegre)

Nesse relato é perceptível como a interação entre os membros do grupo de italianos do sul cooperou uns com os outros para auxiliar seus iguais a conquistar uma vida melhor no Brasil. Mais uma vez o fator geracional mostra-se relevante para compreender algumas nuances, pois o intenso convívio com o grupo étnico possibilitou, subjetivamente e objetivamente, que o empreendimento fosse adiante. Mas, na maioria dos casos, o que se observou foi a ativação de uma crença comum – de uma etnicidade simbólica – entre os membros dos grupos de alemães e de italianos, quando incitados a refletir sobre a relação entre etnicidade e empreendedorismo, como se a aspiração em tornar-se empreendedor fosse uma qualidade de sua etnia ou das duas etnias.

Fora a cooperação com os integrantes do grupo étnico para empreender, identificamos dois casos em que os empreendedores criaram negócios tipicamente étnicos, valendo-se da valorização de aspectos da cultura alemã e italiana no Rio Grande do Sul como um ativo para a vida econômica (HALTER, 2007). Referimo-nos aos empreendedores alemão 7 e ao empreendedor italiano 2 cujos negócios são, respectivamente, um restaurante típico alemão e uma vinícola. Quando da realização das entrevistas com estes empreendedores, os com maior idade e menor grau de instrução, não foi necessária realizar a transição da parte episódica para a parte narrativa, pois aconteceu espontaneamente no decorrer do relato dos entrevistados, salientando essa relação mais íntima com os seus grupos étnicos. Nesses dois casos, ter esses negócios foi um caminho possível pela experiência enquanto membro do grupo étnico. Em comum, os dois entrevistados relatam que as viagens que marcaram suas trajetórias foram para os respectivos países de seus antepassados: *abriu a cabeça*, enfatiza o EI2 sobre a viagem para a Itália. Já o EA7 faz a seguinte descrição de sua viagem para a Alemanha:

Em 1980 eu fiz a primeira viagem ao exterior. Fui para a Alemanha. Nós tínhamos vendido o restaurante e com o dinheiro que sobrou eu fui para a Alemanha. Todo mundo fala que na Alemanha todo mundo é rico. Ricos somos nós brasileiros que estamos sentados em cima do ouro, mas não enxergamos. (EA7, homem, 74 anos, Arroio do Meio)

Outro ponto a ser destacado e que diferencia os empreendedores étnicos aqui investigados é a região de onde eles são provenientes, evidenciando a vinculação entre identidade, cultura e região (HERÉDIA, 2005). São os empreendedores da região de Caxias do Sul, onde a cultura do imigrante é fortemente identificada com a prática empreendedora que a distinção baseada na etnicidade é mais ativada. Isso fica evidente quando novamente

olhamos para o EC2 que, mesmo não sendo membro desses grupos étnicos, mas nascendo em Caxias do Sul, onde a identidade do imigrante italiano tornou-se símbolo da região, faz menção ao legado da cultura imigrante: *Claro que tem uma questão da característica da região. A cultura italiana, misturada com a cultura alemã, e o espírito de trabalho. É interessante notar que o EH, da região de Santa Maria, não faz essa relação entre etnia, região e empreendedorismo. No caso de Santa Maria ele destaca a importância da universidade para o desenvolvimento da região: a imigração foi importante até uma época, mas o que mudou Santa Maria foi a universidade.*

Na próxima sessão teceremos as conclusões às quais chegamos com este estudo, porém antes vamos apresentar um quadro para mostrar como a relação entre etnia e empreendedorismo se apresentou em cada caso aqui analisado:

Quadro 5: Percepção dos entrevistados sobre a relação entre etnia e empreendedorismo

Empreendedor	Relação entre etnia e empreendedorismo
EA1	Não faz nenhum vínculo com a etnia. Atribui o empreendedorismo ao ambiente tecnológico.
EA2	O valor do trabalho.
EA3	A persistência em atingir os objetivos.
EA4	A ética protestante.
EA5	O valor do trabalho e da disciplina.
EA6	Não faz nenhum vínculo com a etnia. Atribui o empreendedorismo ao ambiente da cidade.
EA7	O valor do trabalho.
EI1	Não faz nenhum vínculo com a etnia. Acredita que é nato da pessoa.
EI2	O valor do trabalho.
EI3	O valor do trabalho.
EI4	O valor do trabalho.
EI5	O valor do trabalho.
EI6	O valor do trabalho.

EH	O valor do trabalho.
EC1	Não faz nenhum vínculo com a etnia. Em seu caso o empreendedorismo foi por necessidade.
EC2	Atribui aos valores culturais dos alemães e italianos.

Fonte: elaboração do autor

Cabe salientar que fora os casos do EI3, do EI4 e do EC2 que fizeram relatos espontâneos vinculando o seu ímpeto empreendedor com o mecanismo étnico, os demais tiveram que ser estimulados para discorrer sobre essa relação. Como pode se perceber na tabela, grande parte deles, principalmente os descendentes de italianos, exaltam o valor do trabalho como o legado do grupo étnico que contribuiu para empreender. Já dois casos de descendentes de alemães (EA1 e EA6) relatam que o rompimento com o ambiente mais próximo ao grupo étnico foi o que lhes instigou a empreender e criar uma empresa de alta tecnologia. Os dois saíram de suas pequenas localidades onde a cultura do imigrante alemão era tão presente e foram para cidades que lhes abriram outras possibilidades, como pode ser conferido nas seguintes alusões:

No interior é muito “cricrizada” (uns falando dos outros). Eu prefiro pensar em outras coisas. Tudo menos o “cri-cri-cri” do interior. No interior é assim. Depende do que tu enches na tua cabeça, do que tu tens nela. Tu vais encher com as coisas que estão ao teu redor. Eu acho que isso é o que faz o meio. Tudo depende do ambiente. Se tu estás em um ambiente tecnológico eu vou criar coisas tecnológicas. Se eu estou em um ambiente infantil eu vou ficar infantil. (EA1, homem, 40 anos, Cruzeiro do Sul)

Uma pessoa que nasce na roça não tem muito ambição até porque o mundo dele é muito pequenininho. Qualquer coisa é muito boa. Na verdade essa vontade de fazer coisa por conta própria e tentar progredir nasceu com o tempo. Eu percebi que eu tinha algumas capacidades. Não vou dizer se boas ou não. Eu tinha vontade e se tu fosses atrás tinha alguns caminhos abertos. Depois é bola de neve. (EA6, homem, 61 anos, Pelotas)

Se pensarmos nos termos de Seyferth (1990), exaltar o *ethos* do trabalho é um traço comum dos descendentes de imigrantes para representar sua etnicidade, simbolizado por seus antepassados que transformaram o ambiente inóspito em lugar civilizado. Para não adiantar nenhum ponto da conclusão que se segue, finalizamos aqui a análise de dados, momento em que tentamos dar conta de um amplo espectro de dados relacionando etnia e empreendedorismo, colhidos durante vários meses, para nos auxiliar a responder ao problema que lançamos no início deste estudo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira proposição adotada nesta investigação foi a de tratar, sem ignorar os aspectos objetivos, a etnicidade de imigrantes alemães e italianos e seus descendentes como uma construção social, ou seja, este foi um pressuposto inicial e não um ponto de chegada do estudo. Mostramos a diversidade e a heterogeneidade tanto dos locais de onde foram provenientes os entrevistados e seus antepassados, assim como as particularidades culturais das correntes migratórias que se dirigiram ao Rio Grande do Sul, e a forma como foi se construindo e reforçando a imagem do imigrante enquanto civilizador, pioneiro e empreendedor.

A revisão histórica nos auxiliou a explicitar as condicionantes do processo que atuaram consideravelmente a favor desses grupos de imigrantes europeus em termos simbólicos e também objetivos. Mesmo antes de sua chegada ao Brasil já havia um clima favorável em relação aos imigrantes europeus, pintando a imagem de um indivíduo que viria a civilizar e auxiliar na constituição da nação brasileira (AZEVEDO, 1987).

Muitos desses grupos étnicos se mantiveram culturalmente coesos mesmo sem se isolar geograficamente (GANS, 2004) – o que não quer dizer que não houve contato interétnico – e reforçaram uma diferenciação baseada na etnicidade. Por isso parece pertinente averiguar a influência dos mecanismos étnicos sobre a mentalidade do empreendedor. É evidente que em alguns lugares essa relação entre etnicidade e empreendedorismo foi mais saliente, principalmente na cidade de Caxias do Sul. Foi entre os empreendedores dessa cidade que a relação foi mais exaltada. O discurso do êxito do imigrante europeu foi constantemente acionado para explicar a mentalidade empreendedora desses indivíduos, tanto que nosso estudo partiu de uma entrevista exploratória com uma empreendedora de Caxias do Sul no qual os elementos étnicos foram bastante realçados como explicativos do seu ímpeto empreendedor. A relação apontada por Herédia (2005) de ligar intimamente os conceitos de identidade, cultura e região faz muito sentido nesses casos averiguados.

Se o estudo fosse somente com os empreendedores nascidos em Caxias do Sul talvez pudéssemos afirmar que o mecanismo étnico desencadeou a mentalidade empreendedora em função da relação entre identidade, cultura e região. Prova maior dessa relação é o EC2 que, mesmo não sendo membro desses grupos étnicos, tem incorporado e alimenta a sua mentalidade nas crenças e nos valores étnicos de alemães e de italianos como estímulos a ter desenvolvido a ação empreendedora. O EI6 também corrobora essa hipótese, pois foi o único dentre os empreendedores mais jovens que não fez apontamentos críticos em relação à

etnicidade. Ao contrário, em sua visão, as ligações culturais com os valores do imigrante italiano devem ser mantidas e preservadas. Assim como o EI4 (casado com a empreendedora da entrevista exploratória) que, mesmo não residindo mais na cidade, atribui a esses valores a sua mentalidade e ímpeto empreendedor. De toda maneira, não temos dados que comprovem tais pressuposições, nem mesmo foi esse nosso interesse de pesquisa. O fato é que para nosso foco de pesquisa, esses elementos constituem o imaginário desses grupos, e buscamos entender em que medida tais crenças e valores influenciam na mentalidade empreendedora desses agentes.

Ao nível subjetivo a maioria dos empreendedores com a vinculação étnica carrega uma crença comum de que eles mantêm o legado dos seus antepassados, não se detendo a essas especificidades regionais, como se todos estivessem sob uma mesma categoria que é a de descendente de imigrante, seja ele alemão ou italiano no que concerne ao empreendedorismo. Este pode ser um dos efeitos da modernidade (GIDDENS, 1991) sobre a etnicidade (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998) dos descendentes de imigrantes, conferindo novos contornos ao elemento étnico. Não podemos esquecer que no Brasil há uma visão positivada do imigrante europeu e, portanto, como assinala Poutignat e Streiff-Fenart (1998) reforça-se uma etnicidade simbólica, pois não é interessante para os interlocutores destacar que a relação entre etnia e empreendedorismo não ocorreu em todas as regiões onde se instalaram grupos de imigrantes. Se assim o fizessem, muitos deles não estariam inclusos nessa herança e teriam maiores dificuldades em elaborar sua narrativa discursiva.

A maior evidência de que na maioria dos casos é a etnicidade simbólica que é ativada para explicar o empreendedorismo é a forma não espontânea como isso ocorreu nas entrevistas, ao contrário do que imaginávamos com base na entrevista exploratória. A vinculação somente aconteceu quando eles foram estimulados a discorrer sobre a relação entre etnia e empreendedorismo e, dessa maneira, ativam essas lembranças e estoques de conhecimento. Quando da realização da parte episódica da entrevista que se fixou somente ao empreendedorismo, sem estimular nenhuma vinculação com a etnicidade, apenas três empreendedores (EI3, EI4 e EC2) apontaram a etnia como o mecanismo desencadeador da mentalidade empreendedora. Os outros empreendedores, em sua maioria, enfatizam a genética – sem ser de ordem étnica – como explicativa para o empreendedorismo. Na percepção deles o indivíduo nasce ou não empreendedor, pois já está em seu DNA. Ao enfatizar essa percepção dos entrevistados não estamos corroborando que seja o DNA genético o desencadeador do empreendedorismo.

Nossa proposta foi a de, partindo do recorte étnico, verificar se este foi ou não um mecanismo decisivo para desencadear a mentalidade empreendedora comparado a outros mecanismos. Mas ao interpretar os dados diagnosticamos que a habilidade social (FLIGSTEIN, 2007) do agente atuou de forma preponderante para que eles viessem a empreender. Ao remontar o conjunto dessas histórias e narrativas constatou-se que foi o rompimento com algum padrão do grupo étnico, principalmente representado pela quebra do paradigma da agricultura, ou pela saída da colônia para uma cidade mais urbana e com maiores possibilidades e recursos que auxiliou a expandir os seus horizontes ou dos seus antepassados, afastando-se da figura do colono que representaria simbolicamente o atraso contraposto ao desenvolvimento almejado (SANTOS; ZANINI, 2009).

Foi essa habilidade social do agente em compreender o contexto social no qual estava inserido e vislumbrar novas oportunidades para melhorar suas condições que os mobilizaram para empreender, pois na maioria dos casos o ambiente do grupo étnico era limitador e eles continuariam sendo colonos. Dessa maneira, os atores adotaram um comportamento de agente a partir da reflexividade em relação ao seu contexto e ao campo de possibilidades que estavam disponíveis (EMIRBAYER & MISCHÉ, 1998). Assim, sobressaiu o estímulo a mentalidade empreendedora conferindo-lhes habilidade para identificar oportunidades e angariar recursos – entre os quais o étnico em dadas situações foi importante – para empreender.

A pesquisa também nos conduziu a outros achados que a princípio não estavam entre nossas inquietações centrais referentes às aproximações, aos limites e às separações entre os grupos étnicos de alemães e de italianos no Rio Grande do Sul. Identificou-se uma tendência de descendentes de alemães e de italianos, tanto por parte dos membros de um grupo quanto dos de outro, serem vistos como empreendedores e com grande contribuição para o desenvolvimento do Rio Grande do Sul, sobretudo exaltando o *ethos* do trabalho. Mais uma vez evidencia-se a etnicidade simbólica (POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998) dos empreendedores, pois a maioria dos descendentes de imigrantes reforça sua etnicidade baseada no *ethos* do trabalho (SEYFERTH, 1990).

Mas, para além desse já propagado *ethos* do trabalho dos imigrantes, os dados apontaram para diferenças em termos de características entre as duas etnias estudadas e sua relação com o empreendedorismo. A maior diferenciação residiria no fato de que os alemães tendem a características mais racionais, enquanto os italianos para a passionalidade – e até mesmo uma certa “malandragem” nos negócios – e, assim, os valores étnicos de descendentes de alemães e de italianos difere nesse aspecto conferindo uma certa fronteira e limite

subjetivo entre os grupos (BARTH, 1998). Em alguns casos destaca-se que é na interação interétnica entre os membros desses grupos que a mentalidade do empreendedor adquire vantagens, pois conjuga as características ideais das crenças e dos valores dos dois grupos.

Seguindo na esteira de Souza *et alia* (2011) os valores da colonização ibérica afetariam negativamente o empreendedorismo. A maior contraposição realizada pelos interlocutores não é entre os grupos de alemães e de italianos, mas sim entre os grupos imigrantes (seja alemão, seja italiano) e os brasileiros ou membros de etnias consideradas por eles hierarquicamente inferiores, como os portugueses e seus descendentes. Os descendentes de alemães e de italianos encontram na menção ao legado histórico do europeu o suporte para inferir a sua superioridade em relação aos outros e explicar o porquê do êxito de seus membros na atividade empreendedora.

É interessante notar que os portugueses – também de origem europeia – não estariam incluídos nessa herança, pois são classificados, segundo a percepção dos entrevistados, como oriundos de grupos inferiores etnicamente para desenvolver a atividade empreendedora se comparado aos grupos de alemães e de italianos. Reforça-se a comparação entre a zona sul do estado, colonizada por portugueses, com as regiões de imigração alemã e italiana para acentuar essas diferenciações de caráter étnico relacionada ao desenvolvimento.

Igualmente relevante é destacar como a etnicidade altera-se de geração para geração. Entre os entrevistados com menor idade na amostra e das gerações mais atuais o sentimento de pertencimento étnico é mais fraco se comparado aos demais, desde que tenha se distanciado de uma vivência mais direta com os membros do seu grupo. Esse dado pode reforçar a tese de que com o passar do tempo e o processo instalado na modernidade os valores tradicionais estariam condenados a desaparecer. Este é um tópico que poderia também ser mais aprofundado com os empreendedores aqui investigados se contássemos com mais tempo para desenvolver o estudo. Ou cabe aguardar atingirmos a quinta ou sexta geração de descendentes de imigrantes para averiguar se a etnicidade simbólica desaparecerá com a total assimilação dos membros dos grupos étnicos pela sociedade global, como salientado por Poutignat e Streiff-Fenart (1998).

Após tecer essas considerações pode-se afirmar que a hipótese geral levantada não se confirmou, ou seja, o mecanismo étnico não foi, para a maioria dos interlocutores, decisivo para desencadear a mentalidade empreendedora, pois os empreendedores não expressaram em sua narrativa uma crença subjetiva comum espontânea – somente se estimulados – que os anima a ir mais longe, até mesmo relegando a ocorrência de outros eventos ou a incidência de

outros mecanismos pautados por uma racionalidade econômica ou por um viés comportamental. Ao contrário, a maioria dos interlocutores destaca o rompimento com algum padrão do grupo étnico como propulsor para empreender. A vinculação entre etnia e empreendedorismo só ocorreu, na maioria dos casos, quando os empreendedores foram estimulados pelo pesquisador a falar sobre a etnicidade, pois ao contrário as menções seguem em outra direção, principalmente de cunho comportamentalista, ou são bastante tímidas no que se refere ao mecanismo étnico.

Confirma-se que a mentalidade empreendedora foi principalmente estimulada pela inserção em outros espaços sociais como a ida para o meio urbano ou os ambientes tecnológicos e acadêmicos com os quais contataram, e dependeu fortemente da habilidade social dos agentes em realizar uma leitura do ambiente, mobilizando recursos em seus campos sociais de atuação e, em muitos casos, rompendo com o mundo do grupo étnico, para criar suas empresas. Por outro lado, não podemos negar que o fato de o indivíduo ser membro do grupo étnico propiciou elementos subjetivos que são ativados simbolicamente para discorrer e exaltar as qualidades dos imigrantes alemães e italianos e de seus descendentes em decorrência do *status* positivo que lhes é conferido, quando são inqueridos sobre esses pontos.

Atualmente há uma configuração em que os elementos distintivos de um grupo étnico em relação ao outro estão cada vez mais diluídos no que concerne a relação com o empreendedorismo e, portanto, ganha força a categoria empreendedor descendente de imigrante, independentemente de o indivíduo ser do grupo étnico alemão ou italiano ou de qual região ele é proveniente, pois ambos possuem e reforçam o *status* de pioneiro, de civilizador e de empreendedor, os ligando mais intimamente.

A maior contribuição para delinear uma investigação deste tipo estaria centrada na diferença dos valores de alemães e de italianos na direção das empresas; em como os valores mais próximos a cada etnia orientam a ação dos agentes empreendedores. Portanto, caberia testar futuramente a hipótese de que a diferença básica residiria nos valores mais racionais dos alemães em relação aos italianos. O presente estudo abriu perspectivas de novas pesquisas, para explorar ainda mais a problemática em questão. Uma possibilidade seria ampliar a abordagem do estudo e acrescentar uma terceira etnia que se dirigiu ao Rio Grande do Sul, mas não tão representativa quanto estas duas para verificar como é sua relação com o empreendedorismo ou investigar mais a fundo cada um desses casos, contatando e entrevistando pessoas próximas a esses empreendedores, como pais, irmãos ou filhos, para comparar tanto o empreendedorismo quanto à etnia e tentar desvelar ainda mais o fenômeno.

Fica em aberto ainda a questão de como os valores étnicos podem potencializar a ação empreendedora. *Por quais razões alguns agentes manifestam e enaltecem a crença em sua natureza empreendedora, vinculando-a a um imaginário comunitário ou a uma identidade étnica?* Uma estratégia metodológica para resolver essa outra questão seria selecionar membros de grupos étnicos que afirmam a importância do mecanismo étnico frente a outros que as rejeitam.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Simone de Lira *et alii*. O empreendedorismo Compreendido sob a perspectiva dos Estudos Culturais. In: *Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação de Administração*, 2010, Rio de Janeiro. XXXIV EnANPAD 2010. Rio de Janeiro: ANPAD, 2010. Disponível em: < <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/gct1958.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites – século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997.

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, *Teorias da etnicidade*, trad. E. Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998, pp. 187-227.

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Eve. *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo, 2009.

CALVOSA, Marcello. Quais São os Valores dos Empreendedores de Sucesso? Um estudo meta-analítico. In: *VII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*, 2010, Resende. VII SeGET, 2010. Disponível em: <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos10/243_SEGET%20-%20Empreendedorismo%202010.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2015.

CAPPELLIN, Paola; GIULIANI, G. M. A racionalidade, a cultura e o espírito empresarial. *Sociedade e Estado*, Universidade de Brasília, v. XVII, n.1, p. 123-152, 2002.

CAPPELLIN, P.; *et alia*. *Entre Memória e Mercado: Famílias e empresas de origem italiana no Brasil*. Belo Horizonte, Argvmentvm, 2010.

CONEDERA, Leonardo de Oliveira. Imigração e trabalho: a presença italiana em Porto Alegre, no pós-guerra (1946-1976). *Revista Eletrônica Métis*. História e Cultura. UCS, v. 11, p. 81-96, 2012.

DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e Germanidade*, São Leopoldo, RS: Sinodal, 2003.

DREHER, Martin Norberto. Identidade e relações interétnicas: pobres, mendigos e vagabundos. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti; Radünz, Roberto. (Org.). *História e Imigração*. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v., p. 71-92.

DRUCKER, Peter. *Inovação e espírito empreendedor: prática e princípios*. 6a. ed. São Paulo: Thompson/Pioneira, 2002.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000. Introdução: Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsidiers.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Tradução: Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. V.1.

ELSTER, Jon. Marxismo, funcionalismo e teoria dos jogos Argumentos em favor do individualismo metodológico. *Lua Nova*, São Paulo, n. 17, jun. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451989000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

EMIRBAYER, Mustafa; MISCHE, Ann. What is agency? *American Journal of Sociology*, Vol. 103, No. 4, p. 962-1023, 1998.

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 114 – 136

FLIGSTEIN, Neii. Habilidade social e a teoria dos campos. *RAE, Revista de Administração de Empresas*, FGV, Vol. 47, Nº. 2, Abr/Jun, pp. 61-80, 2007.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 64 – 89

GANS, Magda Roswita. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GEERTZ, Clifford. *O saber local*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GERTZ, René. A guerra que ainda não terminou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *Anais Eletrônicos do II Congresso Internacional de História Regional*. Passo Fundo, UPF, 2013. 14 páginas. Disponível em: <<http://www.renegertz.com/arquivos/baixar/index.php?arquivo=guerranaoterminou/Guerranaoterminou.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

GIDDENS, Anthony. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade* [1984]. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIRON, Loraine Slomp. Marcas da escravidão: relações entre imigração e escravidão na Região de Colonização Italiana. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti; Radünz, Roberto. (Org.). *História e Imigração*. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v., p. 97-128.

GONÇALVES, Sérgio Campos. Poder e civilização no Brasil Imperial: a Monarquia na perspectiva da História das Ideias. *Diálogos Latinoamericanos*, v. 20, p. 48-71, 2013.

GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. IN: MARTES, Ana Cristina Braga (Org.). *Redes e Sociologia Econômica*. São Carlos-SP: Edufscar, 2009. (p. 31-68)

HALTER, Marylin. Cultura econômica do empreendimento étnico: caminhos da imigração ao empreendedorismo. *Rev. adm. empres.*, São Paulo , v. 47, n. 1, Mar. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000100008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

HERÉDIA, V. B. M. O mito do imigrante no imaginário da cultura. *Métis (UCS)*, v. 4, p. 233-244, 2005.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. Historiografia da Imigração Italiana no Brasil. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti; Radünz, Roberto. (Org.). *História e Imigração*. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v., p. 241-264.

HOFSTEDE, Geert. *Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Silabo, 1997.

LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder; KARAGEORGIS, Stavros. Migration Networks and Immigrant Entrepreneurship. IN: LIGHT, Ivan; BHACHU, Parminder. *Immigration and entrepreneurship. Culture, capital, and Ethnic Networks*. New Brunswick, New Jersey: Transaction Publishers, 2009. 2º ed. p. 25-49.

MACÊDO, Fernanda Maria Felício; BOAVA, Diego Luiz Teixeira; SILVA, Amanda Fontes. Estudo sobre as abordagens econômica e comportamental no empreendedorismo. In: *XII SEMEAD*, 2009, São Paulo. Anais, 2009. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/597.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

MARQUES, Rafael. Introdução: os trilhos da NSE. IN: *A Nova Sociologia Econômica*. 2003, p.1-67.

MARTES, Ana Cristina Braga. Weber e Schumpeter: a ação econômica do empreendedor. *Rev. Econ. Polit.*, São Paulo, v. 30, n. 2, Junho 2010 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572010000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

MARTINELLI, Alberto. Uma Perspectiva Italiana do Empreendedorismo: Entrevista com Alberto Martinelli. Entrevista concedida a Maurício C. Serafim; Isabela Leão. *RAE Eletrônica*, v.6, n.2, art. 17, 2007. Disponível em: <http://www.rae.com.br>. Acesso em: 01 de março de 2015.

MCCLELLAND, D. *The achieving society*. New York: VanNostrand, 1961.

MELLO, S; SOUZA LEÃO, A; CORDEIRO, A. O Sujeito como Centro da Ação Empreendedora: Concepção e Verificação Empírica de um Arcabouço Conceitual-analítico. *Organizações & Sociedade*, 2007, vol. 14, n. 41.

MINER, J. B. *Os quatro caminhos para o sucesso empresarial: como acertar o alvo no mundo dos negócios*. São Paulo: Ed Futura, 1998.

MONTORO, Guilherme Castanho Franco *et alia*. Contexto socioeconômico e atuação do BNDES na Região Sul. In: MONTORO, Guilherme Castanho Franco et al. (Org.). *Um olhar territorial para o desenvolvimento: Sul*. Rio de Janeiro: Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, 2014. p. 42-71.

NASCIMENTO, Roberto do. Caxias – 2010: 132 anos de urbanização. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti; Radünz, Roberto. (Org.). *História e Imigração*. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v., p. 317-330.

OLIVEIRA, Márcio de. O Tema da Imigração na Sociologia Clássica. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 57, n. 1, Março de 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582014000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. De como os Alemães se Tornaram Gaúchos pelos caminhos da modernização. In: Mauch, Cláudia; Vasconcellos, Naira. (Org.). *Os Alemães no Sul do Brasil*. 1.ed. Canoas: ULBRA, 1994, v., p. 199-207.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*, trad. E. Fernandes. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil, *Tempo Social, Revista de Sociologia USP*, São Paulo, v.1, n.1, p. 29-46, 1989.

RATTON, Jr.; MORAIS, Jorge. Para ler Jon Elster: limites e possibilidades da explicação por mecanismos nas ciências sociais. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 46, n. 2, p. 385-410, 2003.

SANTIN, Silvino. *Caminhos da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. 2008. Disponível em:

<http://labomidia.ufsc.br/Santin/Col_italiana/8_Caminhos_da_ImigracaoItaliana_No_RS-chronicas_31_a_40.pdf>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SANTOS, Miriam de Oliveira. A Imigração Italiana para o Rio Grande do Sul no final do século XIX. *Histórica*, São Paulo, v. Nº 09, 2006. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao09/materia01/>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SANTOS, Miriam de Oliveira; ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Especificidades da identidade de descendentes de italianos no sul do Brasil: breve análise das regiões de Caxias do Sul e Santa Maria. *Antropolítica (UFF)*. v. 27, p. 21-42, 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.uff.br/index.php/antropolitica/article/viewFile/14/4>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SCHUMPETER, J. A. Teoria do Desenvolvimento Econômico. *Coleção Os Economistas*. São Paulo, Nova Cultural Ltda, 1997.

SEYFERTH, Giralda. *Imigração e Cultura no Brasil*, Brasília, Editora UnB, 1990.

SEYFERTH, Giralda. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: Mauch, Cláudia; Vasconcellos, Naira. (Org.). *Os Alemães no Sul do Brasil*. 1.ed. Canoas: ULBRA, 1994, v., p. 11-27.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 26, n. 77, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SOMBART, Werner. *El Apogeo del Capitalismo*. Vol. I, 2ª edição, trad. esp., México: FCE, 1984.

SOUZA, Eda Castro Lucas de; DEPIERI, Cristina Castro Lucas de Souza. Cultura e Atitude Empreendedora: Um Estudo em Empresas no Distrito Federal. *Faces (FACE/FUMEC)*, v. 6, p. 90-100, 2007. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/facesp/article/view/105/102>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SOUZA, Eda Castro Lucas; *et alia*. Práticas Sociais, Cultura e Inovação: três conceitos associados. *Revista de Administração FACES*, v. 10, p. 210-230, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/1940/194022079011.pdf>>. Acesso em: 01 de março de 2015.

SPINK, Mary Jane Paris; GIMENES, Maria da Gloria G. Práticas discursivas e produção de sentido: apontamentos metodológicos para a análise de discursos sobre a saúde e a doença. *Saude soc.* São Paulo, v.3, n. 2, 1994.

SWEDBERG, Richard. Sociologia Econômica: hoje e amanhã. *Tempo Social*, 16(2), 2004, p.7-34.

SWEDBERG, Richard. A sociologia econômica do capitalismo: uma introdução e agenda de pesquisa. IN: MARTES, Ana Cristina Braga (Org.). *Redes e sociologia econômica*. São Carlos: EdUFSCar, 2009. 336p.

TIMMONS, J. A. *The entrepreneurial mind*. Andover: Brick House Publishing, 1989.

TRUZZI, Oswaldo Mario Serra; NETO, Mário Sacomano. Economia e empreendedorismo étnico: balanço histórico da experiência paulista. *RAE, Revista de Administração de*

Empresas. São Paulo, v. 47, n. 2, Junho 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902007000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 de março de 2015.

WEBER, Max. Relações comunitárias étnicas. In: WEBER, M. *Economia e sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UnB, 2000, v. 1, pp. 267-277.

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais*. São Paulo: Cortez Editora 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Edição especial revisada por Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, Max. A origem do capitalismo moderno. In: *História Geral da Economia*. São Paulo: Centauro, 2006. p.257-333.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. *Dimensões – Revista de História da UFES*. Vitória: universidade Federal do Espírito Santo. n. 18, 2006, p. 236-250.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. – 3. Ed. – Porto Alegre: Bookman, 2005. 212 p.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. Italianidades em perspectiva: imigrantes e descendentes de italianos no Rio Grande do Sul. In: Herédia, Vania Beatriz Merlotti; Radünz, Roberto. (Org.). *História e Imigração*. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2011, v., p. 159-170.

APÊNDICES

Apêndice 1: Roteiro de entrevista com os empreendedores

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome: _____

Idade: _____

Local de nascimento: _____

Descendente de: () alemão () italiano

Religião: _____

Área de formação: _____

Formação: () ensino fundamental incompleto () ensino fundamental completo () ensino médio incompleto () ensino médio completo () ensino técnico () ensino superior incompleto () ensino superior completo () especialização () mestrado () doutorado () pós doutorado

PARTE EPISÓDICA:

Durante a parte episódica, o entrevistador também fará algumas perguntas a partir do relato do entrevistado que já possam adiantar alguns pontos da parte narrativa referente aos elementos étnicos. Iniciaremos com a parte do empreendedorismo para não induzir o entrevistado a fazer a vinculação entre empreendedorismo e identidade étnica. A intenção é de que a subjetividade do entrevistado, seus valores e crenças, emergam de forma mais espontânea possível.

1. Relate livremente como se deu a criação de sua empresa, lembrando os momentos e situações relevantes que você julga importante quando tornou-se empreendedor.
2. O que significa empreendedorismo para você? O que se relaciona com a palavra empreendedorismo para você?
3. Você possuía exemplos empreendedores na família? Se sim, quem eram e qual o tipo de relacionamento que você tem/tinha com eles?
4. Se você pudesse escolher alguém que lhe é inspiração na atividade empreendedora, quem seria e por quê?
5. Quando você olha para o passado, qual foi sua primeira experiência com o empreendedorismo?
6. Qual foi sua experiência ou contato mais importante com o empreendedorismo?
7. Poderia, por favor, dizer-me como foi seu dia de ontem, e onde e quando o empreendedorismo teve algo a ver?

8. Qual o diferencial do seu empreendimento para torna-lo bem sucedido e diferenciar-se dos concorrentes?
9. Quais seus conhecimentos sobre o mercado de atuação e sua estratégia de vendas?
10. Gostaria que você me descrevesse alguns momentos ou situações em que foi necessário você ser criativo, aproveitar as oportunidades, ser perseverante e ter capacidade de liderança.
11. O empreendedorismo geralmente está associado a situações de risco. Conte um momento em que você enfrentou situações de risco no empreendimento.

PARTE NARRATIVA:

Será na parte narrativa que traremos os elementos étnicos, a vivência e experiência do empreendedor enquanto um descendente de imigrante, procurando captar os valores e crenças dele sobre estes aspectos. Como indicado acima, alguns dos pontos da parte narrativa, sobre a etnicidade, podem surgir espontaneamente quando realizadas as perguntas sobre empreendedorismo, se isso acontecer, aproveitaremos para aprofundar esses pontos no momento em que o entrevistado fizer tais referências.

12. Conte-nos a história de sua família, desde os imigrantes que vieram da Europa, até a sua geração, quem eram, o que faziam, quais suas principais referências em relação a eles.
13. Quais os principais sentimentos que você carrega em relação a sua ascendência e comparado com as gerações anteriores (pais, avós) com os quais você conviveu, quais seriam as principais semelhanças e diferenças em relação a esse sentimento.
14. Se lhe pedissem para descrever as principais características de um descendente de italiano/alemão, quais seriam elas e por que as escolhestes.
15. Quais seriam para você as principais diferenças entre a cultura do descendente de imigrante italiano/alemão em relação ao descendente de imigrante italiano/alemão? Cite o valor principal, ou os valores, que você vincula a cada cultura.
16. Quando você reflete sobre a cultura do imigrante italiano/alemão, característica da sua cidade de origem, o que pensa sobre ela? Quais os limites e as possibilidades que ela oferece aos membros do grupo?
17. Quais as principais vantagens e/ou desvantagens que você observa, ou já observou, através de experiências em sua vida, em ser descendente de italiano/alemão?
18. Qual o seu sentimento em relação a cultura do imigrante italiano/alemão? O quanto você acredita que essa cultura foi importante para você? E o quanto você cultiva dela?
19. O quanto você acredita que a cultura do imigrante italiano/alemão influencia ou influenciou em sua percepção e concepção de mundo e sobre si mesmo? Se puder traga exemplos práticos de como isso se deu ou se dá em sua vida.